

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO**

ANGELO DA CONCEIÇÃO DEMUNER

**O ESPÍRITO SANTO NA SALA DE AULA: NARRATIVAS, SABERES E FAZERES
DE PROFESSORES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

VITÓRIA
2021

ANGELO DA CONCEIÇÃO DEMUNER

**O ESPÍRITO SANTO NA SALA DE AULA: NARRATIVAS, SABERES E FAZERES
DE PROFESSORES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação de Mestrado Profissional em Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito, na linha de pesquisa “Docência e Gestão de Processos Educativos”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regina Celi Frechiani Bitte

VITÓRIA

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D369e Demuner, Angelo da Conceição, 1984-
O Espírito Santo na sala de aula : Narrativas, saberes e fazeres de professores de história da educação básica / Angelo da Conceição Demuner. - 2021.
167 f.

Orientadora: Regina Celi Frechiani Bitte.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

I. Bitte, Regina Celi Frechiani. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

ANGELO DA CONCEIÇÃO DEMUNER

**O ESPÍRITO SANTO NA SALA DE AULA: NARRATIVAS, SABERES E FAZERES
DE PROFESSORES DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação de Mestrado Profissional em Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito, na linha de pesquisa “Docência e Gestão de Processos Educativos”, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 15/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Regina Celi Frechiani Bitte
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Profa. Dra. Maria Alayde Alcântara
Salim
Centro Universitário Norte do Espírito
Santo

Prof. Dr. Vilmar José Borges
Universidade Federal do Espírito Santo

Profª Drª Sônia Maria dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia

A Deus, o criador do universo, que guia meus caminhos e me capacita.

Aos meus pais Maria de Lordes e Paulo César, que me proporcionaram uma boa educação e ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje.

Às minhas filhas Alice e Eliza, que me dão forças para prosseguir em todas as circunstâncias.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo fôlego de vida e a capacitação para chegar a este momento, mesmo em meio a tantas adversidades. Aos meus pais, Paulo César e Maria de Lourdes, pela educação que recebi, pelo acalento nos momentos difíceis e pelo amor que recebi desde sempre. Às minhas filhas Alice e Eliza pelo carinho, acolhimento e motivação para perseguir e concluir este projeto. Ao meu irmão Ricardo e a Fernanda Moraes por estarem ao meu lado me incentivando neste processo.

À professora Dr^a. Regina Celi Frechiani Bitte, por apostar neste projeto e me orientar com tanto cuidado, atenção e sempre me motivando a melhorar e avançar nesta pesquisa. Ao professor Dr. Vilmar José Borges que também me auxiliou e orientou desde que cheguei ao mestrado. Aos meus amigos do grupo de estudos Laylla Vervloet, Aline Buter, Thiago Barcelos e aos mais novos membros Igor e Raiane, pelas contribuições dadas em nossos encontros.

À professora Dr^a. Maria Alayde por aceitar participar da minha banca de qualificação, juntamente com o professor Vilmar, e posteriormente de minha banca de defesa com a participação da professora Dr^a. Sônia Maria. Aos professores Alexandro Braga e Soler Gonzalez, coordenadores do PPGMPE. Às professoras Kalline, Inês, Dulcineia, Renata, Patrícia Trazzi e Larissa, com as quais aprendi muito durante as disciplinas cursadas e aos demais professores e funcionários do programa.

À Flávia Siqueira pela revisão no meu projeto e texto de qualificação. À Virgínia pela revisão da dissertação para a defesa. Aos amigos Talita Vaz, Fernanda Nunes, Alexandre Flores e outros que de alguma forma contribuíram para esta pesquisa.

Aos professores Carlos Fabian, Thaís, Priscilla, Wagner e José Elias que cederam suas entrevistas para este trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) pelo valioso apoio financeiro para esta pesquisa.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.

Walter Benjamin

RESUMO

O estudo tem como principal objetivo analisar práticas de ensino de História do Espírito Santo (HES) nas escolas municipais de Vitória, com o intuito de mapear e socializar essas experiências docentes que incluam e viabilizem o trabalho dos professores com a temática. A matéria-prima para o desenvolvimento da pesquisa são os saberes e fazeres explícitos nas narrativas dos professores de História do município de Vitória/ES. Para tanto, apoiados nos pressupostos teórico-metodológicos da História Oral Bom Meihy (1996), Delgado (2006) e Alberti (2013), com ênfase na História Oral Temática, realizaram-se entrevistas que desvelam narrativas dos professores acerca de sua formação e do labor na lida com a sala de aula. Depreende-se daí a importância de estudos e reflexões que visem subsidiar o trabalho dos professores de História, tidos como os principais mediadores na produção de conhecimentos históricos. Nas narrativas dos professores, identificamos a preocupação em trabalhar com a construção da identidade histórica dos sujeitos pertencentes ao Espírito Santo, buscando a valorização da identidade capixaba. Entendemos que a HES pode trazer para o aluno o conhecimento das diversas práticas culturais presentes nas comunidades locais e na região onde habitam. Ao final, elaboramos uma proposta com alternativas metodológicas para o ensino de HES no intuito de contribuir para as práticas docentes dos professores de História.

Palavras-chave: Narrativas. História Oral. Ensino de História. Espírito Santo.

ABSTRACT

The main objective of the study is to analyze the teaching practice in the teaching of the History of Espírito Santo (HES) in the municipal schools of Vitória, in order to map and socialize these teaching practices that include and enable the development of studies on the theme. The raw material for the development of the research are the knowledge and explicit actions in the narratives of History teachers in the Vitória / ES city. Therefore, based on the theoretical and methodological assumptions of Oral History Bom Meihy (1996), Delgado (2006) and Alberti (2013), with an emphasis on Thematic Oral History, interviews were conducted that unveiled teachers' narratives about their training and the labor in the classroom. Hence the importance of studies and reflections that aim to subsidize the work of History teachers, considered as the main mediators in the production of historical knowledge. In the teachers' narratives, we identified the concern to work with the construction of the historical identity of the subjects belonging to Espírito Santo, seeking to valorize the Espírito Santo identity. We understand that HES can bring to the student the knowledge of the diverse cultural practices present in the local communities and in the region where they live. At the end, we developed a proposal with methodological alternatives for teaching HES in order to contribute to the teaching practices of History teachers.

Keywords: Narratives. Oral History. History teaching. Espírito Santo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras	72
Figura 2 – Casarão colonial sede do Museu Solar Monjardim	80
Figura 3 – Símbolo do projeto <i>Visitar Centro Histórico</i>	82
Figura 4 – Palácio Anchieta.....	84
Figura 5 – <i>Print</i> da página do Youtube da série <i>Raízes</i>	89
Figura 6 – Estátua de Araribóia.....	97
Figura 7 – Foto antiga da estátua de Araribóia	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantidade de trabalhos encontrados nas plataformas pesquisadas	22
Quadro 2 – Dissertações e teses selecionadas no banco de dados da Capes.....	22
Quadro 3 – Dissertações e teses selecionadas no BDTD.....	22
Quadro 4 – Artigos encontrados no SciELO.....	22
Quadro 5 – Livros.....	23
Quadro 6 – Locais passíveis de realização de aulas de campo para o ensino de HES	85
Quadro 7 – Sugestões de vídeos para o ensino de História do Espírito Santo.....	91
Quadro 8 – Acervos de imagens para elaboração de aulas de ensino de História do Espírito Santo.....	99

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCEF	Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental
EJA	Educação de Jovens e Adultos
Emef	Escola Municipal de Ensino Fundamental
Enem	Exame Nacional de Ensino Médio
HES	História do Espírito Santo
MEC	Ministério da Educação
PMV	Prefeitura Municipal de Vitória
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
Sisu	Sistema de Seleção Unificada
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A BUSCA POR DIÁLOGOS: AMPLIANDO O OLHAR SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO ESPÍRITO SANTO	21
1.1 OS DIVERSOS OLHARES SOBRE A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA PRODUÇÃO ACADÊMICA	21
1.2 A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NO CURRÍCULO E NA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA.....	31
2 NARRATIVAS E MEMÓRIAS DOCENTES: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO	42
2.1 CONHECENDO NOSSOS SUJEITOS DE PESQUISA.....	46
2.2 LOCALIZANDO OS SABERES E FAZERES SOBRE O ESPÍRITO SANTO	54
2.3 SOBRE AS FONTES, OS RECURSOS E OS MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO	57
2.4 SOBRE A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO...62	
2.5 DIFICULDADES E DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO	65
3 ENTRE SABERES E FAZERES: ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO	71
3.1 O USO DAS AULAS DE CAMPO NO ENSINO DE HES	74
3.1.1 Museu Solar Monjardim	80
3.1.2 Centro Histórico de Vitória	82
3.2 O USO DE VÍDEOS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO	86
3.3 O USO DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO	92
CONSIDERAÇÃO FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	109

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA THAÍS DANTAS DOMINGOS CAMPOS DE OLIVEIRA.....	110
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR WAGNER MEIRA DOS SANTOS	116
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR CARLOS FABIAN DE CARVALHO	122
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ ELIAS ROSA DOS SANTOS	127
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA PRISCILLA LAURET COUTINHO	138
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA NOVA ENTREVISTA COM A PROFESSORA THAÍS DANTAS DOMINGOS CAMPOS DE OLIVEIRA.....	153
APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA NOVA ENTREVISTA COM O PROFESSOR WAGNER MEIRA DOS SANTOS	156
ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO.....	160
ANEXO B – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELA PROFESSORA THAÍS DANTAS DOMINGOS CAMPOS DE OLIVEIRA.....	161
ANEXO C – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELO PROFESSOR WAGNER MEIRA DOS SANTOS	162
ANEXO D – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELO PROFESSOR CARLOS FABIAN DE CARVALHO	163
ANEXO E – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELO PROFESSOR JOSÉ ELIAS ROSA DOS SANTOS	164
ANEXO F – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELA PROFESSORA PRISCILLA LAURET COUTINHO.....	165

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *O Espírito Santo na sala de aula: narrativas, saberes e fazeres de professores de história da Educação Básica* surgiu de inquietações que vivenciei na época da graduação, concluída no ano de 2013, e posteriormente na docência, a partir de 2015, quando comecei a atuar na escola. Durante a licenciatura em História, ao cursar a disciplina “História do Espírito Santo”, que inclusive era a única a tratar sobre essa temática, foi-me dada a tarefa de preparar uma aula fazendo um recorte da História do Espírito Santo (HES).

Para realizar tal tarefa, fiz uma busca por materiais didáticos na biblioteca da Faculdade Saberes, onde realizei minha formação, para auxiliar na elaboração da aula; no entanto, não encontrei material didático sobre o tema. Esse fato me fez rememorar os tempos de estudo na educação básica e, ao tentar resgatar o momento em que aprendi sobre o assunto, recordei-me que só havia estudado a História do Estado no “primário” (hoje correspondente aos anos iniciais do ensino fundamental). A disciplina era chamada “Estudos Sociais”, uma mistura de História e Geografia, em que tínhamos como material didático um livro de pequena espessura e capa verde, do qual não me recordava o nome.

Mais tarde, ao realizar uma breve pesquisa descobri que se tratava da obra *Estado do Espírito Santo: estudos sociais 1º grau*, de Miguel A. Kill. A partir da minha experiência como estudante, percebi a importância de inserir a História do Espírito Santo em minhas aulas, e esse foi o fator que engendrou esta pesquisa. Tal decisão me impôs novos desafios. O primeiro deles foi a busca incessante de materiais que pudessem subsidiar minha prática docente, já que, em minha formação inicial, a História do Espírito Santo foi de certa forma superficial. Outro desafio é a correria do cotidiano escolar, sufocada por reuniões pedagógicas e outras demandas burocráticas, que são importantes, mas que dispendem um tempo excessivo, não deixando espaço para a pesquisa e a reflexão sobre nossos saberes e fazeres. Essas inquietações foram a mola propulsora para pensarmos o objetivo principal deste estudo, que é analisar a prática docente no ensino de História do Espírito Santo nas escolas municipais de Vitória.

Atuando na rede municipal de educação de Vitória e lecionando para os anos finais do ensino fundamental, percebi que a dinâmica das escolas em que atuei não permitia que o planejamento fosse mais proveitoso. As demandas eram muitas: pais de alunos para atender, reuniões com a equipe pedagógica, equipamentos e internet que não funcionavam, sistema fora do ar e pouco tempo para socialização de saberes e estudos entre os professores. Para ganhar tempo e não ter que levar muito serviço para casa, muitos professores seguiam à risca os conteúdos dos livros didáticos adotados pelas escolas.

Mediante o exposto, o livro didático ganha, via de regra, quase que exclusiva atenção como material para elaboração das aulas, fato que inviabiliza conhecimentos locais e regionais em diversas disciplinas; no caso da disciplina de História, a temática História do Espírito Santo fica comprometida. Geralmente os livros didáticos são adquiridos para atender a uma demanda nacional cujos conteúdos são mais generalistas e valorizam pouco a cultura e a história regional. É preciso muito protagonismo por parte do professor para realizar essa tarefa com qualidade e eficiência.

A problemática desenhada é um importante fator propulsor para realização de uma busca por saberes e fazeres na prática de ensino de História do Espírito Santo, ou seja, por experiências docentes que se encontram dispersas nas salas de aula das escolas do município de Vitória. Essas experiências armazenadas na memória dos professores que trabalham a temática são a matéria-prima para este estudo. Tanto as experiências positivas quanto as negativas podem contribuir para construção de um conhecimento produtivo direcionado à prática da História do Espírito Santo.

Uma professora que se dispôs a contribuir com este estudo disse: “ensinar a História do Espírito Santo é uma tarefa solitária”. Ouvir várias vezes a expressão “solitária” em sua narrativa me fez perceber a relevância desta pesquisa e o modo como contribuir para a socialização desses conhecimentos, tornando assim essa tarefa um pouco menos “isolada” e “solitária” (OLIVEIRA, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao discorrer sobre o ensino de História nos anos finais do ensino fundamental, destaca as temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que devem orientar o ensino e a aprendizagem nas escolas (BRASIL, 2018). Analisando esses itens, percebemos que, para o 8º e o 9º

ano, o documento dá pouca ênfase às questões regionais e locais, com exceção de algumas orientações, trabalho e povos indígenas nas escalas locais, regionais e nacionais.

Na mais recente versão da BNCC, referente ao Segundo Seguimento [sic] do Ensino Fundamental, de 2018, ainda inexistente uma abordagem mais atenciosa a respeito da História Regional, tal como na versão de 2015. Os conteúdos comuns obrigatórios compõem sessenta por cento dos componentes curriculares. Os demais quarenta por cento estão, da mesma forma que preveem os documentos anteriores, sob a gestão dos estados, para o Ensino Médio, e municípios, no caso do Ensino Fundamental (ATALLAH, 2019, p. 260)

Essa abertura de quarenta por cento na BNCC, apontada por Atallah (2019), abre espaço para que municípios e estados possam inserir em seus currículos a História Regional e Local.

Buscando como referência as orientações expressas nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental (DCEF) das escolas da Rede Municipal de Educação de Vitória para a disciplina de História, não encontramos especificações explícitas sobre o ensino de História Regional e Local. Em seu texto, as DCEF apresentam em seu bojo a carência de pesquisas que possam subsidiar o trabalho dos professores de História, ao afirmar que

[...] faltam ainda pesquisas que possam viabilizar uma compreensão melhor sobre o saber histórico escolar (como é apreendido por aqueles que passam pela escola, como é trabalhado pelo profissional do ensino da História, como passa a fazer parte do imaginário social...) e, dessa forma, redimensionar o trabalho do professor. Esse tipo de investigação não é tarefa exclusiva da academia, mas deve ser fruto de um trabalho em conjunto com os profissionais de todos os níveis do ensino, visando a uma consolidação da prática da pesquisa no cotidiano escolar (VITÓRIA, 2004, p. 17).

Nessa perspectiva, devido ao esvaziamento de conteúdo regional nos documentos oficiais, verificamos a urgente necessidade de pesquisas que evidenciem práticas do ensino de História nas salas de aulas. Nesse sentido, a justificativa deste trabalho é contribuir para estreitar a relação entre a pesquisa acadêmica e o cotidiano escolar a respeito da temática História do Espírito Santo no ensino de História, já que nos propomos a fazer uma escuta atenta de saberes e fazeres dos professores dos anos finais do ensino fundamental.

Além da falta de pesquisas, apontadas pelas DCEF do município de Vitória/ES, esbarramos em outras questões que podem estar dificultando o ensino de História do Espírito Santo, como os livros didáticos adotados pelas escolas que abordam somente a História nacional e global.

Desse modo, as questões que norteiam este trabalho são: qual o lugar ou o não lugar da História do Espírito Santo na sala de aula? Seria a HES apêndice de outros conteúdos? Seria ela trabalhada, principalmente, em datas comemorativas ou por ocasião de um estudo de campo?

Destacamos anteriormente que muitos professores orientam suas práticas exclusivamente pelos livros didáticos. Ao fazer isso, acabam contribuindo para a manutenção do equívoco histórico de privilegiar as narrativas dos heróis, dos conquistadores, das grandes batalhas e dos pioneiros em uma ótica exclusiva da História oficial, onde nem sempre o principal interessado no conhecimento (o aluno) se reconhece. Isso porque, em geral, os livros didáticos, visando atingir a grande massa populacional dos estudantes, abordam a História global, dando ênfase em aspectos relacionados com a História oficial, que, por sua vez, tende a reforçar e legitimar uma classe hegemônica e que se torna a única protagonista da História nacional e mundial. Nesse viés, isso pode nos ajudar a compreender por que o Espírito Santo não tem o devido lugar de destaque na História do Brasil.

Como professores, devemos estar atentos aos possíveis materiais de apoio didático que tratam da História do Espírito Santo, mas com um olhar sempre crítico, pois a região também pode ter uma História oficial que legitime a elite local. O interessante é sempre se servir de fontes múltiplas para a construção de uma aula que possa trabalhar a criticidade dos alunos, inclusive em relação ao próprio material utilizado no processo de ensino e a relação dos estudantes com sua aprendizagem. Nesse sentido, acredita-se que a busca pelo objetivo geral da presente pesquisa — mapear e socializar práticas docentes que incluam e viabilizem o desenvolvimento de estudos da HES na educação fundamental do município de Vitória/ES — pode contribuir para mitigar a problemática anunciada.

Após garimpar e localizar saberes e fazeres docentes, relacionados ao exercício e à implementação de práticas pedagógicas com abordagem da HES nas escolas

municipais de Vitória, traçamos nossos objetivos específicos: desenvolver reflexões sobre a importância da História Regional e Local como potencialidades para a formação cidadã e cultural dos estudantes da educação básica; identificar e socializar as possíveis boas práticas no ensino de HES; propor, de forma alternativa, práticas para o ensino de HES.

Para atingirmos esses objetivos, escolhemos como caminho metodológico a História Oral, pois, ao elegermos como fonte os saberes e os fazeres armazenados na memória dos professores, a História Oral é uma ferramenta que nos possibilita a extrair, registrar e utilizar as experiências docentes como fonte para nossa pesquisa.

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas. Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por História viva. (...) a História Oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social (BOM MEIHY, 1996, p. 13).

Nessa mesma direção, Thompson assevera que,

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1998, p.44.)

Essa opção metodológica de pesquisa se justifica por sua potencialidade, ao permitir garimpar, nas experiências narradas, os saberes e os fazeres dos professores de História, por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado. A memória desses profissionais será estimulada e suas experiências transformadas em narrativas para que não fiquem confinadas no espaço da sala de aula. “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

Nesse sentido, essa abordagem de pesquisa possibilita fiar e tecer as tramas das narrativas, recontá-las, para não caírem no esquecimento. Espera-se que as experiências desses professores possam servir de inspiração para tantos outros, visto que “[...] a relação entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado.” (BENJAMIN, 1985, p. 210).

De acordo com Delgado,

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p.15)

Sendo a memória a principal fonte dos depoimentos orais, a constituição dessas fontes se traduzirá como visões particulares de processos coletivos, portanto neste trabalho, o processo coletivo analisado será o ensino da História do Espírito Santo com base nas narrativas dos professores entrevistados.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006, p.15)

Ressalta-se ainda que, entre os diversos campos do conhecimento que se utilizam da memória, a educação exerce um papel de destaque, visto que, conforme salienta Rodrigues (2011), a memória de professores e alunos pode constituir-se em registros de experiências que contribuem para a formação de uma memória educacional. O referido autor também nos convida a pensar o potencial da memória no processo de construção da identidade docente, destacando

[...] a necessidade de maiores investigações sobre a memória do saber da experiência docente e de como os professores percebem o ensino e a aprendizagem para que possam, de forma efetiva, transformar “suas histórias” em orientações para tomada de decisões profissionais adequadas e eficazes. (RODRIGUES, 2011, p. 1106)

Acredita-se que as experiências docentes não devem ficar armazenadas na memória e a melhor forma de externalizá-las é por intermédio de narrativas. Segundo Benjamin (1985), as melhores narrativas são aquelas que carregam consigo um conselho, uma moral da história que possa ser recontada por aquele que ouviu a narração. Destaca que as melhores narrativas escritas são aquelas que não se distinguem da narrativa oral (BENJAMIN, 1985).

Assim, na busca por contribuir para a inserção de estudos e reflexões que abordem e subsidiem práticas docentes no trabalho com a História Local e Regional do Espírito Santo na educação básica, voltamos nossos olhares para a internalidade do processo

educativo, para o professor e sua prática, no intuito de socializar a memória do saber da experiência docente e, assim, propiciar que estas possam se transformar em orientações para a vida prática.

Para tanto, mediante a necessidade de delimitação do universo da pesquisa, definimos critério de seleção dos nossos sujeitos: professores de história, atuantes na Rede Municipal de Educação de Vitória nas séries finais do ensino fundamental. Por se tratar de uma pesquisa histórica, de critérios qualitativos justificamos a escolha dos sujeitos, pautados nos preceitos defendidos por Alberti

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema. (ALBERTI, 2013, p.40)

Assim, buscamos preferencialmente, professores que trabalham ou já trabalharam, em algum momento, o conteúdo História do Espírito Santo em suas aulas. A escolha foi feita por indicações de profissionais dessa rede de ensino. É importante ressaltar que todos os professores participantes desta pesquisa assinaram o termo de cessão e autorizaram sua identificação no texto, não sendo necessária a utilização dos critérios de invisibilidade.

Assim, apresentamos a seguir a trajetória que percorremos até aqui neste trabalho:

No primeiro capítulo, *A busca por diálogos: ampliando o olhar sobre o ensino de História do Espírito Santo*, realizamos o levantamento bibliográfico e apresentamos uma revisão de literatura acerca da produção acadêmica com abordagem na História do Espírito Santo, o ensino de História Regional e ensino de História Local. Procurando ainda maior sustentação teórica para nossas reflexões, estabelecemos um diálogo sobre a evolução da História Regional e Local, explícitas na BNCC, nas DCEF do município de Vitória/ES e também na História da Historiografia.

No segundo capítulo, intitulado *Narrativas docentes: experiências no ensino de História do Espírito Santo*, trazemos à baila as vozes de nossos sujeitos de pesquisa, desvelando os truques e os estratagemas utilizados por eles na produção/reprodução/mobilização de diferentes saberes e fazeres no exercício de

ensinar a História do Espírito Santo no cotidiano de suas respectivas salas de aula. Por meio dos pressupostos metodológicos da História Oral, exploraremos a memória docente de nossos entrevistados, estimulando-os a narrar suas experiências no ensino de HES. Para tanto, no intuito de subsidiar a elaboração do nosso capítulo seguinte, entabulamos um diálogo entre tais vozes, saberes e fazeres com a fundamentação teórica abordada no primeiro capítulo.

No terceiro capítulo, *Saberes e Fazeres: propostas para o ensino de História do Espírito Santo*, com apoio nas experiências narradas pelos professores entrevistados, elaboramos propostas teórico-metodológicas e práticas para o ensino de História do Espírito Santo com o uso de aulas de campo, vídeos, imagens e fotografias. Nosso objetivo é contribuir para potencializar as atividades docentes no ensino de HES na Rede Municipal de Vitória, sem nenhuma pretensão de trazer um formato fechado, mas com votos de que possa estimular essa prática.

1 A BUSCA POR DIÁLOGOS: AMPLIANDO O OLHAR SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO ESPÍRITO SANTO

Na primeira parte deste capítulo, apresentaremos as discussões acadêmicas a respeito da História Regional e Local e a maneira como esses temas têm sido abordados nos trabalhos. Para isso, fizemos um levantamento nos principais bancos de dados em busca de artigos científicos, dissertações e teses. A partir do olhar sobre as pesquisas acadêmicas encontradas, subsidiaremos a pesquisa e o diálogo com as vozes dos professores entrevistados.

Na segunda parte, destacamos como a História Regional e Local está sendo abordada na BNCC e nas Diretrizes Curriculares para o Município de Vitória. Também traçamos a trajetória da História Regional e Local na História da Historiografia. As reflexões realizadas, a partir dessas análises, nos ajudaram a compreender as narrativas dos professores sobre suas práticas na sala de aula, a respeito da História do Espírito Santo.

1.1 OS DIVERSOS OLHARES SOBRE A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Conforme mencionado anteriormente, com o intuito de embasar e fundamentar teoricamente esta pesquisa, fizemos uma busca por pesquisas já realizadas no meio acadêmico que podem contribuir para as reflexões que serão realizadas neste estudo. Para isso, realizamos buscas nas seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Como descritores de pesquisas, escolhemos as seguintes palavras-chave: “História do Espírito Santo”, “Ensino de História Regional” e “Ensino de História Local”.

Como consultamos três plataformas de dados distintas, cada uma com suas especificidades de busca, adotamos, a princípio, a delimitação de 5 anos para o recorte temporal das pesquisas, porém, ao realizar os filtros nos trabalhos, percebemos que poderíamos explorar mais os trabalhos do SciELO, pois se trata de

artigos, muitos dos quais oriundos de teses e dissertações defendidas; portando, estendemos o recorte temporal das pesquisas no SciELO para 10 anos.

Realizamos, primeiramente, a seleção pelos títulos das pesquisas, em seguida, passamos para leituras dos resumos. Neste momento, verificamos quais trabalhos poderiam ser relevantes para nossa pesquisa. Nos quadros a seguir, demonstramos o resultado das pesquisas realizadas em cada banco.

Quadro 1 – Quantidade de trabalhos encontrados nas plataformas pesquisadas

PLATAFORMA	TIPO	QUANTIDADE
CAPES	Dissertações	333
	Teses	1
BDTD	Dissertações	532
	Teses	0
SCIELO	Artigo	176

Fonte: Elaboração do autor, com dados da pesquisa (2020).

Quadro 2 – Dissertações e teses selecionadas no banco de dados da Capes

Ano	Tipo	Autor	Título
2014	Tese	Regina Celi Frechiani Bitte	Políticas da memória e usos públicos da História: o lugar da educação museal na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental

Fonte: Elaboração do autor, com dados da pesquisa (2020).

Quadro 3 – Dissertações e teses selecionadas no BDTD

Ano	Tipo	Autor	Título
2017	Dissertação	Verônica dos Santos Santiago Augusto	Memórias de Sooretama: história, ensino e escola
2017	Dissertação	Fabíola Guimarães Melo	Folia do Divino Espírito Santo: uma viagem pelo município de Alegre/GO

Fonte: Elaboração do autor, com dados da pesquisa (2020).

Quadro 4 – Artigos encontrados na SciELO

Ano	Tipo	Autor	Título
2008	Artigo	Neves	História e região: tópicos de História Regional e Local
1996	Artigo	Cerri	Regionalismo e ensino de história
2015	Artigo	Crestani	O ensino de História Regional e Local nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Toledo
2007	Artigo	Paim e Picolli	Ensinar História Regional e Local no ensino médio: experiências e desafios
2019	Artigo	Atallah	Ensino de História, memória e regionalismo: uma análise do currículo de Campos dos Goytacazes

2007	Artigo	Carvalho	A História Local e Regional: dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais
------	--------	----------	---

Fonte: Elaboração do autor, com dados da pesquisa (2020).

Para além dos trabalhos de pesquisa consultados, apresentamos duas obras que, após a leitura, contribuíram para a fundamentação teórica desta pesquisa.

Quadro 5 – Livros

ANO	EDITORIA	AUTOR	TÍTULO
2016	Fasul	Leandro de Araújo Crestani	Fronteiras do Ensino da História Regional e Local
2014	UPF	Ironita Adenir Policarpo Machado	História Regional em Sala de Aula

Fonte: Elaboração do autor (2020).

Após leitura dos resumos das teses, dissertações e artigos, fizemos a seleção dos que pudessem contribuir com o nosso estudo o ensino de História do Espírito Santo nos anos finais do ensino fundamental, estabelecendo um diálogo profícuo para a construção teórica deste texto.

No artigo *História e Região: Tópicos de História Regional e Local*, Neves (2008) aborda as diferenças metodológicas entre a História Regional e Local e a Micro História. Não seguirmos os caminhos metodológicos da micro história, porém o autor contribui para nossa pesquisa com suas reflexões sobre a diferença de espaço, região, sobre as diferentes escolhas entre um recorte temático e um recorte espacial.

As opções da história regional e local pela totalidade histórica a partir do pequeno mundo de um grupo social historicamente construído num determinado tempo e lugar, enquanto a micro história, prefere analisar fragmentos de ocorrências históricas na forma de recorte temático, através de uma pequena comunidade sem, necessariamente, recorrer ao espaço onde os fatos ocorreram (NEVES, 2008, p. 33).

Essa reflexão nos levou a entender que, ao estudar o estado do Espírito Santo, estaríamos fazendo um recorte espacial e, ao destacar o ensino de História do Espírito Santo na Educação em nível municipal, estamos fazendo um recorte temático, a partir das narrativas colhidas das experiências dos professores nas salas de aula das escolas de Vitória, apoiando-nos em pressupostos da História Oral.

Essa diferenciação nos respalda na compreensão deste estudo e de seus objetivos que são, conforme já anteriormente mencionado: desenvolver reflexões sobre a

importância da História Regional e Local como potencialidades para a formação cidadã e cultural dos estudantes da educação básica; identificar as possíveis boas práticas no ensino de História do Espírito Santo e, por fim, propor práticas para o tal ensino.

Outro artigo relevante para este trabalho é o que carrega o título *Regionalismo e ensino de história*, no qual Cerri (1996) nos alerta para os cuidados a serem tomados ao trabalhar com o ensino do regionalismo, pois, ao eleger e reforçar aspectos da cultura de uma região para diferenciá-la da cultura nacional, podemos estar homogeneizando e contribuindo para a construção de uma identidade regional excludente sem contemplar a riqueza e a multiplicidade cultural presentes.

O autor destaca a forma como são feitas essas divisões territoriais, como são construídas ou inventadas e que a região,

[...] mais que uma fração da nacionalidade, é também uma construção da classe dominante em caráter regional, em um momento de crise econômica e política: estados e regiões não são apenas divisões administrativas da nacionalidade, mas espaços de exercício diferenciado e especializado de construção de pequenos consensos hegemônicos (CERRI, 1996, p. 139).

Portanto, faz-se necessária a adoção de uma postura crítica, ao nos propormos trabalhar a História do Espírito Santo, procurando romper o monopólio dos livros didáticos, por intermédio de alternativas que levem o conteúdo para a sala de aula. Nesse sentido, as narrativas dos professores entrevistados nos sinalizam importantes estratégias de ensino que possibilitam a produção/reprodução e mobilização de outros saberes e fazeres possíveis na prática docente.

No artigo *O ensino de História Regional e Local nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Toledo*, Crestani (2015) nos leva a pensar a História Regional e Local como uma alternativa crítica à História Oficial, que geralmente é uma história unilateral, transmitida e ensinada do ponto de vista do herói, do vencedor, do colonizador, do pioneiro; são narrativas que tendem a contribuir para reforçar a imagem e a legitimação de uma elite hegemônica com vistas à manutenção do poder.

Para Crestani (2015), ao estudar a História da região ou local, o aluno consegue compreender que existem pontos de vista para além do que se encontra na História

Oficial, pois consegue vislumbrar as especificidades e particularidades das “micro-histórias”. O autor entende que

[...] o ensino de História Regional e Local busca apreensão de várias histórias, várias versões dos fatos históricos, com a perspectiva de trazer para a discussão em sala de aula distintos sujeitos da história, muitos dos quais foram silenciados por uma versão tomada como oficial, que não identifica sua participação como parte da história. (CRESTANI, 2015, p. 2507)

O autor aponta que, ao trabalhar o ensino de História, pautado na História Regional e Local, em uma perspectiva crítica, é possível fazer contraste com a História Oficial e assim propiciar aos alunos e, por consequência, à sociedade como um todo o acesso a uma cultura mais rica e menos hegemônica. Tal perspectiva pode contribuir para ressignificar a cultura local e regional, abarcando as identidades silenciadas pela História Oficial. Embora concordemos com Crestani (2015), ressaltamos que considerar a História Regional e Local apenas como mera alternativa para a História Oficial não é a melhor opção. Portanto, asseveramos que essa História Regional e Local não deve ser vista apenas como alternativa à História Oficial, mas sim ser trabalhada nas escolas como a História construída e vivenciada pelos sujeitos, um pertencimento de estar naquele local ou região.

No artigo sob o título *Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios*, os autores Paim e Picolli (2007) utilizaram como metodologia a História Oral para colher depoimentos de professores de História do ensino médio sobre suas experiências ensinando História Regional e Local no município de Chapecó.

No estudo, os autores relatam que o estado de Santa Catarina construiu uma proposta curricular que sugeria questões regionais e locais no ensino de História. A partir daí, intentaram rastrear o modo como os professores de História estavam realizando essa tarefa. O trabalho dos autores é interessante, pois levantam questionamentos a respeito de aspectos que também foram levantados neste trabalho: quais materiais didáticos estão sendo utilizados para ensinar a História Regional e Local? Quais as dificuldades e desafios para ensinar História Regional e Local e como os professores estão fazendo isto?

Os autores relatam, com base no que constataram nos depoimentos, que os professores não se limitavam aos livros didáticos, mas faziam buscas em outros

meios, inclusive na produção acadêmica para elaborar suas aulas, enfatizando a riqueza de saberes contido na memória dos professores. Além disso, eles apontam que os professores identificaram mais interesse e entusiasmo nos alunos ao relacionar a História Local com o conteúdo em sala de aula.

O trabalho desses autores dialoga com nossa pesquisa e nos faz refletir sobre a importância da temática, que não deve ficar limitada a uma etapa específica da educação básica. As constatações realizadas nos instigaram ainda mais a perseguir os objetivos desta pesquisa.

No artigo *A história Local e Regional: dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais*, Carvalho (2007) discorre sobre os debates teórico-metodológicos na questão regional/local. O autor adota como referência a Escola dos *Analles* como movimento que possibilitou a ampliação da exploração das fontes documentais, novos métodos de investigação e análise da realidade local.

Em tempos de globalizações e mundializações, em que fronteiras culturais cada vez mais se deslocam numa vertiginosa circulação de ideias, valores, práticas educacionais e comportamentos, nos parece relevante direcionar nossas análises sobre as relações entre o local e o global, como um dos caminhos possíveis à compreensão da história da educação (CARVALHO, 2007, p. 54).

Carvalho (2007) corrobora as ideias propostas nesta pesquisa, pois um dos nossos objetivos aqui é demonstrar que, mesmo reduzindo nosso campo de análise para escolas da Rede Municipal de Vitória, nossas propostas podem dialogar com a realidade das demais escolas do estado do Espírito Santo e até mesmo de problemas enfrentados em outras localidades no país a respeito do ensino da História Regional e Local. Nesse sentido, um problema com uma temática local ou regional dialoga com a realidade global.

O autor nos ajuda a entender que uma redução na escala de análise para um local ou região não significa uma oposição; pelo contrário, pode ser utilizada como perspectiva teórica e metodológica para compreender da História da Educação no Brasil. Carvalho (2007) ainda afirma: “São novos sujeitos e novos problemas que, por sua vez, vão compor outros caminhos para se entender a História da Educação no Brasil.” (CARVALHO, 2007, p. 66).

Por último, mas não menos importante, temos o artigo *Ensino de História, memória e regionalismo: uma análise do currículo de Campos dos Goytacazes*, em que Atallah (2019) realiza uma discussão acerca da Lei Municipal nº 8.214, sancionada em 2011, no município de Campos dos Goytacazes, que previa a inclusão de personagens de relevância histórica da região na grade curricular municipal.

Segundo o autor, as personalidades regionais destacadas no documento têm grande valor simbólico para a sociedade e preservar a memória regional tinha relação com os interesses do poder público municipal. Com o estudo, o autor buscou demonstrar a importância de se ter um ambiente escolar permeado por múltiplas identidades e não somente reforçar uma identidade construída pelos interesses do poder público visando o controle da cidadania. Atallah (2019) demonstra como as instituições de poder interagem na construção de uma identidade cultural. Nesse sentido, afirma:

Currículo, material didático, formação profissional docente, comemorações e rememorações. Diversas estratégias promovem o entrelaçamento de cultura escolar com instituições de poder, intentando a homogeneização social e uma soberania identitária (ATALLAH, 2019, p. 249).

A autora contribui para o nosso estudo, alertando-nos sobre os cuidados que devem ser tomados a fim de não participar de uma homogeneização da identidade cultural, mas contemplar as múltiplas identidades presentes na sociedade, em um recorte local, regional ou global. Isso nos faz apurar nosso olhar crítico para as propostas curriculares e quais as identidades estão sendo construídas ou reforçadas nas nossas salas de aula.

Bitte (2014), em sua tese intitulada *Políticas da Memória e os usos públicos da História: o lugar da educação museal na formação de professores para os anos iniciais do Ensino Fundamental*, utiliza-se de sua experiência como docente dos cursos de Pedagogia e História da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e, mais especificamente, ao lecionar a disciplina “História: Conteúdo e Metodologia” para explorar a prática da educação museal nas séries iniciais do ensino fundamental.

Seu estudo teve como objetivo investigar os saberes da educação museal, como se constituem na prática, partindo do pressuposto de que são realizados a partir de uma política de memória voltada para os usos públicos da História. A autora também discute o lugar da educação museal nesse contexto. Sendo assim, seu trabalho pode

contribuir para nossa pesquisa, pois possibilita nos debruçar sobre o lugar da educação museal nas séries finais do ensino fundamental com ênfase em nosso tema de pesquisa, que é o ensino de HES.

Em seu livro *Fronteiras do ensino da História Regional e Local*, Crestani (2016) analisa o ensino de História Regional e Local nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública municipal de Toledo, no Paraná. Como objeto de pesquisa, o autor focou suas análises nos livros didáticos utilizados no 3º e 4º anos do ensino fundamental. A hipótese do autor é de que, nesses livros, os conteúdos apresentam uma versão oficial da História Regional e Local que reproduz uma visão unilateral da História e legitima o poder de um grupo hegemônico no cenário político municipal.

O autor ainda faz, em seu estudo, uma abordagem analítica e metodológica da História Regional e Local de maneira que desconstrua a visão unilateral da História Oficial contida nos livros didáticos analisados. Seus objetivos são

[...] confrontar, identificar, compreender, recuperar e tirar do silêncio memórias que ficaram por muito tempo esquecidas na versão da História Oficial. Para tanto, o professor tem o papel fundamental de desenvolver em sala de aula um ensino de História Regional e Local que não reproduza aos educandos a ideia de que o processo de colonização da cidade tenha se dado de forma linear, sem contradições nem conflitos (CRESTANI, 2016, p.9).

O autor reforça a importância do professor como mediador no ensino da História Regional e Local. Isso nos levou a pensar que apresentar o professor, ou melhor, a narrativa dos professores como objeto de análise seria importante para analisar como está sendo ensinada na sala de aula a História do Espírito Santo. Em seu trabalho, o autor elegeu os livros didáticos como objeto de análise, porém nossa pesquisa, ao elegeu os anos finais do ensino fundamental, não tem como basear-se em um livro didático, pois, nessa etapa do ensino fundamental, a Rede Municipal de Ensino de Vitória adota livros de História que não contemplam a História do Espírito Santo e também, não sugere livros paradidáticos que porventura poderiam trabalhar tal temática. Isso confirma o acerto ao focarmos nossa análise nos professores e em seus saberes e fazeres.

O referido autor contribui para nossa pesquisa, ao nos chamar a atenção para o reforço de certos discursos que ajudam a construir uma visão particularizada da

História Regional e Local, pois fortalecem estereótipos como o pioneiro, o fundador, o desbravador (colonizador) e o herói.

Com base na leitura desse trabalho, podemos dizer que toda vez que concentramos ou centralizamos nossa visão em uma memória, identidade ou um personagem particular sem um olhar crítico e a reproduzimos nas nossas práticas de ensino, estamos ignorando outras memórias, identidades e outros personagens tão importantes para história do local ou da região onde estamos ensinando. Portanto, de acordo com o autor, não devemos basear o todo por uma parte dele, mas devemos procurar sempre uma História inclusiva e plural, em que o indivíduo comum possa se reconhecer e se sentir parte dela.

No livro *História Regional em sala de aula*, Machado (2014) afirma que a obra é resultado de um projeto que pretende redimensionar as práticas pedagógicas de professores de História, pesquisadores e formadores de docentes em nível superior. Essa obra contribuirá bastante para o nosso estudo, pois se trata de uma proposta didática para o ensino da História Regional. Conforme a autora, o livro se constitui

[...] em fonte de consulta, recurso didático, e, também, em uma outra possibilidade metodológica capaz de articular e problematizar outros conteúdos históricos e outras áreas de conhecimento, independente da série do ensino de nível básico, superior ou cursos de formação docente (MACHADO, 2014, p. 16).

A autora destaca perguntas — por quê? o quê? e para quê? — relacionadas ao fazer, ensinar e aprender História. Sendo assim, ela ressalta que, por parte dos professores, obtemos respostas como: “estudar o passado para compreender o presente e fazer um futuro melhor” ou ainda que “os alunos devem entender a realidade em que vivem através do conhecimento do passado”; por parte dos alunos, “conhecer o passado”, “copiar textos e responder questionários” ou ainda “a história vai servir para quê” (MACHADO, 2014).

Nesse sentido, Machado (2014) opta por uma metodologia que ela chama de “pensar dialético”, tanto sobre o conhecimento histórico quanto sobre o conhecimento pedagógico e eleger a “[...] matriz disciplinar da história; construtivismo-sociointeracionista (matriz vigotskyana e ausubeliana); e metodologia da

problematização” (MACHADO, 2014, p. 16) como métodos para atender a proposta de seu trabalho.

A autora contribuirá para o nosso estudo nos ajudando a pensar em nossa proposta de ensino de História do Espírito Santo que pretendemos transformar em uma ferramenta didática para professores de História da educação básica do município de Vitória.

Na dissertação sob o título *Memórias de Sooretama: história, ensino e escola*, Augusto (2017) baseia sua pesquisa no pressuposto de que o ensino de História Local é uma possibilidade metodológica capaz de facilitar o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História no município de Sooretama no Espírito Santo.

Para isso, a autora recorre à memória de antigos moradores da localidade como fonte para elaboração de um material bibliográfico que resgate e valorize a história da região e venha subsidiar o ensino e a aprendizagem no município. Como em nosso trabalho, Augusto (2017) também se serve dos pressupostos metodológicos da História Oral, apoiando-se em Bom Meihy (2010) como referencial para seu estudo.

A autora também justifica o uso da História Local como metodologia de ensino afirmando que tal abordagem metodológica

[...] pode favorecer a dinamização das aulas, pois o estudo de História Local permite o uso de uma grande variedade de fontes históricas. É nesse cenário que a História Local passa a ocupar espaço ao ter a sua disposição uma diversidade de fontes não oficiais, como fotografias, atas, relatos, diários, filmes, revistas, jornais, cartas, recibos de compra e venda. Escrituras e uma infinidade de objetos que podem ser explorados pelos professores na expectativa de despertar nos discentes um novo olhar para o conhecimento histórico (AUGUSTO, 2017, p. 21).

A autora ressalta que, apesar de haver uma exigência legal do município para o ensino da História Local, não encontrou pesquisas sobre a localidade, pois constatou que não havia muito interesse por parte dos pesquisadores sobre a História de Sooretama. Sendo assim, seu trabalho foi de extrema relevância para professores, alunos e interessados no assunto, como também contribuirá para nossa pesquisa, pois podemos dialogar metodologicamente na construção de uma proposta didática que é um dos objetivos do nosso trabalho, além de servir de inspiração para este estudo.

Na dissertação intitulada *Folia do Divino Espírito Santo – uma viagem pelo município de Campo Alegre/GO: proposta para o ensino de História Local*, Melo (2017) desenvolve uma pesquisa para resgatar a história da manifestação religiosa da Folia do Divino Espírito Santo que, segundo ela, é um traço cultural muito forte na localidade. Seu objetivo principal é a preservação e a valorização desse patrimônio cultural imaterial do município. Por meio das memórias, imagens e relatos que ela buscou na comunidade, sua proposta foi desenvolver um livreto sobre essa manifestação religiosa com o intuito de subsidiar o ensino de História no quinto ano do ensino fundamental das escolas da cidade.

Apesar de focalizar apenas um traço da cultura da localidade analisada, a autora discorre sobre a importância da pluralidade cultural e salienta que

[...] as culturas são plurais, distintas e sofrem variações diversas, tendo cada uma as suas características e peculiaridades, sistematizadas na inter-relação entre o espaço e tempo; logo a diversidade cultural deve ser observada, analisada e respeitada, haja vista, não existe cultura superior ou melhor do que a outra (MELO, 2017, p. 20).

Parecem contraditórias as afirmações da autora, pois, no decorrer do texto, fica expressa sua paixão pela tradição a qual se propôs reforçar, fazendo com que a crítica sobre os interesses políticos e hegemônicos em torno da valorização dessa festividade ficassem encobertos. Ainda assim, o estudo pode nos mostrar caminhos possíveis para elaboração de uma proposta didática ou material didático.

A pesquisa que propomos, além de buscar preencher a ausência de investigação sobre o ensino de História do Espírito Santo nos anos finais do ensino fundamental, pretendem a partir das narrativas dos professores organizar material didático a contrapelo da História Oficial.

1.2 A HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL NO CURRÍCULO E NA HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA

Para compreender melhor as questões que envolvem o ensino de HES, decidimos fazer uma breve busca na BNCC e nas DCEF do município de Vitória para identificar como esses documentos contemplam a História Regional/Local. Também analisamos como a História Regional/Local se desenvolve na História da Historiografia.

Sendo assim, começamos verificando que, de acordo com a BNCC, são três procedimentos básicos para o processo de ensino e aprendizagem da História no Ensino Fundamental, sendo que o segundo deve pautar-se:

[...]

2. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de várias linguagens (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018, p. 416).

A utilização de variadas fontes para a construção do ensino de História e a ênfase na história local tornam-se um viés possível e muito potente para o enfrentamento da História Oficial e possibilita que o aluno produza novos olhares sobre um determinado tema e o estimula a produzir novos conhecimentos. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares para o Município de Vitória sugerem que

[...] a dimensão local seja o centro desta proposta. A chamada História Local é uma abordagem que torna bastante viável o estudo de conteúdos conceituais e procedimentais, por meio do acesso a fontes diversas, porque é possível visitar acervos e arquivos, entrevistar pessoas e observar as pistas deixadas pelas gerações no espaço-tempo (VITÓRIA, 2004, p. 18).

O documento ainda esclarece:

A seleção de conteúdos e as formas de avaliação dependeriam da autonomia do professor. Não se consideram, todavia, as coleções de livros didáticos selecionados pelos professores, pois elas já são uma exposição daquilo que consideram importante selecionar como conteúdo programático, além da concepção de História que as embasa. É preciso, entretanto, romper com o monopólio do livro didático como fonte da prática docente, mesmo porque ele não possibilita um efetivo trabalho fundamentado na dimensão local, haja vista sua elaboração e publicação concentradas no eixo Rio – São Paulo (VITÓRIA, 2004, p. 21).

Podemos, portanto, inferir que a Prefeitura Municipal de Vitória demonstra, em suas Diretrizes Curriculares, o interesse em direcionar seus professores por caminhos que não privilegiem a História única, embora, como anteriormente citado, não haja pesquisas que possam subsidiar e transformar o cotidiano escolar.

Ao realizar um estudo sobre os livros didáticos do Espírito Santo sobre a História do Espírito Santo, Pirola (2008) ressalta que, somente a partir de 1986, com a abertura

política e com o período de redemocratização no Brasil, foram lançadas novas perspectivas sobre os livros didáticos no Espírito Santo, tendo como exemplo

[...] a obra *Espírito Santo Minha Terra, Minha Gente*, escrita por Luís Guilherme Santos Neves, Lea Brígida de Alvarenga Rosa e Renato Pacheco. Este livro didático inseriu-se no retorno gradativo da disciplina História aos currículos escolares e propôs outras representações de História, de Educação e de Espírito Santo. Nesta obra e, em algumas posteriores, serão ressignificados os panteões de heróis, vultos, lendas e os próprios símbolos nacionais. Estes continuarão constando como a necessária memória do que *já se deu*, porém não mais como advertência moral e cívica do que devemos ser (PIROLA, 2008, p. 216).

O autor está se referindo ao longo período em que a disciplina “História” foi substituída pela disciplina “Moral e Cívica” no período do regime militar; posteriormente, conforme já mencionado, em uma disciplina chamada “Estudos Sociais”, ofertada no antigo “primário”, em que se aprendia sobre História e Geografia do Espírito Santo. Devemos levar em consideração que, mesmo que essas obras com novas perspectivas começaram a ser lançadas a partir de 1986, isso não garante que elas chegassem de forma mais didática nas salas de aula. Então temos essa virada historiográfica na História do Espírito Santo há aproximadamente 34 anos. Isso, para a História, é um prazo de tempo muito curto para a consolidação desse conhecimento. Talvez seja uma das explicações possíveis para a escassez de materiais didáticos e conseqüentemente para as dificuldades encontradas pelos docentes em trabalhar a temática.

Coincidindo com o período destacado por Pirola (2008) sobre a mudança na perspectiva nas obras sobre a História do Espírito Santo, L. C. b. Silva (2013) apresenta um outro dado. De acordo com o autor, os estudos sobre História Regional e Local só ganharam importância no mundo acadêmico a partir de 1980, devido a uma nova concepção sobre a historiografia, impulsionada pela Nova História. A partir daí, a História Regional passou a ser uma das possibilidades de investigação.

Já Castro (2005) reforça que o ensino de História também deve levar em consideração as experiências e os conhecimentos adquiridos nas vivências dos alunos, com o entendimento de que o processo de aprendizagem não pode desconsiderar a relação entre o conhecimento histórico de caráter científico e a realidade de vida do aluno na construção de uma identidade social (CASTRO, 2005, p. 2). Concordando com a autora, podemos destacar que o aluno carrega com ele os conhecimentos sobre o

local e a região onde vive, podendo contribuir, numa via de mão, dupla para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizado.

Para além dos problemas gerados pela escassez de trabalhos historiográficos e pela deficiência de livros didáticos sobre História do Espírito Santo, observa-se que, como alternativa para o ensino de História do Espírito Santo, existem os esforços e a dedicação de docentes que atuam na área, na busca por outras fontes e assim construir seu próprio material de apoio didático.

Santos (2007) conceitua a ausência de certos saberes em detrimento de outros como “sociologia das ausências” e diz que existem monoculturas de produção de ausências, entre as quais aquela que ele define como a “monocultura da escala dominante”. Dentro dessa perspectiva, defende que existe uma dualidade: primeiro trata-se da universalização, que concebe toda ideia válida, independentemente do contexto, e segundo, a globalização, que seria uma identidade que se expande pelo mundo: “[...]O global e universal é hegemônico; o particular e local não conta, é invisível, descartável, desprezível.” (SANTOS, 2007, p.30). Para confrontar os efeitos da universalização e da globalização, o autor cria outro conceito, que ele vai chamar de “ecologia dos saberes”. Para cada ausência gerada por uma monocultura de saber, ele estabelece uma ecologia; esses conceitos podem nos ajudar a compreender que um acontece com o saber histórico escolar sobre o regional e o local. A centralização do ensino de História em torno do nacional e do global se configura também uma monocultura que gera ausências no ensino do regional e local. O autor desenvolve a ideia de “ecologia da transescala”, que é uma forma de articulação a ser observada pelos pesquisadores, mas aqui destacamos para reflexão do professor.

Como cientistas sociais, fomos criados na escala nacional, como a política, como tudo. Os antropólogos tratavam um pouco o local; os sociólogos e os cientistas políticos, o nacional. Neste quadro, tudo o que é local será embrionário se puder conduzir ao nacional: os movimentos locais são importantes se podem tornar-se nacionais. Mas, hoje temos de ser capazes de trabalhar entre as escalas, articular análises de escalas locais, globais e nacionais (SANTOS, 2007, p. 36).

Mediante essas reflexões, devemos considerar a História Local e Regional como uma forma de “ecologia da transescala”, ou seja, uma forma de evitar a invisibilidade das culturas locais e regionais que acabam sendo homogeneizadas pela globalização e pelo universalismo. Cabe ainda salientar que a preocupação com a construção de

identidades culturais não deve buscar uma identidade cristalizada, ou seja, um padrão cultural homogêneo que identifique todos os indivíduos de uma determinada região ou local de forma estática e única.

Sobre o universalismo, Santos (2006) adverte para dois tipos de universalismos, o antidiferencialista e o diferencialista. Ambos produzem a exclusão de indivíduos, assim como de suas histórias, memórias e identidades. O autor explica:

[...] O universalismo antidiferencialista opera pela descaracterização das diferenças e identidades, absolutizando uma delas e ignorando as demais; por essa via, reproduz e intensifica as hierarquias que existem entre a diferença que é absolutizada e todas as outras. O universalismo diferencialista opera pela intensificação abstracta de várias diferenças ou identidades, perdendo de vista os fluxos desiguais entre elas. Se o primeiro universalismo permite desigualdade e a exclusão pelo excesso de semelhança, o segundo permite-as pelo excesso de diferença (SANTOS, 2006, p. 284).

Essa perspectiva, apontada por Santos (2006), pode ajudar na identificação e no combate desse universalismo antidiferencialista nas escolas, ao trabalharmos com a História Local e Regional. No Brasil, por exemplo, esse universalismo antidiferencialista é identificado no mito da democracia racial, que “ideologicamente” afirma que somos todos iguais, como se todas as raças (se é que existe raça) tivessem acesso às mesmas oportunidades e aos mesmos direitos, como se não houvesse preconceito e exclusão. Portanto, esses conceitos podem nos ajudar a repensar nossa forma de ensinar e aprender; por consequência, desenvolver a consciência crítica dos nossos alunos.

Auxiliam também a romper o equívoco do chamado universalismo diferencialista, que reforça que todos são diferentes e por isso não se deve destacar a diferença. Só será possível combater uma desigualdade se estabelecermos a diferença atrelada a ela. Por exemplo, ao pensarmos na população carcerária brasileira, devemos atentar para o que há de comum entre os indivíduos encarcerados: a que classe social pertencem? Qual a cor da sua pele? Qual o grau de escolaridade?

Refletindo sobre as ideias expostas por Santos (2007), que vai ao encontro de nossa reflexão sobre a História Local e Regional e, em nosso caso, a HES, reforçamos a importância de se ensinar sobre as riquezas culturais produzidas historicamente pela sociedade capixaba, resgatando, diversificando memórias e identidades antes

esquecidas, ressignificando num processo dinâmico a cultura regional-local. Portanto, é possível trabalhar e mediar os conhecimentos dos alunos a partir de sua realidade e promover mudanças; é possível levá-los a se reconhecer naquilo que está sendo ensinado; é possível desenvolver a cidadania e construir sua identidade cultural a partir de memórias resgatadas e ressignificadas de acordo com as múltiplas particularidades encontradas na região onde os alunos vivem.

Ao valorizar a História do Espírito Santo, estamos entrando em outra seara, que é a cultura, produzida incessantemente pela sociedade e que pode subsidiar a construção de novas identidades, sem que se percam as contribuições de seu passado histórico. A cultura capixaba recebeu contribuições de diversas outras culturas, como as indígenas, africanas, portuguesas e demais etnias oriundas da imigração europeia. Todas elas merecem seu devido lugar na história e memória do estado. Nesse sentido, devemos contrapor a homogeneização que invisibiliza e exclui memórias e identidades em detrimento de outras.

A valorização dessas culturas apresenta um olhar diferenciado do passado em relação à historiografia do Espírito Santo. Nascimento (2018) faz um estudo sobre a historiografia do Espírito Santo e identifica que existem narrativas que se ancoram no campo político e econômico. Essas narrativas são utilizadas para legitimar interesses da elite hegemônica da região. O autor analisa o discurso produzido em variadas obras que reproduzem o que ele nomeia de “a narrativa histórica da superação do atraso”. Segundo o autor, esse discurso foi utilizado politicamente, ora para legitimar, ora para justificar o atraso ou a superação do atraso, sendo atribuídos a determinados sujeitos históricos. Sobre esses usos políticos, afirma:

A narrativa histórica da superação é paradigmática e estabeleceu um lugar para determinados personagens históricos, e engendrou determinadas representações, cristalizadas e com usos políticos no presente, que por abarcarem gerações de leitores, constituíram uma forma de compreender a trajetória histórica do Estado (NASCIMENTO, 2018, p.123).

Partindo do pressuposto de que exista essa tendência na historiografia capixaba, deduz-se que essa narrativa também pode estar presente na sala de aula, principalmente se o material utilizado pelo professor for uma transposição didática oriunda dessa historiografia. Reafirma-se, portanto, a urgente necessidade de avanços da/na pesquisa acadêmica, bem como a ênfase na formação de professores,

pautada nas práticas de ensino da História Regional e Local no estado. Exatamente por isso, sem a pretensão de esgotar ou solucionar de vez um problema tão vasto e complexo, inserimos nossas reflexões nesse universo. A intenção é colaborar para as reflexões, direcionando os holofotes sobre a temática, na busca por produzir material didático que subsidie e estimule os professores na inserção do tema em suas aulas ou mesmo acrescentar ou transformar o que já vem sendo feito. Para essa tarefa, evocaremos as vozes dos próprios professores.

Outro aspecto bastante relevante a ser considerado, ao se propor refletir sobre a inserção da História Local e Regional na educação básica, se relaciona ao movimento gerado pela Escola dos *Annales*, que ficou conhecida como a revolução francesa da historiografia. Segundo esse movimento, a História deixou de se ocupar somente com a narrativa dos heróis, das grandes batalhas e de questões econômicas para dar lugar a outras possibilidades de escrita da História. Dentro dessas mudanças, passou-se a vislumbrar uma “Nova História”, que “[...] é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional...” (BURKE, 1992, p. 10). O autor ainda afirma que, ao contrário do paradigma tradicional,

[...] a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. “Tudo tem uma história”, como escreveu certa ocasião o cientista J.B.S. Haldane; ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Daí a expressão “história total”, tão cara aos historiadores dos *Annales*. A primeira metade do século testemunhou a ascensão da história das ideias. Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo [...]. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço (BURKE, 1992, p. 11).

Portanto, Burke (1992) contribuiu para a abertura de novas possibilidades de objetos e sujeitos de pesquisa. Anteriormente, havia uma História focada nas narrativas oficiais, reforçando as identidades nacionais e legitimando versões da história que contemplavam apenas os “vencedores”, colonizadores e governantes.

No Brasil, por exemplo, até a década de 1980, o marxismo era predominante na escrita da história. Porém com o fim da ditadura e a abertura política, as mudanças de paradigmas começaram a florescer por aqui também. Segundo Pesavento,

Em menor escala, ao longo dos anos 1980, a historiografia brasileira também se inspirava na tradição da escola dos *Annales*, apoiando-se em uma vertente econômico-social e balizada pelos marcos temporais da estrutura e da conjuntura, de inspiração braudeliana, que delimitavam a longa e a média duração. Essa orientação, contudo, apresentava-se mais difusa, diante do predomínio e do prestígio da postura marxista dentro da academia (PESAVENTO, 1997, p. 11).

A partir da crise historiográfica entre o paradigma marxista e a Escola dos *Annales*, surge a Nova História Cultural trazendo novas possibilidades para o fazer e o saber histórico. Sobre essa nova percepção da história, Pesavento (1997) faz a seguinte reflexão,

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. [...] Aquelas concepções mais antigas foram agora substituídas por esta modalidade vencedora de entendimento da cultura, que ganhou espaço junto às universidades e à própria mídia. Sim, pois tanto em termos mundiais quanto no Brasil, assistimos a um fenômeno: nunca se escreveu nem se leu tanto sobre História e isso se deve, em grande parte, a essa aludida virada na área (PESAVENTO, 1997, p. 15).

Tradicionalmente, a escola dos *Analles* ficou dividida em três gerações, sendo a primeira marcada pela história econômica e social, com predominância nas questões econômicas. Segundo Caimi (1999), a história econômica dava destaque para o coletivo, fazendo oposição à História tradicional, que tinha como foco os indivíduos que representavam as elites, como reis, heróis e fundadores, além de destacar instituições dominadas por essas elites.

A autora destaca que a segunda geração foi marcada pela expansão econômica mundial proporcionada pelo pós-guerra (1945), com a crescente industrialização, urbanização e consumo:

A história social, entretanto, veio a ser reintroduzida no campo da ciência histórica pela via da história demográfica; os fenômenos de mentalidade passaram a ser estudados na sua relação com os fenômenos econômicos: relação entre as fomes e as epidemias, entre as populações e os alimentos (CAIMI, 1999. p. 68).

Já alguns viam a terceira geração como continuidade da primeira e segunda geração, outros como uma ruptura definitiva, isso porque, a partir de 1970, novos objetos de

pesquisa foram anexados à prática historiográfica, como o inconsciente, a subjetividade e o simbólico. Nesse novo momento historiográfico dos *Analles*, surgiu também o cotidiano como

[...] objeto de investigação recente no campo historiográfico, [...] fruto de uma aproximação da história com outras ciências humanas, tais como a antropologia e a etnologia; nasce do desejo de contrapor-se à história dos grandes homens. A novidade da história do cotidiano é revelar como viviam os homens no dia-a-dia, os desconhecimentos, aqueles de quem nunca se fala, que não são célebres (CAIMI, 1999, p. 69).

Assim, conforme ressalta Caimi (1999), hoje temos a possibilidade de construir uma História da Educação voltada para o cotidiano escolar como objeto de investigação e, mais ainda, trazer o professor como sujeito de pesquisa. O professor, nesse sentido, deixa de ser um “desconhecido”, ao mesmo tempo que seus saberes e fazeres ganham destaque e a memória docente passa a ser matéria-prima para compreender a prática dos conteúdos escolares, dos currículos, revelando o retrato mais próximo de como a educação acontece na ponta, ou seja, dentro da sala de aula.

A referida autora também esclarece que a Nova História, [...] reação ao imperialismo da história econômica, [...] propõe também a história das mentalidades” (CAIMI, 1999, p.70), que seria um estudo voltado para o pensar e o sentir de um povo ou grupo de pessoas. Tais estudos se abriram para temas como família, educação, festa, morte, mulheres e um leque de possibilidades. A história das mentalidades também implica uma mudança no conceito de cultura na sociedade atual, pois, se antes havia a concepção de uma superioridade da cultura ocidental, hoje o entendimento é que existem culturas diferentes e igualmente interessantes (CAIMI, 1999).

Caimi (1999) destaca que os historiadores clássicos buscavam as semelhanças e as permanências, porém atualmente se buscam as diferenças e as rupturas. Na História das Mentalidades, o recorte temporal é sempre longo, ou seja, o estudo é focalizado no que ficou conhecido como “longa duração”, contrário à História positivista, que estudava um tempo curto. O tempo na História deixou de ser visto como algo linear e passou a contemplar as múltiplas dimensões do tempo, seja em curta, média e longa duração (CAIMI, 1999).

Com o passar do tempo, o conceito de mentalidade foi se desgastando, chegando a se confundir ou mesmo se fundir ao conceito de cotidiano. O diálogo com outras

disciplinas, como a Antropologia, a Psicologia e a Linguística, por exemplo, fizeram com que a narrativa histórica fosse questionada na capacidade de expressar o real. A narrativa histórica e a narrativa ficcional foram tidas como similares e a história foi acusada de inventar a realidade (VAINFAS, 1997):

[...] o grande refúgio da história das mentalidades foi, contudo, o da chamada *história cultural*, refúgio este sim, mais consistente, posto que, em suas principais versões, procurou defender a legitimidade do estudo do “mental” sem abrir mão da própria história como disciplina ou ciência específica — o que não é de somenos importância —, e buscando corrigir as imperfeições teóricas que marcaram a corrente das mentalidades dos anos 70 (VAINFAS, 1997, p. 148).

Ainda segundo o autor, a primeira característica da História Cultural de hoje é a rejeição do conceito de mentalidades, que é considerado para tratar as questões entre o mental e o social. A segunda característica seria que ela se apresenta como uma “Nova História Cultural” para fazer distinção ao antigo gênero historiográfico que estudava manifestações culturais “oficiais” ou “formais” de certas sociedades que valorizavam as elites políticas, econômicas ou intelectuais. Contrário a isso, a Nova História Cultural herdou da História das Mentalidades o apreço pelas manifestações culturais das massas anônimas e pelo popular. A terceira característica é a preocupação com o papel das classes sociais e dos conflitos sociais. Uma quarta característica é que ela também se apresenta como uma “História do plural”, buscando caminhos alternativos para a investigação histórica (VAINFAS, 1997). Sobre a Nova História Cultural no Brasil, Vainfas (1997) explica que

[...] o interesse cada vez maior de autores e leitores na história cultural brasileira coincida com a crescente profissionalização da pesquisa universitária em nosso país. Sem prejuízos de outros campos de investigação histórica, vários deles também muito atualizados quanto aos métodos e referências teóricas, a história cultural veio para ficar (VAINFAS, 1997, p. 162).

Assim, embasados em tais reflexões e na perseguição dos objetivos, anteriormente anunciados, fomos motivados a trilhar os caminhos da Nova História Cultural, que nos permitirá realizar uma pesquisa profissional. Trata-se de um trabalho desenvolvido que visa, em última análise, contribuir para melhoria da qualidade da educação pública. Para tanto, buscamos concentrar nossos olhares na figura do professor e sua forma de ensinar o tema História do Espírito Santo, que nos fornecerá, por meio de suas narrativas, a matéria-prima necessária para subsidiar este estudo.

Nesse sentido, fizemos uma escuta atenta das vozes dos professores, garimpando sinais e pistas que desvelassem saberes e fazeres, explícitos nas narrativas da memória sobre o ensino de História do Espírito Santo na educação básica do município de Vitória. Os resultados são socializados no próximo capítulo...

2 NARRATIVAS E MEMÓRIAS DOCENTES: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Conforme mencionado anteriormente, na pretensão de contribuir para os estudos e as reflexões acerca da introdução de conteúdos da História Local e Regional nas aulas de História na educação básica, destacando a potencialidade de tal introdução para a formação cidadã e valorização da cultura dos estudantes, procuramos ouvir e dar vozes a professores de História, atuantes na rede municipal de ensino de Vitória. Assim, no presente capítulo apresentamos, pelas vozes de tais sujeitos, seus saberes e seus fazeres que sinalizam para as possíveis boas práticas no ensino de História do Espírito Santo.

Escolhemos garimpar os saberes dos professores em sala de aula para constituir este trabalho, porque entendemos que o saber praticado no cotidiano escolar já foi testado e validado pelos próprios professores, e é na sala de aula que os professores, hierarquizam e utilizam os saberes adquiridos em sua formação e experiência de vida. Segundo Tardif (2010),

[...] os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem construir o alicerce da prática e competências profissionais, pois essa experiência é, para o professor, a condição para aquisição e produção de seus próprios saberes profissionais. Ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho (TARDIF, 2010, p. 21).

Portanto, Tardif (2010) nos chama a atenção para o potencial desses saberes constituídos na experiência em sala de aula, não para serem replicados literalmente, transformando-os em modelos prontos, mas para, ao localizarmos e registrá-los, estimular e mobilizar outros saberes.

Nesse sentido, Borges e Bitte (2018) destacam a importância desses saberes para que não se percam ou fiquem reservados nas memórias desses professores sem a chance de sua socialização e mobilização.

A não consideração do professor e de suas condições reais de atuação, traz consigo a não reflexão sobre a pluralidade de saberes que são mobilizados no exercício da função e que, em decorrência dessa não reflexão, são, na maioria das vezes, confinados à privacidade de experiências docentes isoladas que, embora possam ter grande validade e muitas contribuições para o processo de melhoria da qualidade do ensino, não são socializadas e,

portanto, perdem-se no anonimato de cada docente (BORGES; BITTE, 2017, p. 37).

Sendo assim, a experiência contida na memória de nossos entrevistados, transformada em narrativas, se torna uma valiosa fonte de saberes, que se constituiu de outros saberes e neles se mobilizou na lida com o ensino de História do Espírito Santo. A memória desses professores é a matéria-prima que iremos explorar, pois, como apontam Borges e Borges (2021), a memória

[...] seja ela entendida como experiência no tempo ou como vivência de um passado presentificado, seja entendida como registro subjetivo de experiências dadas pela significação que pode assumir para o narrador, poderá possibilitar compreensões e desvelamentos acerca das escolhas, opções, circunstâncias e contingências que permeiam a docência. Assim, partir de informações/vozes e compreender suas lógicas na docência, naquilo que as representam, que as identificam e que as sustentam, pode fornecer elementos que ressignificam sua identidade e suas práticas docentes (BORGES; BORGES, 2021, p. 95).

Portanto, conforme afirmam os referidos autores, a memória contém elementos que podem nos ajudar a desvelar questões referentes a nossa temática e auxiliar tanto os professores entrevistados quanto os que tiverem a oportunidade de realizar a leitura deste trabalho para repensar suas práticas, transformando e dando origem a novos saberes.

Para desbravar essa fonte valiosa que é a memória dos professores, nos apoiaremos na abordagem metodológica de pesquisa da História Oral Temática, conforme Bom Meihy (1996), Delgado (2006) e Alberti (2013). Elegemos como nosso universo de pesquisa docentes de História, atuantes na educação básica na rede municipal de ensino de Vitória. Como critério de refinamento na busca por tais sujeitos, definimos professores que, de alguma forma, inserem a temática HES em suas aulas. Sendo assim, fomos em busca desses sujeitos por meio de indicação de outros profissionais da educação da Rede Municipal de Vitória. Fizemos contato com os nomes indicados e os convidamos para participar da pesquisa.

A princípio realizamos a entrevista com a professora Thaís Dantas Campos Domingos de Oliveira (2019) e Wagner Meira dos Santos (2019). Após a qualificação entendemos que entrevistar mais professores, em muito enriqueceria a nossa pesquisa ao narrarem seus percursos ao trabalhar com a História do Espírito Santo

em suas aulas. Assim foram entrevistados os professores Carlos Fabian de Carvalho (2020), Priscilla Lauret Coutinho (2020) e José Elias Rosa dos Santos (2020).

Mas no decorrer de nossa pesquisa fomos atravessados pela pandemia do Coronavírus, que acometeu toda sociedade global. As duas primeiras entrevistas foram realizadas antes desse contexto, porém também foi preciso retornar nesses entrevistados para coletar mais dados, a partir de novas perguntas que foram inseridas, decorrentes, inclusive, de inquietações motivadas nas primeiras entrevistas, por exemplo, sobre suas experiências. Conforme Alberti (2013.p.160) “o trabalho com a história oral é constantemente retroalimentado: conforme avançamos em sua realização, voltamos para modificar algo de seu início”. Dessa forma, o roteiro das entrevistas não é algo fechado, inflexível, podendo surgir novas consultas entre os entrevistados com o intuito de aprofundar o tema da pesquisa.

Posteriormente, com a sociedade brasileira já impactada pelo isolamento social devido a pandemia, precisamos adaptar nossa metodologia e tomamos a decisão de fazê-la de forma remota. Ao contactarmos os professores, e ao aceitarem nos conceder entrevistas, demos a opção de ser feita remotamente, garantindo, assim, a segurança dos nossos sujeitos de pesquisa. Com a aquiescência dos mesmos, optamos por utilizar o aplicativo *Jitsi Meet*¹. Um dos professores se disponibilizou em conceder a entrevista de forma presencial em sua casa. Seguimos todos os critérios estabelecidos pelos órgãos de saúde, utilizando máscaras, álcool em gel e mantendo uma distância de aproximadamente dois metros em um local arejado.

Assim, foram nossos sujeitos de pesquisa, os professores acima citados e que, generosamente nos concederam e compartilharam, por meio de suas narrativas, seus saberes e fazeres em sala de aula.

Para condução das entrevistas elaboramos um roteiro semiestruturado, visto sua especificidade, conforme bem salienta (1996):

Dado seu caráter específico, a história oral temática tem características bem diferentes da história oral de vida. Detalhes da história pessoal do narrador

¹ Se trata de um aplicativo que permite vídeo chamadas possibilitando reuniões, conferências a distância com a opção de gravação das mesmas. Pode ser acessado no endereço eletrônico: <https://meet.jit.si/>.

apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central (BOM MEIHY, 1996, p. 41).

Tendo em mente a recomendação acima de Bom Meihy (1996), nos apoiando, também, nos princípios básicos elaborados por Thompson, de que “as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível e, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido, em geral, apenas uma de suas metades será respondida e, em geral, não ficará claro qual delas” (THOMPSON, 1998.p.260). Pautados nestas observações organizamos o nosso roteiro de entrevista semiestruturado.

Outra questão que ficamos atentos foi com a aplicação do roteiro de entrevistas que conforme sugere Alberti (2013) seja aplicado a todos os entrevistados “a unidade dada pelo roteiro geral permite que se identifiquem divergências, recorrências ou ainda concordâncias entre as diferentes versões obtidas ao logo da pesquisa” (ALBERTI, 2013. p. 162).

Com o roteiro de entrevista semiestruturado em mãos entramos em contato com os nossos sujeitos de pesquisa, falamos de nossa pesquisa e nossos objetivos. Marcamos o dia e hora da entrevista conforme o tempo disponível do professor. Thompson recomenda que o local da entrevista “deve ser um lugar em que o informante se sinta à vontade”. (THOMPSON, 1998. p.265). O autor sugere que pode ser realizada em casa ou no local de trabalho. Em fim um lugar que se possa “ativar mais fortemente outras áreas da memória” (THOMPSON, 1998.p.265).

Após a realização das entrevistas, passamos para a etapa seguinte, que foi a da transcrição das mesmas, que duraram, em média, cerca seis a dez horas, cada. Thompson (1992) sinaliza, que na transcrição da entrevista é preciso “desenvolver uma nova espécie de habilidade literária que permita que seu texto escrito se mantenha tão fiel quanto possível, tanto ao caráter quanto ao significado do original.” (THOMPSON, 1998, p.297).

Conforme Meihy e Holanda (2019),

Para que o narrador se reconheça no texto da entrevista, é preciso que a transcrição vá além da passagem rigorosa das palavras da fita para o papel. A transcrição literal, apesar de extremamente necessária, será apenas uma etapa na feitura do texto final, que

chamo de textualização por ser ao modo de se reproduzir honesta e corretamente a entrevista em um texto escrito. (MEIHY e HOLADA, p. 155)

Ao coadunar as orientações de Thompson (1998) e Meihy e Holanda (2019), confeccionamos o texto com as narrativas de nossos professores entrevistados já com a textualização que conforme afirmam Meihy e Holanda (2019, p.155) “o texto deve ser “limpo”, “enxuto” e “coerente”, porem, sem perder sua originalidade.

Seguindo o nosso roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE A), entramos em contato com os nossos professores entrevistados, falamos de nossa pesquisa e nossos objetivos. Com o intuito de sermos didáticos separamos em três tópicos os dados coletados: Identificação e formação dos sujeitos; Localizando os saberes e fazeres sobre o Espírito Santo; Sobre as fontes, recurso e materiais didático utilizados no ensino de HES.

2.1 CONHECENDO NOSSOS SUJEITOS DE PESQUISA

Visando deixá-los à vontade, no intuito de se familiarizarem com a gravação, pedimos aos professores que se apresentassem². A primeira entrevistada foi a professora Thaís Dantas Domingos Campos de Oliveira que assim se apresenta:

Sou professora há 22 anos, minha formação acadêmica se deu na Universidade Federal do Espírito Santo e a minha especialização também, foi em Ciências e História das Relações Políticas e Sociais do Brasil. Espírito Santo sempre foi minha matéria preferida, porque eu era professora de pré-vestibular, de 2000 a 2012, em várias instituições de ensino da Grande Vitória. O Espírito Santo e Brasil eram as minhas duas cátedras, minhas duas cadeiras, e eu flertava com o Espírito Santo desde a época da minha formação inicial. Eu fui aluna, não sei se você conheceu, da professora Leonor Araújo, a Negra Léo, que depois foi para a Casa do Cidadão do Estado. Então, Negra Léo entorpeceu a galera de 97/1. Espírito Santo foi a matéria que a gente saía, que a gente ia fazer “in loco”, patrimônio histórico, educação patrimonial, história oral... então o conteúdo do Espírito Santo sempre foi muito fascinante para mim. Quando eu cheguei na escola fundamental em 2010, quando eu passei em concurso público, eu falei: “eu tenho que dar um jeito de introduzir isso nas minhas aulas”, mesmo não sendo uma prática da Prefeitura de Vitória a História do Espírito Santo tem que acontecer. E foi por meio de projetos, no início foram só projetos, a História do Espírito Santo, um recorte “Negro do Espírito Santo”, que era uma obra até da Negra Léo, que era a professora Leonor Araújo [...] aquilo foi ganhando mais dimensão, e percebi que projetos pontuais na escola não

² A entrevistas completas encontram-se nos apêndices deste trabalho, entre as páginas 111 e 160.

eram interessantes, então eu comecei a fazer isso de fevereiro até dezembro. Então o Espírito Santo é uma disciplina muito isolada dentro da escola. A História do Espírito Santo é trabalhada por história, dificilmente você encontra algum outro par dentro da escola que queira dialogar sobre a cultura capixaba, sobre a Geografia do Espírito Santo, e é ainda uma disciplina de preocupação do professor de história, de forma muito isolada (OLIVEIRA, 2019).

A narrativa da professora Oliveira (2019) revela que foi marcada, no seu processo de formação, pela professora Leonor Araújo e, por consequência, levou-a diante seu legado, o trabalho com a História do Espírito Santo. Esse legado de antigos professores, replicados na formação de novos docentes, é ressaltado por Borges e Bitte (2017), quando abordam os saberes da docência que são formados pelo amálgama de diversos saberes, entre os quais o da tradição pedagógica: “As lembranças de antigos mestres acabam por compor, juntamente com outros tantos fatores, o reservatório de saberes necessários e mobilizados, consciente e inconscientemente, no ato de ser/estar na profissão docente” (BORGES; BITTE, 2017, p. 36).

Ainda, observando a narrativa da professora, verificamos que sua experiência lecionando a temática é oriunda de sua passagem como docente em cursos preparatórios para o vestibular, pois, na época, a História do Espírito Santo fazia parte do repertório exigido nas provas para ingresso na Universidade Federal do Espírito Santo. Com a implantação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) como critério de seleção para o ingresso no ensino superior e com a adesão da Ufes ao Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação (SISU/MEC), a partir de 27 de abril de 2016, que adotou esse sistema como forma única de ingresso de alunos nos cursos de graduação (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2016), a disciplina História do Espírito Santo acabou sendo suprimida e invisibilizada nos cursos preparatórios.

O relato da professora indica também que, em sobre seu trabalho no ensino fundamental, adotou uma adaptação da experiência como professora de História do Espírito Santo em curso pré-vestibular. Talvez, em decorrência disso, a entrevistada destaca que a temática “Espírito Santo” se encontra isolada dentro da escola, sendo praticada apenas na disciplina de História. Sendo assim, podemos inferir que ela gostaria de socializar seus saberes com outras disciplinas e realizar um trabalho interdisciplinar.

Não obstante, para a realização do desejo de docentes da educação básica trabalharem de forma interdisciplinar, conforme sinalizado na narrativa de nossa entrevistada, vários são os obstáculos que se impõem. Por exemplo, devido ao número reduzido de aulas de História na grade curricular do município, na maioria das escolas de ensino fundamental no município de Vitória só atua um professor de História por turno para dar conta da disciplina. É comum ainda que o professor de História realize seu horário de planejamento (PL) juntamente com o professor de Geografia, o que acontece apenas em um dia na semana. Nem sempre esse professor está interessado em realizar um trabalho conjunto, pois as demandas burocráticas da escola, com preenchimento de pauta, correção de atividades e avaliações, reuniões pedagógicas, atendimento de pais e outras questões acabam por sufocar o tempo de planejamento dos professores, impossibilitando a interação. Tal burocracia se intensifica quando se trata de envolver outras áreas que não têm a oportunidade de planejar em conjunto. Essa e outras explicações podem ser atribuídas ao sentimento de isolamento que a professora Oliveira (2019) demonstra em alguns momentos de sua narrativa. Esse sentimento pode estar espalhado pela escola, no silêncio da mente de professores em sala de aula.

O professor Santos (2019) assim se identifica:

Meu nome é Wagner Meira dos Santos, formado em História, licenciatura e Bacharel, no Centro Superior Anísio Teixeira (CESAT). Tenho três pós-graduações: Educação étnico-racial, Pedagogia de projetos e EJA. Trabalho atualmente em duas redes, no estado no Instituto Socioeducativo com menores infratores, que é uma maravilha, para mim no caso, e trabalho no fundamental 2 [séries finais do Ensino Fundamental] aqui na rede de Vitória, onde eu moro, ensinando para turmas do sexto ao oitavo ano (SANTOS, 2019).

Continuando com as apresentações, temos os três professores entrevistados no contexto citado anteriormente. O professor Carvalho (2020) e o professor Santos (2020) se apresentam da seguinte forma:

Carlos Fabian de Carvalho. Eu me formei em 1998/2. Faço docência desde 1996 na Prefeitura Municipal de Vitória. Lá, eu entrei em 2002, onde eu estou até hoje. Passei pelo ensino superior e pela pós-graduação também (como docente), durante um período, mas hoje concentro minhas atividades no ensino fundamental na educação de jovens e adultos (CARVALHO, 2020).

Meu nome é José Elias Rosa dos Santos, sou professor de História há 25 anos e trabalho desde 2005 na rede Municipal de Vitória. Sempre trabalhei na rede Municipal de Vitória, nunca tive outro vínculo (SANTOS, 2020).

Por fim, a professora Coutinho (2020) se identifica e faz uma breve explanação de sua experiência,

Meu nome é Priscilla Lauret Coutinho. Eu fiz História na UFES e me formei em 2003; antes mesmo, da colação de grau, já lecionava na escola pública estadual e municipal. Então, esse ano eu tenho 19 anos de trabalho na área de educação com História. Quando trabalhamos em designação temporária, também acabamos lecionando outros conteúdos, disciplinas, componentes curriculares. Então eu também já lecionei Artes e Geografia, além de História. Passar por esses outros percursos me deu um pouco de bagagem. Geralmente os meus trabalhos acabam envolvendo algum conteúdo artístico. Quando eu trabalho um pouco de História do Espírito Santo, eu parto ou da História do município em que estou trabalhando, ou vou trabalhar alguma data comemorativa dentro da trajetória do estado. A gente acaba produzindo algo material para ficar na escola em exposição, porque eu reparei que tem um efeito na comunidade escolar, e o efeito é bem maior quando você expõe alguma coisa, quando você materializa a sua pesquisa e não somente através de textos (COUTINHO, 2020).

Na apresentação da professora Coutinho (2020), ela já destaca algumas características que envolvem sua relação com a HES, como sua preferência em partir da História do município onde está lecionando, relacionando a sua história do estado e também em datas comemorativas. Além disso, ela destaca sua preocupação em envolver a comunidade escolar.

Ao serem perguntados se recordavam de haver cursado, durante a licenciatura em História, alguma disciplina ofertada, de forma obrigatória ou optativa, voltada para a História do Espírito Santo, obtivemos as seguintes respostas:

Sim. Ministrada pela professora Leonor Araújo. História do Espírito Santo, acho que fiz 1 e 2. Na época tinha na grade duas disciplinas, [...] cultura popular brasileira que foi uma outra disciplina oferecida por Estilague Ferreira e que em alguns momentos a gente falava do Espírito Santo [...] Duas disciplinas do Espírito Santo não é o suficiente (OLIVEIRA, 2019).

Novamente a professora Leonor Araújo é citada por nossa entrevistada que, dessa vez, também menciona um outro professor, Estilague Ferreira. O fato de, em suas narrativas, a professora Oliveira (2019) se lembrar tanto das disciplinas cursadas quando dos nomes dos professores que as ministraram nos possibilita inferir a importância que tiveram em sua formação, mesmo ela reconhecendo que não foi o suficiente.

Já para o professor Santos (2019), essas lembranças se tornaram vagas e difusas. “Na graduação, eu não tenho certeza, mas eu acredito que bem superficial” (SANTOS,

2019). Nesse momento reforçamos a pergunta ao professor: Mas não tinha uma disciplina? Ele respondeu:

Eu acredito que não. Têm tempo que eu me formei. Formei em 2005, mas só fui atuar a partir de 2010. Eu era de uma outra área... Não me recordo se na graduação tivemos, na grade, alguma disciplina de História do Espírito Santo. Eu lembro que fui apresentado ao tema em 1999, em um “aulão” preparatório de para o vestibular. Foi fantástico, não lembro o nome da professora agora. Ela era especialista em História do Espírito Santo e era da UFES, tinha até um livro. Durante o preparatório, a gente descobriu um pouco sobre o Espírito Santo, mesmo porque era cobrado no vestibular da época. Então foi ali que eu conheci meu estado, a partir de um “aulão” (SANTOS, 2019).

Em sua narrativa, o professor Santos (2019) também cita o curso preparatório para o vestibular como forma de contato com a temática, porém como aluno. Nessa relação professor/aluno, podemos observar como o saber e o fazer de um professor marca o aluno. No caso do professor Santos (2019), mesmo antes de se tornar um formador, guardou na memória as experiências adquiridas em um curso preparatório para suas práticas pedagógicas. Agora cabe o questionamento: qual a chance daqueles que vislumbram esta temática apenas nas séries iniciais do ensino fundamental, ao optarem por serem professores de história, levarem essa prática para suas aulas?

No relato do professor Carvalho (2020), mais uma vez aparece o nome da professora Leonor Araújo, o que reforça a importância da memória dos antigos professores na formação dos novos e como a identidade docente vai sendo constituída por meio dessa transmissão.

Tinha uma, que era optativa. Na época, quem lecionava era a professora Leonor Araújo. Foi a única que eu entrei. Eu entrei no final e o professor Cleber Maciel tinha acabado de falecer, que era quem trabalhava com o Espírito Santo, o negro no Espírito Santo, a história da África. E aí, logo depois, a Leonor assumiu essa função e trabalhava com a História do Espírito Santo (CARVALHO, 2020).

Já o professor Santos (2020) destaca o nome do professor Luiz Guilherme dos Santos Neves:

Uma disciplina de 60 horas. Quem ministrava a disciplina, era o professor Luiz Guilherme Santos Neves, e trabalhava a História do Espírito Santo em uma perspectiva que, na minha avaliação, era bem factual. Como a chegada dos portugueses, a população indígena, as capitânicas hereditárias, Vasco Fernandes Coutinho, ou seja, essa uma perspectiva bem tradicional da História. O professor Luiz Guilherme tinha essa visão bem tradicional, e eu

posso garantir também que ele fazia, na perspectiva dele, um ótimo trabalho diga-se de passagem (SANTOS, 2020).

Por sua vez, professora Coutinho informa que “Sim, existia. A gente tinha um semestre e eu fiz com a professora Leonor a disciplina História do Espírito Santo, e era obrigatória” (COUTINHO, 2020).

É possível identificar nas narrativas que, ao recorrer a suas memórias, os professores se recordaram dos professores que lecionaram a temática na época de sua graduação. Isso é um sinal de que eles foram relevantes para sua formação e construção da identidade docente, estimulando a inserção das práticas voltadas para o ensino de História do Espírito Santo. De acordo com Tardif (2010), “[...] os saberes experienciais do professor de profissão, longe de serem baseados unicamente no trabalho em sala de aula, decorreriam em grande parte de concepções de ensino e aprendizagem herdadas da história escolar” (TARDIF, 2010, p. 72), ou seja, de suas experiências como aluno na relação aluno-professor.

As narrativas dos professores direcionam o nosso olhar para a inserção da História do Espírito Santo nas salas de aula hoje. Se levarmos em consideração a forma de avaliação do Exame Nacional para o Ensino Médio (ENEM), a Prova Brasil e a Provinha Brasil no Ensino Fundamental nos interrogamos: como seria a inserção da História do Espírito Santo na sala de aula, já que essas formas de avaliação contemplam o currículo nacional?

Essas avaliações nacionais tendem a homogeneizar o currículo e conseqüentemente a desestimular as escolas no ensino de conteúdos que não fazem parte do repertório exigido nesses testes. De acordo com Peroni e Caetano, essa questão “[...] é preocupante, pois padroniza o currículo nacional em um país tão diverso quanto o Brasil” (PERONI; CAETANO, 2015, p. 342). Continuam as autoras:

[...] Ter um currículo nacional, democraticamente debatido, poderia contribuir para que o currículo deixasse de ser definido apenas por avaliações nacionais, livros didáticos e empresas privadas que fazem parcerias com escolas públicas (PERONI; CAETANO, 2015, p. 340).

Com base nas questões levantadas por Peroni e Caetano (2015), podemos refletir sobre as interferências do mercado na educação, mesmo realizando as devidas críticas aos livros didáticos adotados pela escola. Em decorrência, mesmo sinalizando

por alternativas para o ensino da História Regional e Local, como é proposto neste trabalho, acabamos esbarrando nas avaliações nacionais e até mesmo locais, pois, ao buscar um currículo alternativo, corremos também o risco de não preparar os alunos para essas avaliações. Portanto, há que se considerar também que os professores são constantemente cobrados pelas unidades de ensino para atingir bons resultados, pois a escola recebe incentivos monetários por esses feitos. Além disso, um resultado negativo acaba desqualificando a unidade escolar com relação a outras. Depreende-se, pois, que realizar uma abordagem metodológica utilizando a História Regional e Local como uma alternativa crítica a História oficial é um ato de resistência frente a esses mecanismos de controle do poder público.

Ao serem perguntados se, após a Licenciatura em História, nossos entrevistados haviam feito alguma formação continuada em relação à História do Espírito Santo, a professora Oliveira informa:

Fiz. Pela Univix. A Univix ofereceu “A Arquitetura e a História do Espírito Santo” e dividiu em eixos temáticos. Aí eu fiz, comecei com a população indígena e fui conhecer os aldeamentos indígenas e as construções jesuíticas. Tinha aula teórica e aula de campo, isso em 2001/2002, imediatamente quando eu saí da Universidade. Continuei estudando e pesquisando o Espírito Santo [...] Fui professora da disciplina de Turismo e Ética, e trabalhei com a História do Espírito Santo também, então Espírito Santo sempre foi a minha praia, mas volto a dizer, de forma isolada (OLIVEIRA, 2019).

Já o professor Santos (2019) narra que, em relação a sua formação continuada, não obteve nenhuma formação em História do Espírito Santo oferecida pelas instituições onde trabalhou. No entanto, afirma que busca sua formação continuada pesquisando o tema de forma independente (SANTOS, 2019).

O professor Carvalho (2020) relata que fez uma formação pela Rede Municipal de Vitória sobre educação patrimonial, quando foram debatidas questões relacionadas ao centro histórico de Vitória e a HES foi tratada de forma transversal.

O professor Santos (2020) declara que não teve nenhuma formação oferecida pelas instituições em que trabalhou. Ele destaca que, ao cursar seu mestrado em sociologia na UFES, o enfoque de sua pesquisa foi no Congo do Espírito Santo, o que, por consequência, proporcionou-lhe muitas leituras sobre a HES e ainda um destaque para os indígenas e negros.

A professora Priscilla informa:

Eu trabalho muito com pesquisas envolvendo os próprios conceitos de transversalidade. Os seminários e congressos que eu participei sobre negros no Espírito Santo, por exemplo, africanidades, que também é minha área de pesquisa. Eu sempre tentei buscar me encaixar em minicursos que tivessem a ver com a História do Espírito Santo. Eu já fiz um curso no IFES em 2018, e acho que era o primeiro grupo de trabalho da professora Priscila Chisté. O título era “A Educação na cidade e o processo de modernização”. Teve uma das atividades do curso que a gente fez, que era dedicada à formação de professores. Os mestrandos da professora Priscila e da professora Dilza produziram esses materiais, e eu até usei depois para sala de aula, focando nos pontos de encontro, nos pontos turísticos, nos centros de poder, relacionados à História do Espírito Santo. Depois que eu fiz este curso, eu mudei um pouco o foco de uma das visitas que eu faço. Eu gosto muito de trabalhar com aula de campo, então uma das visitas que eu faço ao centro histórico é a partir desse curso (COUTINHO, 2020).

Na narrativa da professora Coutinho (2020), identificamos a preocupação com a sua formação, pois procura aperfeiçoar a sua prática docente. Os cursos realizados por ela propiciaram um novo olhar sobre as práticas realizadas em sala de aula, incluindo a aula de campo, por exemplo, no centro histórico.

Ao perguntamos sobre sua formação, a professora Coutinho (2020) também a direcionou para a exploração da educação patrimonial e despertou seu interesse para inserir a temática HES em suas aulas. A professora relata que suas visitas em locais como o Palácio Anchieta e o Museu Solar Monjardim buscam um viés contra hegemônico, educando o olhar dos alunos para o que ele vai ver.

As narrativas dos professores apontam que é imprescindível, na formação inicial, a disciplina de História do Espírito Santo. Ao concluírem a licenciatura em História, vários fatores influenciaram na realização ou não de formação continuada. Para Oliveira (2019), mesmo tendo História do Espírito Santo na formação inicial, dar continuidade a esses estudos possibilitou aprofundar mais o tema, enriquecendo suas experiências. O professor Santos (2019), mesmo não tendo a oportunidade de ter essa formação na graduação e nem uma formação continuada formal, se esforça para inserir o tema em suas aulas, buscando outros recursos. Em um outro momento da entrevista, Oliveira (2019) faz uma fala que nos leva a entender a necessidade de se desenvolver uma formação para dar suporte aos professores em suas aulas sobre o Espírito Santo, pois muitos deixam de fazer por não terem esse incentivo.

[...] Os professores na verdade não fazem, não porque não querem. Eles não fazem porque não sabem. Estuda-se muito pouco sobre a História do Espírito Santo na universidade, isso para quem fez História, imagine quem é licenciado em outras áreas [...] (OLIVEIRA, 2019).

Podemos constatar que os professores entrevistados, tiveram contato com a HES, seja na graduação, seja na formação continuada, e se sentiram motivados a trabalhar, quando professores, em suas aulas. O professor Santos (2019), mesmo não tendo a disciplina na grade curricular da sua graduação na instituição onde formou, buscou na memória as aulas do pré-vestibular quando se preparava para ingressar no ensino superior e posteriormente inseriu o conteúdo em suas aulas como professor no ensino fundamental.

2.2 LOCALIZANDO OS SABERES E FAZERES SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Após essa apresentação inicial e um breve histórico sobre a formação dos nossos sujeitos de pesquisa em relação à HES, destacamos algumas questões relacionadas à prática docente: quais conteúdos de HES são trabalhados, se esses conteúdos estão presentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e como são trabalhados em sala de aula.

Para tanto, iniciamos perguntando quais conteúdos eles costumam trabalhar sobre HES na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental esse conteúdo é ministrado. A seguir, apresentamos respectivamente as respostas da professora Oliveira (2019), do professor Santos (2019), do professor Carvalho (2020), do professor Santos (2020) e da professora Coutinho (2020):

Eu começo do 6º ano e vou até o 9º ano. Preferencialmente, eu gosto muito de falar sobre a cultura capixaba, acho muito relevante. Eu começo falando da chegada de Vasco Fernandes Coutinho ao Espírito Santo e vou até o último Governo do Espírito Santo. [...] normalmente eu consigo fazer parcerias e trazer gente especializada para vir falar nas escolas. É um trabalho muito de formiguinha sabe? [...] (OLIVEIRA, 2019).

[...] no 6º ano, o que eu consegui abordar, foram povos americanos, onde eu abordo dentro da estrutura dos Sambaquis, os povos indígenas aqui do litoral, coletores. Então eu trago para a realidade do Espírito Santo. Hoje eu estou em uma comunidade que também vive da coleta, então o aluno consegue se enxergar dentro deste contexto lá do paleolítico, isso no 6º ano. [...] No 7º ano nós entramos no contexto... [pausa]das grandes navegações [...] e quando eu trabalho com as capitânicas hereditárias eu aprofundo novamente a questão do Espírito Santo[...]. No 8º ano [...] eu trabalho no dia do feriado mesmo, para o menino entender o que é a colonização do solo Espírito-

Santense. No 9º ano, quando a gente entra no período do processo de abolição da escravidão e a chegada dos imigrantes [...] (SANTOS, 2019).

A barreira verde aparece muito. Um outro conteúdo que aparece muito são os quilombolas. Por exemplo, os Zacimba Gaba. A questão da escravidão no Norte, onde trabalho com Constância da Angola e com os Zacimba Gaba, com a chegada em São Mateus. O Vale do Cricaré, também é um conteúdo muito presente nas minhas aulas. Trabalho com a história republicana e com a ocupação indígena no território capixaba. Com a imigração italiana e alemã, e trabalho bastante como período republicano. O século XX e o processo de urbanização da cidade. Esses são o que eu mais gosto de fazer (CARVALHO, 2020).

[...] eu procuro trabalhar todas as fases da história do Brasil inserindo o Espírito Santo. Quando a gente trabalha, por exemplo, colonização, procuramos inserir também os primeiros anos e primeiros séculos no Espírito Santo. Quando se fala na instituição das capitânicas hereditárias, a gente traz também o caso do Espírito Santo. E quando se fala na questão do período da mineração e a assim por diante. Não existe uma fase específica, a gente procura, a cada fase da História do Brasil, inserir elementos vinculados à História do Espírito Santo (SANTOS, 2020).

[...] colonização do solo espírito-santense [...] com o 7º ano, a Mata Atlântica. Como que essa formação dos povoados e a estruturação da cidade acabou desmantelando, destruindo e apagando a memória desse patrimônio natural [...] a gente faz um gancho, por exemplo, fazendo uma aula de campo lá na Fonte Grande. Levar os alunos na Fonte Grande e trabalhar com a parte geográfica, com a localização, pois aqueles mirantes deles são lindos. Trabalhar um pouco desse entorno. Sobre o que é a grande vitória do ponto de vista geográfico, a importância dos rios, a própria existência de recursos naturais, que acabou levando a uma diferenciação na forma de povoar. “Porque quem em torno do Rio Marinho, se formou uma aglomeração muito grande de pessoas? a necessidade do Rio”. “Porque os manguezais de Vitória tiveram uma concentração de população Ribeirinha?” “Por quê que houve isso?” “Qual foi a utilização dada para esses sambaquis por exemplo?” Então você já volta lá na pré-história, para falar um pouquinho da importância desse sítio arqueológico. “O que é um sítio arqueológico?”. Numa visita que você foi para falar de mata atlântica, para olhar o visual da cidade, você fala de ocupação, de recursos naturais, de pré-história, sobre a necessidade desse ecossistema. continuar existindo e de como a degradação pode ser trágica para o ser humano e até para própria economia [...] (COUTINHO, 2020).

Como vimos, os professores realizam diversas abordagens, desde a pré-história, evidenciando a existência dos sambaquis, que são amontoados de ossos, conchas e artefatos considerados vestígios arqueológicos deixados pelos nossos antepassados, até o período republicano. A ausência de direcionamento nas DCEF da Rede Municipal de Educação de Vitória, abordada anteriormente, abre caminhos para o protagonismo dos professores e a liberdade na composição de seus currículos praticados. Em contrapartida, por não ter um direcionamento mais preciso, outros tantos acabam não trabalhando a temática em suas aulas.

A partir dessas narrativas, levantamos também as seguintes questões: qual o lugar ou o não lugar da História do Espírito Santo na sala de aula? Seria a História do Espírito Santo apêndice de outros conteúdos? Seria ela trabalhada principalmente em datas comemorativas ou durante um estudo de campo? Essas inquietações nortearam nossa próxima pergunta, que tem como objetivo perceber se, ao trabalharem a História do Espírito Santo, eles partem da História Local/Regional para a Nacional ou da História Nacional para a Regional/Local.

A inversão dessa lógica de apresentação pode ser um indício de que a História do Espírito Santo pode se tornar apêndice da História Geral. Primeiro trabalha-se uma História Geral para depois trabalhar o Regional/Local. Conforme Monteiro (2003), se quisermos impactar os alunos com determinados conteúdos, devemos partir do que está próximo a eles, ou seja, trabalhar o seu entorno destacando a cultura, a economia, política, entre outros aspectos.

A História Regional e Local não deve ser vista como um apêndice da História Nacional e Global em um espaço reduzido. Pelo contrário, ela pode e deve fornecer uma visão mais ampla da realidade do aluno, o que nem sempre é possível realizar com uma visão mais generalizada da História. Segundo Crestani (2016),

[...] a História Regional é capaz de apresentar aspectos não previamente observados em níveis mais amplos como na “História Geral”. Um estudo na ótica regional analisa um menor espaço físico e o conjunto de relações e articulações estruturadas em torno de identidades singulares da localidade ou região em estudo, o que favorece o processo de compreensão do espaço em que vive e agem os sujeitos históricos (CRESTANI, 2016, p. 21).

O local e o regional não precisam necessariamente ser uma forma de suporte para entender o macro, mas suas particularidades podem trazer muito mais benefícios para intervir na realidade local e regional do que uma compreensão do global. Principalmente se seu ensino for realizado como método de crítica à História oficial. Crestani (2016) afirma: “Trabalhando dentro desta dinâmica, o aluno pode se reconhecer como sujeito participante da história, compreendendo os diferentes níveis da realidade, tais como, econômico, político, social e cultural” (CRESTANI, 2016, p. 22).

Nessa direção, a professora Oliveira (2019) declara que aborda “Sempre do macro para o micro, sempre História Mundial, História do Brasil e História do Espírito Santo”

(OLIVEIRA, 2019). Essa posição é compartilhada pelo professor Santos (2019), que assegura trabalhar “[...] sempre do macro para o micro, porque se não fica solto, não faz muito sentido o índio aparecer do nada. Bom, pelo menos é a minha ideia” (SANTOS, 2019).

O professor Carvalho (2020), narra que “Varia. Porque, como eu não trabalho nessa perspectiva de história temática, eu não faço obrigatoriamente, a ligação entre o local e o Global. Não é isso que me orienta, mas sim, o tema.” (CARVALHO, 2020). Ele destaca também que quando está trabalhando, sempre traz a reflexão para o contexto do Espírito Santo, e relata algumas temáticas que trabalha em sala de aula como a questão da terra, da escravidão, dos negros, dos indígenas e das relações de gênero.

O professor Santos (2020) afirma que “[...] o Espírito Santo faz parte do Brasil. O local e o global têm uma relação dialética intensa. Não dá para você compreender a História do Espírito Santo se você não tiver uma relação dessa História, com os fatos nacionais.” (SANTOS, 2020), portanto trabalha a HES sempre no contexto da História do Brasil, estabelecendo relações também entre o global e os impactos do global sobre o nacional e local. O professor tem uma preocupação de não isolar a História Regional/Local da História Nacional, assim também como isolar a História Nacional do âmbito global, sempre trabalhando com o aluno essa relação dialética.

A professora Coutinho (2020) destaca que já trabalhou das duas formas e diz que aborda a temática

[...] saindo de um contexto histórico nacional para falar do Espírito Santo [...]. Mas também já aconteceu de partir de uma dúvida [...] me perguntaram, por que que Vitória tinha porto, por que Vila Velha e Cariacica, sendo tão próxima não tinha” (COUTINHO, 2020),

Sendo assim, a professora trouxe uma aula de História Local para responder ao questionamento dos alunos.

2.3 SOBRE AS FONTES, OS RECURSOS E OS MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

No intuito de levantar quais materiais e recursos didáticos os professores estavam utilizando em suas aulas de HES, indagamos sobre tais recursos. O professor Carvalho (2020) informa que utiliza muitos artigos, mas pouquíssimos livros, porque tem dificuldade de encontrá-los. Aproveita “[...] alguns pedaços das dissertações e teses, que têm saído do Programa de Pós-Graduação em História ou então outros estudos que aparecem. Por exemplo, de historiadores não profissionais, ou pessoas da Cultura” (CARVALHO, 2020). Ele cita alguns autores como Arlindo Vilaschi, Francisco Lacerda de Aguiar, Luiz Guilherme dos Santos Neves e Miguel Depes.

O professor Santos (2020) não tem conhecimento de um material didático específico para as séries finais do ensino fundamental. Produz seus próprios textos a partir de leituras de material que encontra na internet, buscas no Arquivo Público Estadual, na Secretária de Estado da Cultura (Secult), no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e cita alguns autores clássicos da historiografia da HES, como Luiz Guilherme, Léa Brígida, Renato Pacheco, Thais Helena, Sebastião Pimentel, Eliomar Mazoco e Cleber Maciel. No entanto, reforça que não são materiais produzidos para atender alunos de 6º ao 9º ano, gerando a necessidade de realizar a adaptação desses materiais e produzindo textos a partir deles, para poder trabalhar em sala de aula. Santos (2020) relata que tenta a todo momento trazer a temática da HES para sala de aula, o que o leva a buscar essa bibliografia.

A professora Coutinho (2020) diz que recorre a materiais produzidos pelo grupo de estudos das professoras Priscila Chisté e Dilza Côco do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Também cita o autor Miguel Kill e sua obra *A História e Geografia do Espírito Santo* e o Livro *Negros do Espírito Santo*, de Cleber Maciel. Ela também destaca que utiliza o Palácio Anchieta como fonte histórica e destaca que “[...] oficialmente era um colégio, mas que não foi colocado aqui por acaso. Está aqui, não apenas porque está no centro da cidade, pois é também um lugar de poder, um lugar de representação masculina, de patriarcado” (COUTINHO, 2020). Ela também nos apresenta um relato muito interessante sobre o modo como utiliza o Palácio Anchieta como fonte em uma aula de campo:

[...] a gente faz o menino entrar em nas salas do Palácio, onde a monitora mostra os quadros de todos os governadores, e às vezes algum deles percebe que o único negro ali é o ex-governador Albuíno, mas ninguém percebe por exemplo, a ausência da mulher, então você tem que chamar atenção para isso, “gente vocês estão percebendo, que além de serem

majoritariamente brancos, tem outra coisa que nos chama atenção”. E, é, essa história do patriarcado, essa ausência da mulher oficialmente na história do Palácio do Governo, tudo isso é uma construção, que precisa também ser questionada, que precisa ser polemizada, sobre o porquê de uma ausência feminina pelo entorno da cidade, porque que a gente vê a dona Domingas, uma mulher negra, curvada, carregando um saco com alguma coisa nas costas e a escadaria Bárbara Lindemberg, que por sua vez era a mulher de um político, do Florentino Ávidos. O que tem de feminino ali são as estátuas que representam as estações do ano, então mulher é só alegoria ou um indivíduo inferior? Quem são os donos do Poder? Então tudo isso, eu acho que o material didático nos ajuda a ter uma questão de datação (COUTINHO, 2020).

A professora Coutinho (2020) utiliza o patrimônio cultural para além da proposta da narrativa de sua exposição, que revela uma História desde o período colonial com os jesuítas até a república, indicando essa história de poder, muitas vezes contada pelo monitor sem um viés crítico. Conforme a professora, é possível trabalhar, nesses espaços, conteúdos como as questões de gênero e raça implícitas naquele contexto. Ela reforça que é sempre bom ficar atento ao discurso pronto que é trazido pelas monitorias desses espaços. Por meio do diálogo, procura sempre trabalhar com a dúvida dos próprios alunos para tratar de questões da HES.

No geral, podemos perceber que, mesmo com a dificuldade de encontrar materiais didáticos específicos para realização das aulas de HES, os professores atuam pesquisando, garimpando e encontrando caminhos para seus fazeres em sala de aula.

Outros exemplos de aulas de campo no ensino de HES foram relatados pelos professores. O professor Carvalho (2020) exemplifica algumas aulas de campo que realizou:

[...] a gente foi para Aracruz. Fizemos uma discussão no quilombo de Aracruz, lá na aldeia temática. Uma aldeia Guarani que existe lá. No ano retrasado, levei todos os estudantes para comemoração dos 500 anos da reforma protestante, da fé reformada. Fomos com eles para Domingos Martins, fizemos o Centro Histórico, o Convento da Penha e Reis Magos. Isso é fundamental para discutir a História do Espírito Santo (CARVALHO, 2020).

O professor Santos (2020) informa que realiza aulas de campo constantemente:

[...] Museu do Negro e Casa do Congo em Serra. Em outros momentos na Cidade Alta, em Vitória, e muitos outros lugares. Teve uma ocasião, em que fomos para São Mateus, ficamos três dias em um posto. Teve outra ocasião, em que fomos para Domingos Martins na região de Campinho. Local, onde tem a colonização alemã. Já fomos em Queimado também. Na verdade, eu

já fiz muito trabalho de campo. Uma vez, ficamos uma semana em Porto Seguro, fomos a Coroa Vermelha e em vários lugares.

Ao narrar sobre suas experiências com aulas de campo o professor Santos (2020) ainda reforça a importância dessas aulas: “[...] o contato do aluno, e da aluna, com o espaço, com o território, onde essas relações aconteceram, é fundamental para que elas compreendam como se constrói a História, e como a História é escrita.” (SANTOS, 2020), mas ele ressalta que não é fácil realizar essas atividades, pois existem entraves como as condições materiais e a falta de recursos.

Como a professora Oliveira (2019) havia narrado que faz parceria com profissionais de fora para trabalhar a temática, indagamos se ela também levava os alunos para fora do espaço escolar:

[...] estou flertando com a educação patrimonial, e a gente vai *in loco*, [...] a gente está fazendo um projeto que é, “O Espírito Santo, sua terra, sua gente, suas cores, seus sabores e seus amores”, e eu consegui implementar juntamente com meus pares. Eu falo que é muito isolado, muito sozinho, mas assim... as pessoas estão muito abertas, apesar das escolas serem lugares muito orgânicos e terem pessoas fazendo muitas coisas ao mesmo tempo eu ainda consigo encontrar pares. [...] a gente conseguiu criar um projeto interdisciplinar que transita entre ciências, história, geografia, artes, inglês, português e matemática [...] No Álvaro (escola) à noite, nós já saímos para as Três Santas, fizemos Santa Maria, Santa Leopoldina e Santa Teresa, com diário de bordo e registro da viagem, depois tem uma culminância que é uma grande festa cultural na escola. Aqui (na escola Prezideu Amorim) já fizemos o centro histórico de Vitória, fizemos uma visita ao Palácio Anchieta [...] fizemos também uma visita à Escola da Ciência, da Biologia e da História lá no Sambão do Povo. Achei interessantíssimo a Escola trabalhar com arqueologia capixaba, com os povos “Sambaquis”. Então se a gente procurar a gente acha e tem muita gente disposta a fazer parceria, basta a gente se abrir e não fechar nos muros da escola, ver a escola como apenas mais um pilar da formação dos nossos alunos, e que a formação se dá para além dos muros da escola (OLIVEIRA, 2019).

As narrativas revelam que os professores recorrem constantemente à educação patrimonial por meio de aulas de campo que oportunizam o ensino de HES. Esses relatos nos levam a refletir sobre o potencial das aulas de campo no ensino de HES e a riqueza de conhecimento que o patrimônio cultural local/regional pode proporcionar ao aluno.

Ao capturar a experiência narrada dos professores de História, percebe-se, ao abordarem a História do Espírito Santo, a preocupação em trabalhar essa temática em suas aulas. Vejamos o que eles narraram ao serem perguntados sobre a importância desse tema:

Ora construir, ora resgatar uma identidade capixaba que é tão híbrida e que a gente conhece tão pouco [...] a minha preocupação é dar, trocar, compartilhar a história do Espírito Santo. Humilde pretensão, de contribuir para a construção da identidade capixaba, a gente tem que ter uma [identidade], a gente tem que se achar como indivíduo e o melhor ponto de partida é a identidade (OLIVEIRA, 2019).

Na narrativa, a professora toca no ponto fulcral para compreensão da cultura capixaba: o hibridismo. Sendo assim, devemos levar em consideração que o ensino de História do Espírito Santo deve contemplar esse hibridismo, ou seja, essa diversidade cultural presente no estado e como cada povo contribuiu para a riqueza dessa cultura. Para Lopes e Macedo (2011), apoiadas numa perspectiva pós-colonial, [...] a cultura é sempre híbrida, independente de qualquer interação entre grupos culturais diversos. O hibridismo significa, então, que não há cultura pura, só novas criações a de fragmentações de significações... (LOPES; MACEDO, 2011, p. 211-212).

Nesse sentido, devemos compreender que um ensino focado no reforço de um traço cultural específico, ou seja, em uma herança cultural específica na tentativa de reforçá-la, invisibiliza tantas outras culturas, pois, segundo Lopes e Macedo (2011), a cultura está em constante movimento e, toda vez que se faz uma leitura dessa cultura, dela nos apropriamos e a transformamos. Então, corroborando a professora Oliveira (2019), devemos contemplar esse hibridismo, ao invés de tentar homogeneizá-lo, facilitando sua ressignificação e a manutenção de novas identidades.

Fica explícita, na narrativa da professora Oliveira (2019), a preocupação com a cultura capixaba que se associa a uma abordagem da vertente teórico-metodológica no campo da História e da Historiografia denominada de Nova História, movimento que surgiu a partir da terceira geração da Escola dos *Annales* e que vislumbra a possibilidade de construção da História a partir de novos temas, novas fontes e novos objetos.

A respeito da importância da História do Espírito Santo no ensino fundamental, o professor Santos (2019) aponta que

[...] é relevante entender a importância do seu estado [...] na questão econômica e saber onde ele pode estar melhorando sobre isso. [...] a gente precisa ser desenvolvido, mas quando te perguntarem sobre a história do Espírito Santo, eu acho interessante ter um pouco dela na ponta da língua (SANTOS, 2019).

Nessa narrativa, Santos (2019) afirma que a mola propulsora para trabalhar a História do Espírito Santo é o fator econômico. A transformação social estaria ligada de forma direta a questões econômicas em detrimento do aspecto cultural. Essa compreensão da História dialoga com a teoria marxista. No entanto, quando destaca que é “[...] interessante ter um pouco da História do Espírito Santo na ponta da língua”, pode-se identificar certa preocupação com a questão da identidade cultural do capixaba.

2.4 SOBRE A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Perguntamos aos professores sobre a relevância da temática HES no ensino fundamental, mais precisamente nos anos finais. O professor Carvalho (2020) destacou que a temática deve ser abordada durante todo o ensino fundamental. E reforça: “Eu prefiro que ela seja, mesmo que talvez repetida, mas que ela passe e perpassa, o tempo todo, durante toda a formação do ensino fundamental (CARVALHO, 2020).

Já o professor Santos (2020) narra que a História Local não só ajuda a conhecer o local onde mora, mas também faz a criança compreender como essa História afeta sua vida pessoal. Segundo ele, isso acontece quando ela “[...] percebe essa relação íntima com a História, e como a História interfere na vida dela atual, ela compreende melhor a importância de se pesquisar e se escrever a História.” (SANTOS, 2020). Ressalta que a HES deve ser trabalhada em todos os anos do ensino fundamental, mas evidencia a importância do ensino de HES nas séries finais do ensino fundamental:

[...] quando você chega nas séries finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano. Digamos que seja o primeiro contato que a criança tem com a história, enquanto conhecimento científico. Porque, até então, a professora era é uma generalista. A parte do 6º ano, o professor é um especialista. Então, ele (o professor) vai começar a dar atenção à História, enquanto conhecimento produzido, construído. E, é daí que eu falo sobre a importância desses primeiros meses. De estudar os conceitos de História e a Introdução aos Estudos Históricos. Se a criança naquele momento, em que ela está percebendo a importância da história, enquanto campo científico, e ela não estuda nada da sua região. Que mostre, que as pessoas ali fazem História, guardam e escrevem sua memória, que depois é transformada em História. E, se você não faz isso, perde-se uma grande chance de tornar aquele espaço, um espaço historicizado. Um espaço de construção das relações, a partir dos conflitos e das negociações. A criança, ela não vai ter a chance de perceber, como aquela comunidade, onde ela está inserida, é construída, a partir das relações históricas (SANTOS, 2020).

A professora Coutinho (2020) destaca que, no 8º e 9º anos, o aluno tem mais criticidade e, segundo ela, seria um momento propício para o ensino de HES:

Eu creio que seja fundamental, trazer para a discussão, essa relação de pertencimento, porque no oitavo e nono ano, eles têm essa condição de problematizar, de tentar questionar as relações de poder e trabalhar o lugar de fala [...] A gente vai tentando formar esse cidadão um pouco mais crítico, para que ele consiga ter condições de fazer esses questionamentos, de trazer esse lugar de fala, experimentar o envolvimento com a comunidade, que é tão importante (COUTINHO, 2020).

No que tange às vertentes teóricas de nossos entrevistados, foi possível identificar em suas narrativas que, ao trabalhar a História do Espírito Santo, as ideias da Nova História e do marxismo mesclam-se em sua prática constante, tendo como um dos objetivos valorizar a História Local/Regional.

Mesmo que as narrativas dos professores, partam de visões históricas diferenciadas, uma com enfoque cultural e a outra com enfoque econômico, ambas não utilizam uma abordagem da história regional e local criticamente a história oficial, ou pelo menos não fazem menção a este tipo de abordagem.

Quanto à valorização da identidade capixaba, entendemos que a História do Espírito Santo pode trazer para o aluno e a sociedade capixaba o conhecimento das diversas práticas culturais presentes nas comunidades locais e na região onde habitam. Não só a História do Espírito Santo, mas também a disciplina História tem o papel fundamental para se compreender como se forjam as identidades.

Identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença (SILVA, 2013, p. 40).

Sendo assim, a História do Espírito Santo é fundamental para a compreensão das diferenças, ou seja, das peculiaridades e particularidades da cultura capixaba em relação a outras regiões do país. Ainda segundo Silva (2013, p. 42), compreende-se que “[...] cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados”.

Ainda de acordo com o referido autor, “[...] a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global tem contribuído com o distanciamento da identidade à comunidade e a cultura local” (SILVA, 2013 p. 21). O país tem uma riqueza cultural muito grande, contudo, padroniza os conteúdos, ensinando, em livros didáticos, temas que não atendem às especificidades locais e regionais do território brasileiro.

Com o intuito de aprofundar as discussões em relação à homogeneização cultural, solicitamos aos professores que falassem sobre o material didático de apoio para planejarem suas aulas e os utilizados em sala de aula. A professora Oliveira sente-se privilegiada:

[...] eu tenho muita coisa sobre o Espírito Santo. Por causa dessa minha formação inicial e por ter sido professora de pré-vestibular, eu precisava ter um arcabouço muito grande, porque eles [alunos] são curiosos, e eu tenho as bibliografias fundamentais da História do Espírito Santo. Atualmente eu tenho visitado [...] vários materiais que os professores de História postam [em sites] e a gente vai pescando [...] e fazendo o material didático, e muita coisa eu tenho construído. Na época que eu fui professora da Contec, eu construí o material de [...] Cultura e História do Espírito Santo [...] (OLIVEIRA, 2019).

A narrativa da professora desvela seu protagonismo e seu esforço para elaboração de suas aulas, tanto na aquisição quanto na elaboração de material didático. Sua experiência como professora de pré-vestibular marcou sua postura frente à História capixaba e a busca por materiais didáticos. Conforme já mencionado anteriormente, naquela época, esse conteúdo era cobrado nos vestibulares, sendo obrigatório o esforço para ofertá-lo. Atualmente o conteúdo História do Espírito Santo não faz parte dos conhecimentos básicos para se prestar a prova do ENEM. Ainda conforme já abordado, a padronização desses testes influenciou e influencia o foco dado à História do Espírito Santo na educação básica.

Silva (2016) também contribui para as reflexões sobre os efeitos limitadores do currículo. Segundo ele, o multiculturalismo, um fenômeno originado nos países dominantes do Norte, é fundamentalmente ambíguo. O autor assinala que existem reivindicações legítimas no movimento por grupos sociais dominados, porém também funciona como a solução quando são reconhecidos e representados na cultura nacional dominante, embora nem sempre esse reconhecimento solucione a desigualdade social.

Corroborando as reflexões sobre o currículo e as avaliações, Arroyo (2011, p. 39) destaca que “[...] é necessário e urgente um movimento de reação ao caráter controlador, padronizador que as políticas de avaliação impõem sobre os docentes e educandos, sobre o que ensinar e aprender”. Sendo assim, devemos pensar que o protagonismo e as autorias dos docentes, no esforço pelo ensino da História Regional, como vimos no relato da professora Oliveira (2019), seria um ato de resistência a esse controle exercido pelo currículo e pelas avaliações nacionais que padronizam a educação no país.

Em relação ao material didático utilizado em suas aulas, o professor Santos declara:

[...] eu seleciono o texto, inclusive eu fiz uma cruzadinha, eu peguei os textos que falam sobre a colonização do Espírito Santo e os povos que aqui existiam, fiz um caça-palavras que tem 40 palavras para o aluno buscar neste texto, ele vai encaixando ali, então fiz esse material. Inclusive quando eu vou em escolas, sempre estou oferecendo isso, a gente pode trabalhar do 3º ao 9º [...] é um documento de duas páginas, frente e verso [...] uma aula com Power point, imagens que eu estou sempre recordando, pelo fato de o aluno ser da Grande Vitória, ele conhece a Curva do Saldanha, ele conhece os canhões posicionados ali, então eu pego ali Piratas do Caribe [...], imagens lá da Índia, das feiras dos condimentos na Índia, aí eu mostro aqui na Vila Rubim [...], imagens de Vitória [...]. (SANTOS, 2019).

A narrativa de Santos evidencia o esforço para buscar textos e imagens, bem como para elaborar atividades sobre o tema. Sua narrativa remete à expressão da professora Oliveira (2019) — “trabalho de formiguinha”. O professor Santos (2019) também faz um “trabalho de formiguinha” e de forma “isolada”. Se os dois pudessem trocar suas experiências, seus saberes e fazeres realizados na sala de aula, a História do Espírito Santo, seria potencializada.

2.5 DIFICULDADES E DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Mediante a indagação acerca de dificuldades e desafios enfrentados para ensinar a HES, os professores discorreram sobre suas angústias e percalços no cotidiano escolar. Oliveira (2019), por exemplo, narra:

É solitário porque é um tema que as vezes só interessa à História e à Geografia, e aí você tem que fazer todo um convencimento para as pessoas, no sentido de convencê-las que o capixaba tem uma cultura própria, apesar de ter sido forjado aí no caldeirão, desde a sua formação na ocupação indígena. Você tem um capixaba que não se conhece, então é um discurso contínuo de convencimento o tempo todo e as pessoas têm muita dificuldade de ler sobre o Espírito Santo. Eles afirmam que não tem material. Eu asseguro que só não tem se não souber procurar. “Tem!” Você frequenta a editora da UFES, por exemplo? A todo momento eles produzem material, é muita coisa, se você pegar Gabriel Bittencourt, se você pegar na literatura que o saudoso Renato Pacheco escreveu, se você pegar a Zorzal, você tem coisa para ler, na literatura. Ultimamente o Luiz Guilherme Santos Neves escreve sobre Espírito Santo. “A invenção do Coronel” também, Hélio Gualberto. As pessoas não leem sobre o capixaba. [...] Eu trabalho três horários e consigo encontrar tempo. O tempo, quem faz é a gente, a gente dá prioridade para o nosso tempo e eu priorizo a História do Espírito Santo. Então eu sempre acho tempo para levar os meninos para ocuparem esses espaços. [...] Os desafios são esses, certa preguiça, certo desconhecimento das pessoas [se referindo a professores], desinteresse e às vezes você não encontra pessoas para dialogar, porque nas escolas tudo é muito urgente, premente, e professor pesquisador é solitário, e é isso” (OLIVEIRA, 2019).

A narrativa da professora Oliveira (2019) possibilita perceber que ela teve acesso a bibliografia que considerou relevante para sua formação em História do Espírito Santo. Além disso, ela busca manter-se informada sobre as novidades a respeito da temática. Utiliza a expressão “solitário” no início e no final de sua narrativa para descrever a falta de envolvimento de outros professores com a temática, seja pelo pouco tempo para planejar e informar-se, seja pela dinâmica da escola que, segundo ela, nem sempre fornece espaços para essa formação. Podemos perceber que ela gostaria de estabelecer um diálogo sobre a temática com outras disciplinas, para além de História e de Geografia.

Já o professor Santos (2019) aborda a questão de outra forma. Ele prefere buscar conteúdos sobre a temática na internet, porém não especificou suas fontes. Ele afirma que faz adaptações desses conteúdos de acordo com a realidade do município onde estiver lecionando;

[...] com a internet você tem muita coisa, então assim, eu não vou muito em livro, até mesmo porque para você trazer textos formatados, o aluno não vai entender, não vai ter curiosidade. Então eu trabalho mais a questão visual [...] eu, Wagner, não tenho dificuldades para trabalhar o assunto, até então nos meus 10 para 11 anos [referindo-se aos anos de magistério], não encontrei dificuldades [...] (SANTOS, 2019).

Por outro lado, o professor Carvalho (2020) afirma que a maior dificuldade é a ausência de material e de fontes para ensinar HES. Ao comentar sobre as fontes, ele se recorda da série “Raízes”, produzida pela Rede Gazeta, e que atualmente está

disponível no YouTube. Sobre ensinar HES, pontua: “Desejo tem, até mais do que a História Global, eu percebo os alunos mais afim, porque está mais pertinho deles, mas a dificuldade é a ausência de fontes” (CARVALHO, 2020).

O professor Santos (2020), por sua vez, identifica três dificuldades:

A primeira dificuldade, é evidentemente, a falta de formação. A formação foi muito carente. Eu não sei como é que está hoje, lá na UFES ou em outras instituições de ensino superior, mas quando eu estudei na UFES, só havia uma disciplina, de 60 horas. Essa é a primeira grande dificuldade. E a segunda grande dificuldade é a falta desse conteúdo estar inserido dentro dos currículos escolares. Deixe-me explicar. É muito comum você ver nos currículos praticados nas escolas. As vezes no oficial, tem o elemento, mas o praticado nas escolas, não tem o ensino de História do Espírito Santo. Se você entra numa instituição, onde não se discute isso, você vai no mesmo barco. A terceira dificuldade é você não ter material didático voltado para aquela série. Então, todo o material que você vai utilizar em sala de aula é fruto de um esforço pessoal. Um esforço pessoal que demanda tempo, demanda leitura, demanda condições de produção e reprodução. Nem toda escola oferece as condições de produção e reprodução. Demanda você encontrar os livros. E eu, fui atrás desses livros e comprei do meu próprio bolso. [...] E existe também, um sentimento de complexo de inferioridade, do Espírito Santo. O Espírito Santo, não se vê, enquanto espaço de produção histórica e de produção de cultura. [...] Na verdade, se você começar a resolver esse problema na escola, nesse primeiro espaço de formação, que é a escola, na minha avaliação, isso vai acabar ajudando nos outros quatro empecilhos. E até mesmo, na universidade, pois a universidade tem que responder às demandas que a escola coloca (SANTOS, 2020).

O relato do professor Santos (2020) ressalta as dificuldades no ensino de HES e, além disso, aponta uma solução, que é começar pela escola. Para ele, o Espírito Santo não se vê enquanto espaço de produção de cultura, o que promove um certo complexo de inferioridade nos capixabas em relação às demais regiões do país. O entrevistado aponta que o caminho é ensinar HES na escola e reforça que a universidade deve responder a essa demanda também. Esse relato nos leva a refletir sobre os objetivos deste trabalho, que é justamente fortalecer o ensino de HES nas escolas.

A seguir, a professora Coutinho (2020) também discorre sobre as dificuldades que tem encontrado:

[...] a dificuldade da gente de ter esses conteúdos já inseridos nos livros didáticos. Os livros didáticos citam Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, muitas curiosidades e conflitos no sul do país, mas não existe ainda, pelo menos eu não encontrei, um livro didático que de fato traga a História do Espírito Santo já inserida. [...] Se, por um lado, talvez a gente tenha um pouco menos de violência, um pouco menos de representatividade negativa no país, menos poluição, menos tráfico de drogas, por outro lado, a gente ainda tem uma baixa representatividade no quesito História e na representação dessa História nos livros. [...] às vezes, a gente tem que partir

de um problema, de uma pergunta, de uma data comemorativa, de uma evidência, de uma questão que tenha a ver com a interdisciplinaridade com o projeto político pedagógico da escola. [...] Uma outra questão, que eu acho que torna bem difícil nosso trabalho com a História do Espírito Santo, é a falta de recursos para fazer essas visitas. [...] Há uma falta de interesse em articular com as escolas, entre o que de fato vai ser feito, e aquilo que o professor quer que seja feito. Muitas vezes, o professor tem vários projetos, mas a metade deles é negado, porque você não pode monopolizar os recursos. Só que os recursos vão sobrar, entendeu. [...] Eu percebo que os meus colegas acabam desistindo, porque a gente tem muita burocracia, além de não ter os recursos suficientes. Você tem o ônibus, mas tem que fazer passar por toda uma burocracia, para justificar a sua ausência da sala de aula e estar com os alunos fora da escola. Os colegas desistem de fazer, porque, além de você pensar, planejar, ligar para o lugar para agendar, pensar o que que você vai fazer com menino que não conseguir ir por algum motivo, você ainda precisa justificar para escola porque esse trabalho está sendo feito. Não basta o projeto, você tem que ir oralmente, entrar, fazer uma requisição, e é esse excesso de burocracia, que realmente acaba nos podando. Tem que ser muito persistente, gostar muito da coisa, para você poder de fato, conseguir realizar algo diferente hoje em dia (COUTINHO, 2020).

A professora Coutinho (2020) faz uma longa exposição das dificuldades que encontra, para além da falta de materiais didáticos disponíveis nas escolas. Destaca a dificuldade de realizar aulas de campo. Percebemos que as aulas de campo são estratégias comuns entre os professores entrevistados para ensinar HES, devido a seu potencial para o ensino e a aprendizagem. Ela relata dificuldades de recursos financeiros e a burocracia que enfrenta para sair da escola, o que, acumulando-se a outras demandas da escola, acabam desanimando muitos outros professores a realizar as aulas de campo. O professor Santos (2020) também destacou que, se a escola não discute as demandas sobre o ensino de HES, acaba fazendo com que o professor vá “no mesmo barco” (SANTOS, 2020) e não ensine HES. Ambos os entrevistados concordam que a tarefa dessa prática é, na maioria das vezes, um esforço individual dos professores.

Utilizando-se de fontes variadas, nossos entrevistados, mais uma vez, afirmam a preocupação com a história do Espírito Santo, regional ou local. Isso fica evidente, por exemplo, quando Santos (2019) destaca a importância da História Local sobre realizar associações entre a realidade que o aluno vive, mas desconhece. Segundo Santos (2019), existe o interesse dos alunos ao vislumbrar a explicação, por exemplo, dos canhões na curva do Saldanha ou ao relacionar o mercado da Vila Rubim ao comércio de especiarias. O professor valoriza os conhecimentos prévios dos alunos sobre o local onde vivem, tornando possível uma troca de conhecimentos em que o professor também pode aprender com o aluno. Evocamos as reflexões de Walter Benjamin:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. [...] Entre estes existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. [...] O mestre sedentário e os aprendizes migrantes [...] o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário (BENJAMIN, 1985, p.198-199).

Com base na afirmação de Benjamin (1985) de que aqueles que narram suas experiências também ensinam, podemos identificar a figura do narrador sedentário comparando-o ao professor, e o narrador migrante comparando-o ao aluno. O professor possui a experiência de anos de estudos sobre conceitos e conhecimentos estabelecidos pela ciência, mas o aluno também carrega o conhecimento da realidade vivida do espaço onde vive. Ao chegar à escola, o aluno carrega em si elementos da história vivida para fora dos muros da escola, cabendo ao professor também colher essas narrativas, pois o aprendizado torna-se uma via de mão dupla quando a experiência de ambos os narradores é ouvida e aprendida. Juntam-se.

As narrativas dos professores sobre seus saberes e seus fazeres na temática História do Espírito Santo revelam a necessidade de realizar registros, com o intuito de compartilhar a prática cotidiana em sala de aula. Geralmente a formação continuada de professores é formatada em palestras, com pesquisadores formadores da área, entre outras atividades, porém as narrativas dos professores nos convidam a pensar em outros formatos de formação continuada: os professores se formarem mutuamente, trocando experiência entre si. Talvez o sentimento de isolamento e o questionamento da professora Oliveira (2019), ao trabalhar a História do Espírito Santo, seja um reflexo da falta de socialização desses saberes e fazeres.

Azevedo (2004) reforça a importância dessa troca de saberes e fazeres entre os professores:

As professoras e professores, entre si, trocam informações sobre o modo como desenvolvem suas atividades, os recursos que utilizam para trabalhar com determinados grupos de alunos ou determinadas turmas, as dificuldades que encontram, os impasses a que chegam, os “pontos” do programa e sua sequência, os tipos de exercícios etc. Essas trocas se constituem numa poderosa maneira de aprender a ser professora e professor, por muitas razões, entre as quais destaco: ocorre entre iguais; é imediata; é relativamente específica; há uma solicitação, implícita ou explícita, de ajuda; necessariamente não se efetiva entre docentes de uma mesma escola (AZEVEDO, 2004, p. 11-12).

Como destaca o autor, essas trocas têm um grande potencial na formação do professor, porém nem sempre se efetiva entre os professores de uma mesma escola, isso porque se formam grupos nas escolas e os conhecimentos são transmitidos de forma seletiva. Trocam-se conhecimentos entre aqueles com quem há mais intimidade. É por essa razão que defendemos a memória docente e o saber fazer do professor como matéria-prima que deve ser valorizada. Portanto, a proposta deste trabalho é justamente buscar esses conhecimentos e socializá-los, para que não fiquem isolados em uma sala de aula ou seja disseminado apenas entre um pequeno grupo nas conversas informais.

Ao externalizar suas experiências, abre-se um campo profícuo para novos diálogos, novos saberes e fazeres, tornando o caminho menos “solitário” (OLIVEIRA, 2019), com envolvimento dos professores nos projetos vindouros nas escolas.

As narrativas de nossos entrevistados também apontam para outro caminho a ser percorrido: buscar novos olhares sobre a forma de ensinar a História do Espírito Santo, dialogando com as experiências dos professores entrevistados e as novas formas de abordagem metodológica realizadas no ensino da História Regional e Local por profissionais de outras localidades do país, como vimos em nossos diálogos com outros autores. Esses múltiplos saberes e fazeres nos inspiram a elaborar uma proposta de ensino para a História do Espírito Santo, a qual veremos na seção seguinte.

3 ENTRE SABERES E FAZERES: ALTERNATIVAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Conforme sinalizam as discussões e as reflexões implícitas nos capítulos anteriores, tanto o referencial teórico quanto as narrativas de nossos entrevistados, ao dialogarem entre si, nos dão pistas de que a inserção das questões relacionadas à História Local e Regional na educação básica se apresenta como potente alternativa para a formação cidadã e de pertencimento dos estudantes, despertando neles o sentimento de sujeitos históricos.

Embora as narrativas de nossos entrevistados estejam repletas dessas possibilidades, elas também denunciam a urgente necessidade de “sistematização” de informações, de saberes e de fazeres docentes para o ensino da História Local e Regional na educação básica, a fim de que instiguem e viabilizem a produção/reprodução/mobilização de saberes/fazeres docentes nos processos de ensino e aprendizagem da História Local/Regional na educação básica.

Assim, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, o presente capítulo tem por objetivo sistematizar e socializar práticas e alternativas metodológicas de ensino de História Local e Regional na educação básica, testadas e validadas como positivas por nossos professores entrevistados e implícitas em suas respectivas narrativas. Para tanto, após cuidadosa leitura das entrevistas realizadas e transcritas, foi possível observar a incidência, nas várias narrativas, de determinados termos, tornando possível criar a nuvem de palavras³.

³ A nuvem de palavras é a representação visual de dados de um texto através do destaque das palavras-chave. Para elaboração dessa nuvem de palavras, recorreremos ao aplicativo Word Clouds.

trabalha a História Regional/Local convida o aluno a pensar sobre sua própria historicidade e a fazer conexões com outros tempos e espaços.

O ensino de História Regional/Local fala do cotidiano, dos espaços próximos, das particularidades de sujeitos que integram ou integraram a História. Isso não quer dizer que a História está sendo diminuída; muito pelo contrário, parte-se da história desses sujeitos para compreender o processo da macro História.

No entanto, nas narrativas de nossos sujeitos, fica evidente as lacunas de materiais didáticos sobre a História do Espírito Santo, o que gera um trabalho solitário e árduo. Busca-se aqui e acolá o que trabalhar em sala de aula. Assim, a proposta para elaboração do produto final desta dissertação visou garimpar, nas narrativas de nossos entrevistados, sinais e pistas que nos possibilitem pensar, organizar e socializar as práticas de ensino de HES, no intuito de subsidiar o trabalho docente, estimulando a produção de outros saberes e de outros fazeres.

Ao ouvir a narrativa dos professores entrevistados, percebemos peculiaridades em seus saberes e fazeres que nos permitiram pensar e repensar as formas de se ensinar HES. Nesse sentido, seria muito ousado e limitante tentar criar uma forma de ensinar que se aplicasse a todos. Cada professor possui sua identidade docente, seus gostos, sua estratégia de ensino, suas limitações nas estruturas onde trabalham. Sugerir uma única forma para ensinar HES seria cercear a criatividade e as competências pessoais dos professores.

Portanto, conforme já anunciado, reafirmamos, mais uma vez, que o que elaboramos são proposições tendo como inspiração a riqueza das experiências capturadas nas narrativas dos sujeitos, pois são formas testadas e validadas em sala de aula, conforme explicita a nuvem de palavras (Figura 1). Ao analisar esses dados, observamos que quase unanimemente foi relatado como fator dificultador do ensino de HES a escassez de material didático, o que gera um esforço do professor que precisa realizar a transposição didática⁴ de textos acadêmicos para utilizá-los em sala de aula.

⁴ Instrumento através do qual transforma-se o conhecimento científico em conhecimento escolar, para que possa ser ensinado pelos professores e aprendido pelos alunos.

Conforme sistematiza a nuvem de palavras, entre as alternativas de ensino, narradas por nossos entrevistados, destaca-se a utilização de vídeos, imagens e fotografias que auxiliam muito na hora de ensinar o conteúdo, seguida também por aulas de campo, sempre que possível. Apesar das dificuldades com a burocracia para realizar aulas de campo, como se ausentar da escola, conseguir autorização dos pais, conseguir transporte e outros empecilhos administrativos, esses professores narraram diversas aulas de campo realizadas em museus, centros históricos, monumentos e locais que contemplam a História do estado.

Pensando na organização de nossa proposta, que gravita em torno da sistematização e socialização saberes e fazeres sinalizados nas narrativas de nossos entrevistados, descrevemos algumas metodologias que podem contribuir para o ensino de HES na sala de aula ou fora dela: o uso de vídeos; o uso de imagens e fotografias; as aulas de campo (visitas a museus, patrimônios culturais, centro histórico etc.). Discorreremos sobre cada uma dessas alternativas a seguir, sugerindo uma metodologia para se trabalhar cada uma delas.

3.1 O USO DAS AULAS DE CAMPO NO ENSINO DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Ao observar as narrativas dos professores, podemos constatar a presença marcante das aulas de campo, destacando aulas de campo em museus, monumentos e centros históricos, conforme bem explicita a narrativa de Oliveira (2019), ao defender a importância das aulas de campo, asseverando que não devemos nos fechar nos muros da escola e “[...] ver a escola como apenas mais um pilar da formação dos nossos alunos, e que a formação se dá para além dos muros da escola” (OLIVEIRA, 2019).

Essa relevância da visita a campo também é destacada pelo professor Carvalho (2020), ao relatar uma atividade que ele achou relevante, em Aracruz, na aldeia indígena. O professor Santos (2020) desenvolveu um projeto com seus alunos chamado “Redescobrimo o Espírito Santo”, em que o foco também é o conhecimento do patrimônio culturais por meio de aulas de campo, quando ele planeja, juntamente com seus alunos, estimulando seu protagonismo.

Também as práticas de HES da professora Coutinho (2020) são permeadas pelas aulas de campo e, em seu relato, ela cita diversos locais onde realiza suas aulas de campo.

As aulas de campo dão a oportunidade ao aluno de relacionar o conteúdo que está estudando com o que ele vai ver, de ter um contato empírico direto possibilitando assim a captura de imagens pelo seu próprio olhar, de refletir e ressignificar a percepção sobre o lugar onde vive. Estudar o local onde mora, utilizando-se de aulas de campo, pode contribuir para desenvolver no aluno um sentimento de pertença e conseqüentemente contribuir para sua formação cidadã, não só se alimentando da História de seu estado ou cidade, mas também aprendendo a refletir criticamente sobre a realidade que o cerca.

Uma aula de campo deve ter em vista três pontos essenciais a serem planejados e organizados: o pré-campo, ou seja, como será a preparação dos alunos antes da realização da aula de campo. Deve-se articular conteúdos em sala de aula, que possam ser relacionados ao conteúdo com que o aluno terá contato por meio da visita. No segundo momento, quando o professor for realizar a visita, já deve direcionar os alunos ao que observar no local visitado. Aqui fica uma sugestão; geralmente é solicitado aos alunos que se faça um diário de bordo durante a visita, porém destaco que isso pode gerar uma preocupação nos alunos em registrar o que está vendo e distraí-lo na reflexão sobre a visita. O interesse é que isso seja solicitado posteriormente, como tarefa de casa. No terceiro momento, quando o aluno terá sua primeira aula pós-campo na escola, devem ser desenvolvidas atividades que façam com que o aluno relate sua experiência e a relacione com o que aprendeu no pré-campo. Isso pode ser feito pedindo para que socializem seus diários de campo, solicitando detalhes que observaram, momentos que os marcaram na visita e como se sentiram ao visitar aqueles espaços.

Entre as várias possibilidades de realização de aulas campo no ensino de HES, nossos entrevistados destacaram as potencialidades das aulas de campo em museus e ao centro histórico. Sobre a importância de visitar espaços como os museus, Valério e Ribeiro Júnior (2016) destacam que esses locais produzem

[...] um fluxo temporal em que, no momento presente, o passado e o futuro se encontram. Por meio deste momento no tempo a "consciência" do visitante

é transformada por uma rede de relações que expressam uma nova impressão de estar presente no mundo (VALÉRIO; RIBEIRO JÚNIOR, 2016, p. 118).

A partir dessa afirmação, podemos refletir sobre o impacto que as aulas de campo em museus podem causar em nossos alunos, pois, ao terem contato com o passado materializado nos objetos, podem tecer novos significados sobre o mundo presente, estabelecendo relações entre tempos e espaços, além das noções de aproximações, diferenças, rupturas e continuidades.

Segundo Bitte (2016), os objetos em exposição nos museus, não devem ser vistos como o resgate de uma história, pois, ao serem classificados e organizados nas exposições, ganham novos sentidos e significados. Os interesses por trás das narrativas construídas pelos museus por meio de suas exposições devem ser percebidos e refletidos de forma crítica, de forma que se possa trazer aos visitantes e, em nosso caso, a nossos alunos, novos significados e sentidos. Sobre as memórias destacadas pelos museus, a autora pontua que

[...] não cabe mais falar do museu que resgata memórias, pois o papel que hoje desempenha não é o de revelar o implícito nem o de resgatar o submerso. Sua responsabilidade é exercitar a reflexão sobre o presente e o passado mediante os rastros no espaço expositivo. Assim sendo, o uso público da história narrada pelos objetos expostos é determinado por intenções de memória e esquecimento concernentes a determinada política de memória (BITTE, 2016, p. 54)

Portanto, corroborando a ideia da autora, destacamos a necessidade de se cuidar para não incorreremos no equívoco de levar os alunos aos museus para simplesmente absorver a história narrada por meio dos objetos expostos nesses locais. É necessário ir além, despertando e estimulando os estudantes a refletir e compreender que, por trás de cada objeto, existem outras possibilidades de narrativas e que, ao mesmo tempo que aquela exposição explicita uma determinada história, oculta outras. O sentido que a exposição dá aos objetos é construído também no presente, pois uma vez que os objetos foram deslocados de seu tempo e organizados numa exposição, já perderam seus significados no passado. Dessa forma, refletindo criticamente ao que é exposto nos museus, os alunos podem produzir suas próprias impressões sobre o que viram e, no caso do professor, cabe educar o olhar de seus alunos na análise desses objetos.

Mas nem sempre sair da escola é uma tarefa fácil, conforme as narrativas de nossos professores entrevistados ao destacarem algumas dificuldades enfrentadas na realização das aulas de campo. Essa atividade exige do professor um pouco mais de esforço do que para uma aula nas dependências da escola, pois depende do envolvimento da direção, da pedagoga e dos colegas professores para conseguir realizar tal tarefa. Essa percepção é reafirmada pela professora Coutinho (2020), ao narrar a questão dos recursos, por exemplo, que devem ser direcionados para atividades como essa. A professora destaca que, se ela utiliza com maior frequência tais recursos, acaba monopolizando algo que não é exclusivamente para atender o professor de História. Muitas vezes, o recurso até sobra, porém não pode ser utilizado. Destaca também alguns entraves burocráticos que acabam desanimando o professor.

Eu percebo que os meus colegas acabam desistindo, porque a gente tem muita burocracia. Além de não ter os recursos suficientes. Você tem o ônibus, mas tem que passar, por toda uma burocracia, para justificar a sua ausência da sala de aula e estar com os alunos fora da escola. Os colegas desistem de fazer, porque, além de você pensar, planejar, ligar para o lugar para agendar, pensar o que você vai fazer com menino que não conseguir ir por algum motivo, e ainda precisa justificar para escola porque esse trabalho está sendo feito. Não basta o projeto, você tem que ir oralmente e fazer uma requisição, e é esse excesso de burocracia, que realmente acaba nos podando (COUTINHO, 2020).

Nas narrativas acerca de atividades de aulas de campo, os professores relataram diversas formas de abordagens e metodologias. Assim, a partir das narrativas, optamos por sugerir alternativas metodológicas que contribuam para melhor organizar as aulas de campo. Reforço que não pretendemos invalidar ou sobrepujar as metodologias utilizadas pelos nossos entrevistados, mas sim contribuir para sua prática e outros leitores deste trabalho.

Para tanto, elencamos alguns dos locais citados pelos professores, passíveis de realização de atividades de campo, buscando elaborar nossa sugestão alternativa de proposta metodológica de ensino. No entanto, ressaltamos que, apesar de terem relatado vários locais, não será nosso intuito aqui contemplar todos, mas, a partir de nossa proposta, permitir aos professores replicarem a alternativa metodológica, adequando-a aos demais locais a serem explorados, bem como os anos, as turmas e as realidades a serem trabalhadas. Objetivamos, com tal proposta, não esgotar as possibilidades e sim estimular a busca de novos campos, tendo uma base teórica e metodológica para poder elaborar suas aulas. Portanto, levando em consideração que

a nossa pesquisa se concentra em professores da Rede Municipal de Vitória, decidimos optar por locais situados na cidade de Vitória.

De imediato, salientamos que, na utilização dos museus, como subsídio para o ensino de História, o professor deve atentar para a importância de um planejamento prévio à visita ao museu, cuidando para que, ao chegar lá, os estudantes não o vejam apenas como um local que armazena coisas velhas e sem sentido algum. Conforme Almeida e Vasconcellos, verifica-se que, às vezes, as exposições “[...] são apresentadas como uma reunião de objetos em vitrines com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dispersão e desinteresse do público visitante [...]” (ALMEIDA; VASCONCELLOS, p. 106, 1998).

Almeida e Vasconcellos (1998) ainda ressaltam que as memórias representadas nas exposições dos museus foram constituídas para rememorar um passado que legitimasse grupos dominantes cuja dimensão crítica hoje devemos levar em consideração. Nesse sentido, consideramos que o professor, ao levar seus alunos para uma visita, pode estimular essa percepção crítica, principalmente nos silêncios que porventura aparecerem nesses espaços, por exemplo, estimulando seus alunos a reflexões sobre o modo como o lugar traz memória dos negros, das mulheres, das crianças, dos trabalhadores e de outras tantas memórias, às vezes silenciadas.

A professora Coutinho (2020) faz a seguinte observação em seu relato ao realizar uma visita com seus alunos ao Museu Solar Monjardim;

[...] é sempre muito bacana olhar para o menino tentando perceber aquele lugar. Um lugar que parece mesmo exalar uma fineza, que exala o poder econômico, social e representatividade elitista, mas, ao mesmo tempo, traz uma certa curiosidade, isso porque aqueles artefatos que não existem mais, como aquela mesa de jantar, aquele quadro, aquele acendedor de vela, aquela calçadeira, aquela escarradeira, que não faz parte do cotidiano dele. Isso vai trazer um questionamento, e em cima desses questionamentos, que a gente pode trabalhar também a História do Espírito Santo (COUTINHO, 2020).

A professora destaca a importância de se trabalhar com os questionamentos suscitados nos alunos sobre aqueles objetos que não fazem parte do cotidiano dele no presente. Mesmo que os alunos existissem naquele passado, será que todos teriam acesso àqueles objetos que faziam parte do cotidiano da elite local da época? Ela reforça que os questionamentos gerados pela curiosidade dos alunos criam a

oportunidade para abordar a História do Espírito Santo e trazer a dimensão crítica sobre aquele espaço e sobre a narrativa que aquela exposição quer rememorar e construir acerca daquele local e dos que ali habitaram. Portanto, dialogando com a narrativa da professora Coutinho (2020) e com Almeida e Vasconcellos (1998), o aluno deve ser estimulado a questionar, perguntar sobre o que ele viu e ouviu no museu, como também relacionar ao conteúdo trabalhado em sala de aula, com informações obtidas em casa, jornal impresso e falado, filmes e documentários. Por consequência, o aluno é capaz de dar novos significados à História contada pelo local.

O trabalho de visitas a museus permite um contato com os objetos históricos, uma frequentação que cria interações, explicita diferenças e aproximações culturais. O visitante dialoga, questiona a mensagem expositiva e pode elaborar sentidos diversos dos apresentados pelos museus (SEABRA, 2016, p. 119).

Assim ocorre também quando o aluno quando visita um museu, pois pode reagir aos objetos observados tanto com um estranhamento quanto com uma identificação ou aproximação com a realidade do presente vivido. Ainda que haja uma intencionalidade na exposição ao criar uma narrativa dos fatos por meio dos objetos expostos ou do monitor que atua no museu e acompanha a turma, o aluno não fica estático e faz seus questionamentos, ainda que internos. Esses questionamentos, externados a partir do estímulo do professor, podem servir de base para a construção do conhecimento do aluno, a ressignificação da História e a orientação para a prática.

De acordo com Siman (2003), ao observar a visita de crianças a um museu, é necessário aos professores ou mediadores da visita dar tempo para que a criança, aluno ou qualquer outro visitante possam contemplar os objetos. O tempo do silêncio torna-se imprescindível para o aluno observar qual objeto lhe chama mais atenção. Sendo assim Siman (2003) destaca que o educador de museu ou professor,

[...] poderá notar a capacidade que os diferentes objetos tem para mobilizar imagens, emoções, conhecimentos prévios, lembranças/memórias de outros tempos e culturas, para que possa realizar mediações posteriores de maneira mais significativa para os sujeitos.” (SIMAN, 2003. p. 189)

Com o objetivo de que o aluno tenha um contato mais direto com o que lhe é exposto e de que este olhar esteja sempre permeado por questões, inquietações e vontade de saber mais, destacamos alguns pontos que Almeida e Vasconcellos (1998) asseveram como necessários na realização do planejamento de aulas de campo em

museus, mas que também podem nortear o planejamento a outros patrimônios culturais:

- Definir os objetivos da visita;
- Selecionar o museu mais apropriado para o tema a ser trabalhado; ou uma das exposições apresentadas; ou parte de uma exposição, ou ainda um conjunto de museus;
- Visitar a instituição antecipadamente até alcançar uma familiaridade com o espaço a ser trabalhado;
- Verificar as atividades educativas oferecidas pelo museu e se elas se adequam aos objetivos propostos e, neste caso, adaptá-las aos próprios interesses;
- Preparar os alunos para a visita através de exercícios de observação, estudo de conteúdos e conceitos;
- Coordenar a visita de acordo com os objetivos propostos ou participar de visita monitorada, coordenada por educadores do museu;
- Elaborar formas de dar continuidade à visita quando voltar à sala de aula;
- Avaliar o processo educativo que envolveu a atividade, a fim de aperfeiçoar o planejamento das novas visitas, em seus objetivos e escolhas (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 1998, p. 114).

Retomando a proposta de elencar locais passíveis de serem utilizados em aulas de campo na cidade de Vitória, destacamos a seguir, conforme várias sinalizações nas narrativas de nossos entrevistados, a potencialidade propiciada pelo Museu Solar Monjardim e pelo Centro Histórico de Vitória dos quais falaremos a seguir.

3.1.1 Museu Solar Monjardim

Figura 2 – Casarão colonial sede do Museu Solar Monjardim



Fonte: Instituto Brasileiro de Museus (acesso em 10 jan. 2020).

O Museu Solar Monjardim fica localizado no Bairro Jucutuquara, em Vitória, no Espírito Santo. Trata-se de um casarão colonial construído por volta de 1780. Atualmente é uma instituição federal, administrada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O local busca reconstruir o cotidiano de uma família abastada do século XIX, possuindo vários objetos, utensílios e móveis antigos. Seu acervo é bem eclético. Pertenceu a uma família que foi proprietária de uma fazenda que ocupava um vasto território da cidade de Vitória.

É um espaço público passível de ser explorado nas atividades de ensino de HES, visto sua imensa potencialidade educativa, principalmente por possibilitar, por meio de uma exposição eclética de objetos, visualizar como vivia uma família abastada no século XIX.

Entre outras tantas possibilidades, destacamos aqui uma proposta de abordagem alternativa para o ensino de História Local, no intuito de despertar nos estudantes a capacidade de refletir sobre as relações de poder que permeavam o modo de vida abastado vivido no casarão colonial e estabelecer relações entre essas elites e a escravidão.

A proposta de visita de campo ao Museu Solar Monjardim, objetiva ainda: conhecer o cotidiano das famílias abastadas representadas na exposição do museu através dos objetos expostos; estabelecer relações entre o modo de vida das elites e dos escravizados que participaram desse cotidiano; estabelecer relação entre a modo de vida das elites do passado e do presente e o destino dos escravizados após a abolição.

Como atividade de preparação para a visita de campo, recomenda-se ao professor buscar conhecer previamente o local onde será realizado a aula de campo, para então, ter elementos que lhe possibilitem preparar uma aula prévia sobre o ES colonial e os negros no estado. Para tanto e, se possível, recomenda-se que o professor leve algumas fotos para sala de aula, mas não muitas, com o intuito de aguçar a curiosidade dos alunos para a visita ao museu.

As visitas ao Museu Solar Monjardim são guiadas, por isso é importante que o professor, ao fazer a visita com antecedência, realizar, também um planejamento,

junto com o educador de museu, a respeito das possíveis atividades a serem desenvolvidas durante a aula de campo. Se for o caso, o professor pode mediar a visita juntamente com o educador de museu. Dependendo do planejamento os alunos podem fazer os seus próprios percursos perceptivos.

Para melhor preparar a aula de campo o professor pode acessar o site “museus.cultura.gov.br” que disponibiliza um vídeo de apresentação intitulado “Conhecendo Museus – Ep. 06: Museu Solar Monjardim”. O vídeo pode fazer parte do planejamento do professor antes de realizar a visita. Porém, como destacado anteriormente, é interessante que o professor realize a visita presencial para que juntamente com o educador de museu a aula de campo seja planejada.

3.1.2 Centro Histórico de Vitória

Figura 3 – Símbolo do projeto *Visitar Centro Histórico*



Fonte: Visitar Centro Histórico (acesso em: 10 jan. 2020).

A PMV possui um projeto chamado “Visitar Centro Histórico” que projeto tem como objetivo estimular o turismo no centro histórico da capital, por meio da Companhia de Desenvolvimento, Turismo e Inovação de Vitória (CDTIV). O projeto visa atender turistas e cidadãos capixabas, sendo uma excelente oportunidade para levar os alunos e trabalhar a HES. As visitas são monitoradas por estudantes de turismo ou

guias turísticos. A visita guiada é disponibilizada gratuitamente, sendo necessário apenas seu agendamento. Oferece como roteiro sete patrimônios culturais: a Catedral Metropolitana de Vitória, o Convento de São Francisco, a Igreja do Rosário, a Igreja de São Gonçalo, a Capela de Santa Luiza, o Convento do Carmo e o Teatro Carlos Gomes.

Assim como o que foi sugerido na aula de campo no Museu Solar Monjardim, o professor deve realizar uma visita prévia aos locais seguindo o roteiro previsto e, se possível, articular com o monitor da visita o planejamento da aula. O professor pode tirar algumas fotos, não muitas, levar para a sala de aula para preparar os alunos para a aula de campo. Além disso, o professor pode utilizar o material que é disponibilizado no próprio site da PMV, que conta com um pequeno resumo do histórico da cidade de Vitória e de cada espaço oferecido como visita pelo projeto. Também existe nesse espaço material um mapa destacando patrimônios culturais da cidade.

Uma sugestão para abordagem crítica a ser realizada nessa aula de campo é mostrar, por meio desses espaços, as relações de poder e dominação que eles representam, por exemplo, a religião no período colonial e a grande participação da Igreja Católica no processo de colonização. Outra questão seria despertar nos alunos a curiosidade de saber por que foram selecionados tais espaços para visita — as igrejas e o Teatro Carlos Gomes — e não outros. Sobre o teatro, pode-se levantar a questão com os alunos sobre seus frequentadores, se os alunos já foram ao teatro antes e a quem aquele espaço era destinado. Em relação às igrejas, pode-se destacar outras manifestações de cultura para além da católica.

Figura 4 – Palácio Anchieta



Fonte: Palácio... (acesso em 10 jan. 2020). Foto: Fred Loureiro/Secom-ES,

Para os professores, o Palácio Anchieta pode se tornar um lugar muito rico em memória, uma oportunidade ímpar de aula de campo no Centro Histórico de Vitória. Atualmente funciona com sede do governo capixaba e museu aberto para visita guiada. O espaço carrega em sua história a interessante relação entre a dominação colonial com participação da Igreja Católica, ou seja, relação entre religião e política no Espírito Santo. A relação entre a “cruz e a espada”, isto é, religião e política, é uma abordagem que pode ser realizada ao escolher tanto o roteiro oferecido pela PMV quanto o Palácio Anchieta, com a visita oferecida pelo governo do estado. Por meio desses locais e da apreciação da estrutura arquitetônica do centro de Vitória, os alunos podem compreender o desenvolvimento da capital, desde a colônia até a república, e a transição de poder da igreja para o estado.

Também podem ser explorados no centro histórico de Vitória o Parque Moscoso, a Praça Costa Pereira, o Porto de Vitória, a Escadaria Barbara Lindemberg, a escadaria Maria Ortiz e o Museu do Negro, entre outros locais. Conforme já mencionado, não é intenção da pesquisa esgotar todas as possibilidades de aulas de campo, principalmente considerando a imensa gama de possibilidade que o estado do Espírito

Santo e a cidade de Vitória oferecem. No entanto, a título de exemplificação, elencamos no quadro abaixo, outros lugares potentes para a realização de aulas de campo.

Quadro 6 – Locais passíveis de realização de aulas de campo para o ensino de HES

Continua

LOCAL	POSSIBILIDADE
<p><u>As três santas - Cidades de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina e Santa Teresa</u> Secretaria de Turismo e Cultura de Santa Teresa Endereço: Av. Getúlio Vargas, Nº 121 – Centro. CEP: 29.650-000. Telefone(s): (27)3259-2357 / (27) 3259-1344. Email: turismo@santateresa.es.gov.br Horário de funcionamento: 08:00 às 15:30 Secretaria de Cultura e Turismo de Santa Leopoldina Rua Costa Pereira, Centro, Santa Leopoldina, ES, Brasil, 29640000. Telefone:(27) 3266-1569/ (27) 3266-1722. Responsável: Rosangela Rauta E-mail da unidade:turismo@santaleopoldina.es.gov.br Horário de funcionamento: 7 às 12h, das 13 às 16h Secretária de Cultura e Turismo de Santa Maria de Jetibá Localização: Rua Alfredo Emilio Rodrigues, Nº 85 - Centro – Santa Maria de Jetibá - ES - CEP: 29645-000. Contato: Tel: (27) 3263-4863 / (27) 3263-4864 E-mail: cultura@pmsmj.es.gov.br / turismo@pmsmj.es.gov.br</p>	<p>História do Espírito Santo a partir da história dos imigrantes e do desenvolvimento do interior do estado. Podem ser visitados o Museu Professor Mello Leitão, Museu da Imigração Pomerana e o Museu do Colono.</p>
<p><u>Projeto - Visitar Centro Histórico de Vitória</u> Horários de funcionamento: quarta a domingo de 13h às 17h. Agendamento para grupos: de 12h as 19h, por e-mail ou telefone. O serviço é gratuito. Telefone: (27) 3183-9514 - E-mail: visitar@vitoria.es.gov.br</p>	<p>História do Espírito Santo, História de Vitória e o crescimento e desenvolvimento da capital.</p>
<p><u>Palácio Anchieta</u> Local: Praça João Clímaco, s/n, Cidade Alta, Centro, Vitória. Horário: terça a sexta-feira (9 às 17 horas) – sábado e domingo (9 às 16 horas). Telefone: (27) 3636-1032. Mais informações em https://www.es.gov.br/governo/palacio-anchieta</p>	<p>História do Espírito Santo da colonização até a república.</p>
<p><u>Escola da Ciência, Biologia e História</u> Endereço: Avenida Dário Lourenço de Souza, 790, Mário Cypreste (Sambão do Povo). Horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas, e aos sábados, das 8 às 12 horas. O agendamento é feito pelo telefone (27) 3332-1612 ou na própria unidade.</p>	<p>Patrimônio cultural capixaba. Verificar exposições.</p>
<p><u>Aldeia Temática em Aracruz</u> Local: A entrada para a Tekoá Mirim fica na Rodovia ES-010, km45, após a ponte do Rio Piraquê-Açu, distrito de Santa Cruz, Aracruz – ES. Contato para agendamentos: 27 99606-2754 (Cacique Kara'í Werá) / 27 99959-6939 (Kara'í Mirim)</p>	<p>História e cultura indígena capixaba.</p>
<p><u>Casa do Congo na Serra</u> Endereço: Rua Cassiano Castelo, 22, Praça João Miguel, Serra-Sede. Telefone: (27) 3251-5870 Funcionamento: das 7 às 17 horas, de segunda a sexta.</p>	<p>Cultura Popular Capixaba, Patrimônio Histórico e Arquitetônico da Serra e a consciência Histórico-Cultural.</p>

Conclusão

Museu Solar Monjardim Endereço: Av. Paulino Muller, s/n - Jucutuquara, Vitória - ES, 29040-712. Telefone: (27) 3223-6609 27) 3322-4807. Email: mism@museus.gov.br . Site: www.facebook.com/museu.monjardimibram/	Como vivia uma família abastada no século XIX.
Museu do Colono Endereço: Avenida Presidente Vargas, 1501, Centro. CEP 29640-000. Santa Leopoldina, ES. Contatos: (27) 3266-1250. Email: museudocolono@secult.es.gov.br . Site: http://www.museudocolono.wordpress.com	História dos colonos, o modo de vida dos colonos e a cultura dos imigrantes.
Venda Nova do Imigrante (Café Carnielli) Endereço: Rod. Pedro Cola, Km 4, Providência - Caixa Postal: 02 - CEP: 29375-000 - Venda Nova do Imigrante – ES. Contato: (28) 3546-3152 E-mail: carnielli@carnielli.com.br	Vinda dos imigrantes italianos para o Brasil e para Venda Nova. Como viviam os antepassados, suas ocupações, costumes e cultura. O Agroturismo, seu início e sua projeção.

Fonte: Elaboração do autor (2021).

Uma alternativa de ensino bastante mencionada por nossos entrevistados como potente para o ensino de HES nas aulas de História da educação básica é a utilização de vídeos curtos e documentários.

3.2 O USO DE VÍDEOS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Esse recurso se apresenta como uma potente alternativa de ensino, possibilitando inclusive, na ausência de condições de realização de aulas de campo, que o professor visite os diferentes locais e, nessas aulas, produza seus próprios vídeos/conteúdos a fim de levá-los para sala de aula. Isso, claro, sem descartar a possibilidade de buscar e utilizar vídeos disponíveis na internet. Um fator que pode dificultar a utilização desse recurso são as limitações de estrutura da escola, como a falta de equipamentos de reprodução adequados e disponíveis e a internet, caso seja necessária para reproduzir os vídeos. Portanto, o planejamento prévio torna-se fundamental, dadas as circunstâncias, para que não haja imprevisto ao organizar uma aula com vídeos. Além desses cuidados, o professor deve definir uma metodologia para a elaboração de seu planejamento e a execução da aula.

Sobre a utilização dos recursos multimídias, Zanotto (2016, p. 33) destaca tratar-se de uma alternativa que pode e deve ser utilizada, mas ressalta que tais recursos “[...] devem ser utilizados de forma qualificada e qualificadora, o que implica em inserir as

projeções na perspectiva e conteúdo curricular de modo refletido, organizado e estruturado”.

Em outras palavras, o vídeo deve ser explorado no intuito de auxiliar na compreensão de algum aspecto da HES, articulando-o, para tanto, com o conteúdo que se pretende abordar, sempre levando a reflexão crítica ao aluno. Ainda segundo Zanotto (2016), “[...] o professor tem, ao mobilizar audiovisuais, um importante papel mediador de um olhar de fruição, deleite, prazer, para um olhar crítico e pedagógico acerca dos filmes” (ZANOTTO, 2016, p. 33).

Diversas pesquisas na área da educação e do ensino sinalizam que os alunos, principalmente os do ensino fundamental, são geralmente receptivos a aulas onde são utilizados os recursos audiovisuais, pois quebram a rotina das aulas expositivas no quadro e tendem a prender mais a atenção do aluno. No entanto, é necessário atentar para que esses vídeos não sejam muito longos e tenham uma linguagem atrativa e adequada.

De acordo com Zanotto (2016), salientamos que o professor deve observar os saberes prévio dos alunos, possibilitando assim uma melhor escolha do vídeo, superando o momento de mero entretenimento e levando-os a uma reflexão crítica daquele conteúdo com considerações sobre a História abordada. Isso deve ser feito principalmente ao pensar a atividade a ser desenvolvida para análise daquilo que foi assistido.

Neste sentido, Zanotto (2016) nos convida a pensar no trabalho a ser desenvolvido com a imagem fílmica, destacando, entre outros aspectos, a importância do professor ao planejar sua aula, definir se a abordagem será no ou do cinema e/ou na História. No nosso caso, a escolha deverá ser no filme, pois nossa pretensão é elencar filmes, vídeos e documentários que abordem a história do HES.

Para tanto, no ato do planejamento de sua atividade de ensino, o referido autor salienta que o professor deve assistir várias vezes aos filmes de seu *corpus* documental, visando articular análise fragmentada e síntese, ou seja, apropriar-se bem da narrativa fílmica, destacando que pontos podem ser problematizados e discutidos com os alunos. Para isso, é importante registrar essa síntese de forma

escrita. Deve também familiarizar-se com as regras básicas de uma estrutura de filmes, ou seja, com a organização dos vídeos; deve identificar elementos narrativos e alegóricos da encenação; deve produzir um “fichamento” que dê conta da riqueza da imagem em movimentos e suas conexões no filme. Zanotto (2006) salienta ainda que o professor considere que todo filme é manipulação do “real” e, portanto, deve-se buscar entender o sentido do filme para analisá-lo como fonte, resgatando diálogos e analisando-os em contraponto a outros documentos, discursos históricos e materiais artísticos (NAPOLITANO, 2006 *apud* ZANOTTO, 2016).

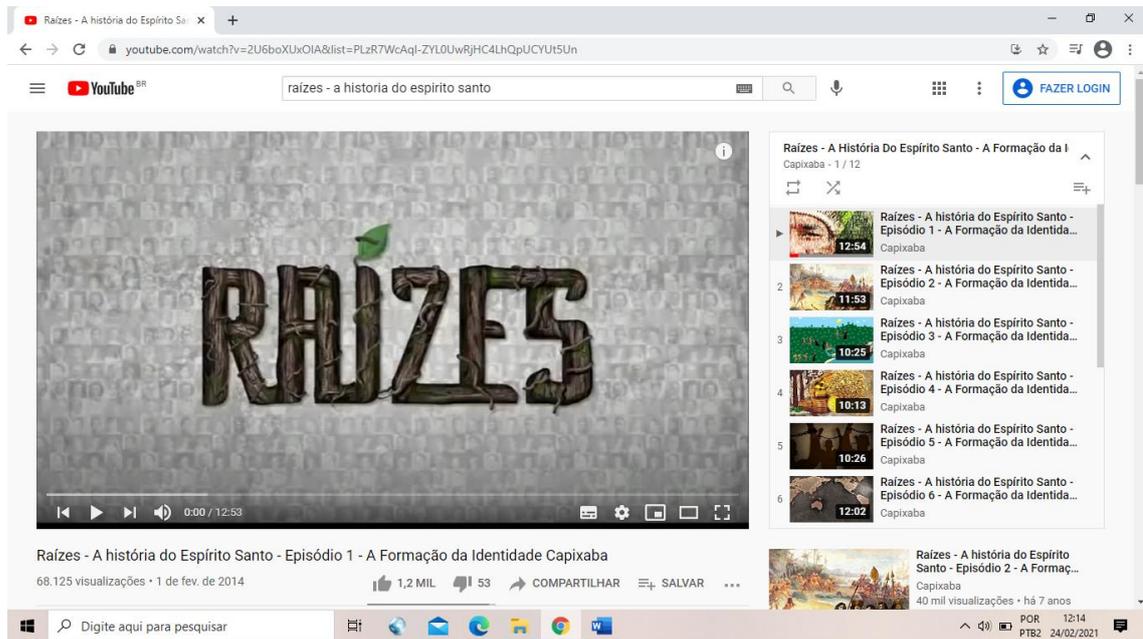
O autor destaca também algumas questões que devem ser levadas em consideração antes de utilizar um filme como recurso didático.

Por que utilizar um filme? Qual o ou os objetivos que pretendo alcançar com o uso de uma película em sala de aula? Há outras possibilidades didáticas a considerar? Tenho uma estrutura adequada para o uso produtivo deste meio? O conteúdo que leciono pode ser melhor compreendido com o recurso fílmico? [...] (ZANOTTO, p. 40, 2016).

As questões levantadas por Zanotto (2016) nos levam a refletir sobre a decisão e a preparação para a escolha da utilização de um filme como recurso ou objeto de estudo na elaboração de uma aula de HES. O filme pode ser tanto um recurso para complementar e ajudar na compreensão de um conteúdo da HES quanto pode ser o objeto de estudo, que também deve ser comparado, confrontado e complementado com outros textos referentes àquele contexto histórico.

Em nossa pesquisa, os professores entrevistados se referiram de forma recorrente à série de vídeos produzidos pela TV Gazeta intitulada *Raízes – A História do Espírito Santo*. A série conta com doze episódios que mostram aspectos culturais presentes no estado do Espírito Santo e tem por principal objetivo compreender que a identidade capixaba é formada por diferentes etnias.

Figura 5 – Print da página do Youtube da série *Raízes*



Fonte: *Raízes* (2014).

Ao longo dos episódios, o narrador estabelece um diálogo com especialistas em História, Paleografia, Arqueologia, conhecedores da História e cultura capixaba. Os historiadores Luiz Guilherme dos Santos Neves, Rogério Piva, Estilague Ferreira, Fernando Achiamé e outros participaram da construção das narrativas apresentadas no vídeo *Raízes*, compondo e ajudando a construir a narrativa na série.

Uma problematização interessante que o professor pode estabelecer com os alunos é como o vídeo aborda, por exemplo, a participação dos índios na colonização, pois é apresentado no episódio 2 uma divisão entre aqueles que ficavam ao lado dos jesuítas e os outros que eram hostis e prejudicavam o processo de interiorização do estado. O episódio nos remete ao texto de Nascimento (2018) a respeito das narrativas que se construíram referentes à historiografia do Espírito Santo,

[...] alguns grupos ganharam destaque na trama histórica construída pelos autores, a saber: os jesuítas, os imigrantes e os indígenas. A avaliação e a qualificação desses grupos seguiram a mesma lógica que orientou a interpretação dos grupos (e seus representantes) como colaboradores ou obstáculos da trajetória do Espírito Santo (NASCIMENTO, 2018, p. 140).

Nesse sentido, os jesuítas e os imigrantes ganham destaque como colaboradores; em contrapartida, os indígenas que não cediam à dominação e à catequização são vistos como obstáculo. O autor aponta que a historiografia conduz para o que ele chama de

“narrativa da superação do atraso”, atraso que também é atribuído à chamada “barreira verde”, ou seja, uma barreira natural que a densa mata capixaba, aliada à hostilidade dos indígenas, repelia possíveis invasores atraídos pelo ouro mineiro, mas que depois se tornaria um empecilho também para interiorização e desenvolvimento do Espírito Santo. Segundo o autor, essa narrativa teve seus usos políticos, pois serviu para legitimar grupos dominantes que aparecem na HES como colaboradores da “superação do atraso” (NASCIMENTO, 2018).

A série apresenta uma abordagem interessante sobre o protagonismo das mulheres na HES, que pode ser problematizado com os alunos e ajudar a refletir sobre o papel desempenhado pelas mulheres capixabas no processo histórico: Luíza Grinalda, a primeira e única governadora do Espírito Santo que assumiu a capitania após a morte de Vasco Fernandes Coutinho Filho em 1589, e Ortiz, que teve seu nome marcado como uma heroína que ajudou a conter a invasão dos holandeses a Vila de Nossa Senhora da Vitória.

Outra contribuição do documentário refere-se ao trabalho dos escravizados para o desenvolvimento do Espírito Santo. Aborda questões dos negros na atualidade em diálogo com membros das comunidades quilombolas do Espírito Santo, desencadeando uma discussão sobre o racismo e o processo de branqueamento da população brasileira, que aqui foi muito presente, com a intensificação do incentivo à imigração de colonos europeus.

A contribuição dos imigrantes também é contemplada, como também as condições em que eles foram recebidos no estado. Atraídos pela promessa de receber terras e adquirir riquezas, os imigrantes chegaram aqui para suprir a mão de obra que antes era adquirida com o tráfico e a escravização de africanos.

Esse material é muito rico para trabalhar a HES por meio de seus episódios, de curta duração, contemplando diversos conteúdos com os alunos. Além disso, possibilita a elaboração de uma série de atividades que farão com que o aluno possa refletir sua própria origem e identidade, e a desenvolver um pensamento crítico sobre diversas temáticas, contribuindo para sua formação cidadã.

A seguir, indicamos outros vídeos e documentários que podem ser explorados nas aulas de HES.

Quadro 7 – Sugestões de vídeos para o ensino de História do Espírito Santo

Continua

VÍDEOS	POSSIBILIDADES
<p><u>Raízes – A História do Espírito Santo</u> Como já havíamos citado, se trata de uma série de vídeos produzidos pela Rede Gazeta, que visa resgatar as origens do povo capixaba.</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=2U6boXUxOIA&list=PLzR7WcAqI-ZYL0UwRjHC4LhQpUCYUt5Un</p>	<p>Como já citamos anteriormente, pode-se trabalhar vários conteúdos da História capixaba, podendo o professor selecionar os vídeos das séries que correspondam ao conteúdo ou recorte da HES que estiver lecionando ou ainda criar uma sequência de aulas complementando os vídeos com textos e contemplar a história do HES de uma forma geral.</p>
<p><u>Memória Capixaba</u> É um canal disponível no YouTube criado pelo radialista capixaba Fábio Pirajá. A proposta do canal é ser um repositório iconográfico direcionado a historiadores, pesquisadores, geógrafos, acadêmicos e amantes do Espírito Santo. Neste canal existem inúmeros registros da história capixaba, e muita coisa a ser explorada pelo professor, dentre elas, indico o filme “Costa Pereira, a História de Vitória contada a partir de uma praça.</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=y2L4W-dTQHM</p>	<p>Esse filme, produzido no formato documentário pode ser utilizado para mostrar como era o cotidiano no Centro da cidade de Vitória. O filme traz um cenário que transporta quem assiste para o passado e pode ser explorado pelo professor para remontar a história local em um lugar muito conhecidos pela sociedade capixaba e principalmente aos alunos que residem em Vitória.</p>
<p><u>ValorES – História do Espírito Santo</u> Se trata de uma série de vídeos bem curtos, no formato reportagem, produzidos pela TV Tribuna. O conteúdo pode ser acessado pelos links abaixo. Sendo o primeiro extraído do canal oficial do Tribuna Notícias no Youtube e o segundo de um canal independente criado por Geilson Ferreira com uma playlist dos vídeos em sequência.</p> <p>Link 1: https://www.youtube.com/c/tribunaoonline/search?query=ValorES</p> <p>Link 2: https://www.youtube.com/watch?v=R02rwsIOe8g&list=PL69bHhrEsrCrW02FXsWYq8AXbQ3MHi7-K</p>	<p>Existem 30 vídeos curtos que o professor pode usar como material de apoio ao trabalhar determinado conteúdo da HES que estiver lecionando. Os vídeos trazem tanto a História da colonização do Espírito Santo, histórias locais, da cultura e patrimônio cultural capixaba.</p>

<p>Filme - Lugar de Toda Pobreza</p> <p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=lnPEhXXZpII</p>	<p>O filme é de 1983 e se trata de um documentário sobre o bairro São Pedro em Vitória. Pode trabalhar a história local em escolas localizadas nessa região e próximas dela, mostrando o antes, o depois e os problemas sociais que a comunidade enfrenta.</p>
--	--

Fonte: Elaboração do autor (2021).

3.3 O USO DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO

Outra forma de trabalhar a HES na sala de aula presente nas narrativas, e mais especificamente na narrativa do professor W. M. Santos (2019) é a utilização de imagens e fotografias, quando o professor cria uma sequência em formato de *slides*, utilizando para tanto o programa *Power Point*, projetando-os em meio digital, para trabalhar uma aula expositiva narrando a história da colonização do Espírito Santo. Nesses *slides*, o professor apresenta fotos, imagens e mapas, em que ele vai narrando a HES.

No desenvolvimento da atividade de ensino, o professor Santos (2019) informa que as imagens e fotografias foram organizadas para criar uma narrativa que vai das rotas comerciais marítimas, incluindo mapas e ilustrações, até a chegada ao Brasil, a divisão das capitanias hereditárias com foco na Capitania do Espírito Santo.

O professor Santos (2020) também destaca a utilização de imagens que extrai do Arquivo Público Estadual para elaboração de suas aulas de HES:

É um momento fundamental para mostrar para a criança, que a pesquisa histórica se faz próxima dela também. Esses elementos contribuem para que ela conheça as imagens do Espírito Santo. Imagens antigas e atuais. Elas amam, quando a gente mostra as fotos antigas. Perguntamos a elas: que lugar é este? (SANTOS, 2020).

Tanto a narrativa do professor Santos (2019) quanto a do professor Santos (2020) nos levam a pensar quais metodologias de ensino poderíamos utilizar para explorar imagens e fotografias no ensino de HES. Nesse sentido, recorreremos a Borges (2005), Paiva (2002) e Bittencourt (2004), sendo que a primeira autora discorre sobre a utilização das fotografias na história, o segundo sobre as imagens na história e a terceira discorre sobre ambos os recursos, indicando propostas para seus usos.

Apesar de trabalharem estes recursos numa perspectiva da pesquisa histórica, esses autores nos ajudarão a refletir na utilização de tais recursos na sala de aula.

Segundo Borges (2005, p. 80), uma “[...] imagem é uma representação do mundo que varia de acordo com os códigos culturais de quem a produz”. Sendo assim, a autora propõe uma metodologia para trabalhar com as imagens que envolve a contextualização e a descontextualização.

Na contextualização da imagem, o professor deve ficar atento às informações sobre a imagem ou a fotografia quando for selecioná-la para a elaboração da aula. É importante também salientar que estamos tratando do uso de imagens e fotografias aqui como recurso didático, portanto deve-se tratar a imagem com uma operação teórico-metodológica, utilizando o conhecimento histórico para compreender e interpretar seus sentidos, assim como fazemos quando utilizamos um texto, diferentemente de quando a imagem é utilizada apenas como uma mera ilustração para um texto. Estamos tratando da utilização das imagens e fotografias aqui como um documento histórico, com seus recortes do real, suas capturas selecionadas, direcionadas e seus silenciamentos, suas ocultações, pois o não retratado e o não representado também têm muito a nos dizer.

Ainda segundo Borges (2005), ao selecionar uma fotografia, devemos ficar atentos as seguintes questões como ponto de partida para análise e contextualização do documento:

[...] quem produziu tal imagem?; que lugar seu produtor ocupa na estrutura social?; a quem é dirigida a mensagem de seu documento?; a partir de que argumentos organizam seu discurso?; com que tipo de dados sustenta sua argumentação? o que parece pretender com esta ou aquela afirmação?; [...] (BORGES, 2005, p. 82).

Borges (2002) destaca que este método se aplica a esclarecer questões sobre o produtor da imagem e o público que se pretende atingir com elas. No caso da fotografia, ele destaca que se diferencia dos desenhos, das caricaturas e de outras imagens, pois a imagem fotográfica “[...] pressupõe uma inter-relação entre o olho do fotógrafo, a velocidade da máquina e o referente.” (BORGES, 2005, p. 83).

Já no método de descontextualização,

[...] o olhar do pesquisador se colocaria sobre as imagens com o objetivo de nelas encontrar indícios e sinais que evidenciem traços da cultura material e simbólica dos sujeitos que, apesar de não serem compreendidos pelo produtor das imagens, foram por eles registrados (BORGES, 2005, p. 85-86).

Unindo os métodos de contextualização e descontextualização, o pesquisador e/ou professor pode alcançar tanto aquilo que o produtor pretende ao capturar a imagem, quanto sua intenção ao selecionar aquele foco e o que pretendia mostrar ao público alvo, como também aquilo que foi registrado pela imagem sem a intenção do produtor. O historiador, ao realizar a análise com seu conhecimento histórico, que o produtor da imagem muitas vezes não tem, pode trazer outros sentidos ao que foi capturado pelo produtor. Sendo assim, essas imagens ainda podem ser cruzadas com documentos escritos e/ou orais da época ou ainda com a historiografia referente ao objeto analisado, estabelecendo um diálogo entre esses documentos.

Portanto, o professor pode construir uma narrativa histórica para suas aulas lançando mãos desses métodos. Ao fazer isso, ele também poderá educar o olhar do aluno ao socializar essas reflexões com eles, ensinando-lhe até mesmo um olhar crítico sobre as imagens com as quais ele depara em seu cotidiano.

De acordo com Paiva (2002), o professor de História, independentemente dos níveis de ensino, deve saber lidar criticamente com as mais variadas fontes e levar essa criticidade aos alunos. No caso das imagens, devemos lembrar que o aluno atualmente está exposto constantemente a narrativas construídas a partir de imagens, seja na televisão, seja nas redes sociais, no conteúdo da internet ou em outros dispositivos. Sendo assim, ele destaca:

Lidar com essa diversidade de registros, saber indagá-los e desconstruí-los, saber contextualizá-los e explorá-los para tirar deles visões ou fazer com que eles subsidiem as nossas versões, isto é, apropriarmos criticamente deles e usá-los metodologicamente: esses são os procedimentos básicos do historiador e isso é o que deveria ocorrer nas aulas desde o ensino fundamental. E não se trata de ensinar teoria às crianças, e mais tarde aos adolescentes. Sublinhando o já dito, trata-se, sim, de desenvolver, de maneira adaptada à idade e às condições materiais e culturais[...] a história de seu tempo, a própria vida cotidiana na qual eles desempenham importante papel transformador (PAIVA, 2002, p. 13).

Paiva (2002) nos faz lembrar as indagações que devemos ter ao selecionar e analisar as imagens: Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Por quê? Como? Essas seriam as questões iniciais, seguidas também de perguntas a respeito dos silêncios, das ausências e dos vazios que esses documentos podem carregar. O autor ressalta que “[...] a imagem não é o retrato de uma verdade, nem representação fiel de eventos ou de objetos históricos, assim como teriam acontecido ou assim como teriam sido” (PAIVA, 2002, p. 19-20). Essas produções recebem influência direta de seus agentes que selecionam, recortam e direcionam seus olhares ao fazerem seus registros.

Segundo Bittencourt (2004), existem duas perguntas essenciais, às quais o professor pode recorrer para o uso da fotografia como material didático. São elas: como selecionar as imagens fotográficas para um trabalho na sala de aula e como realizar a “leitura” de fotografias com os alunos.

Na primeira pergunta, a autora destaca que devem-se escolher imagens fortes que impactem o olhar dos alunos. Também devem-se selecionar poucas imagens que sejam representativas, provoquem questionamentos e motivem o estudo do tema escolhido. Segundo a autora, as fotografias podem ajudar o aluno a entender as mudanças e as permanências de um determinado espaço, podendo ser utilizada para isso a apresentação de fotos do mesmo lugar em momentos históricos diferentes (BITTENCOURT, 2004, p.368).

A autora propõe uma metodologia para o uso de imagens tendo como referência a análise interna e externa. Bittencourt (1998, p. 88) explica que, com a análise, a partir de uma “[...] leitura inicial e interna da própria ilustração, torna-se possível especificar seu conteúdo: tema, personagem representados, espaço, postura, vestimentas, que indicam o retrato de uma determinada época”.

Segundo Bittencourt (1998), a leitura inicial deve ser feita sem a intervenção do professor, sendo necessária apenas o olhar dos observadores, que irão tecer suas próprias descrições e narrações sobre o que vê. Depois disso, com o auxílio do professor, os alunos devem estar identificados com os conhecimentos que estão sendo transmitidos pela aquela imagem. Sendo assim, parte-se para uma leitura externa na sequência,

[...] buscando voltar a observação do aluno para outros referenciais, para o “significado do documento como objeto”, como afirma Adalberto Marson. Nesse processo de leitura da ilustração como objeto, os alunos deverão responder a perguntas: Como e por quem foi produzido? Para que e para quem se fez está produção? Quando foi realizada? Caso não haja indicações suficientes no próprio livro, as respostas dos alunos deverão ser obtidas com o professor ou ainda através de consulta em obras (BITTENCOURT, 1998, p. 88).

Bittencourt (1998) trata de análise de imagens e ilustrações extraídas de livros didáticos e diz que, dando continuidade à leitura externa, pode-se contextualizar a imagem, analisando sua referência, o texto que a acompanha, se ela dialoga com esse texto, se quem produziu a imagem foi o autor do texto ou produtor do livro, entre outras questões. Em nosso caso, levando em consideração que podemos extrair essas imagens de outras fontes para construir nossas aulas, podemos seguir a análise interna e externa, porém levando em consideração que nem sempre teremos todas as informações necessárias sobre a imagem no local onde as procuramos. Podemos tanto realizar uma busca por *sites* oficiais do governo estadual e municipal quanto recorrer ao arquivo público ou outras fontes da internet. Por meio de imagens de épocas diferentes, por exemplo, podemos estabelecer relações de permanências e mudanças, buscar imagens de personagens históricos e de como eles são representados pelas fotos e imagens.

Os textos dos livros, muitas vezes considerados áridos e pouco motivadores para os alunos que cada vez mais se informam por imagens de mídia, podem referenciar uma outra relação entre texto e imagem. Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho que enfrenta, considerando a manutenção das enormes diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente (BITTENCOURT, 1998, p. 89).

O argumento de Bittencourt (1998) reforça a importância de trabalharmos as imagens no ensino de História e enfatiza a ideia de que esse trabalho vai além do próprio conteúdo ensinado e colabora para a formação de uma percepção crítica dos alunos das narrativas às quais eles estão expostos em seu dia a dia. Símbolos, imagens, fotografias, ilustrações, pinturas, desenhos, tudo passa a ter um novo sentido ao se educar o olhar do aluno de forma crítica. Até aquela imagem que não significa nada para ele, pode ganhar significado aos seus olhos e fazer com que ele construa suas próprias narrativas do que vê. Essa é não só uma excelente estratégia para ensinar a

HES, como também para trazer novos sentidos ao aluno sobre a História do lugar onde vive.

Para elaboração de uma aula sobre o Espírito Santo, por exemplo, poderíamos recorrer a fotos e/ou imagens para demonstrar as transformações urbanas e naturais ocorridas em determinados locais, suscitando reflexões sobre essas mudanças, inclusive de como certas áreas foram ocupadas, atrelando o fenômeno da urbanização e modernização e a favelização de certos espaços da cidade. O objetivo é apresentar ao aluno imagens familiares do espaço onde ele vive, como a região no entorno da escola.

A seguir, exemplificamos com a fotografia de um monumento localizado na cidade de Vitória e que muitos já devem ter visto, mas sem análise e contextualização. Muitos somente a veem como uma obra de arte, sem identidade e sem sentido. A obra chega até a sofrer depredações ao longo dos anos, como o furto de sua flecha, que hoje já foi restaurada.

Figura 6 – Estátua de Araribóia



Fonte: Índio... (2012).

Percebe-se que, nesta outra imagem, o cenário é muito mais antigo. Podemos constatar que esse monumento já está ali há muito tempo e faz parte da História de nosso estado.

Figura 7 – Foto antiga de Araribóia



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves (acesso em 10 jan. 2020).

A escultura encontra-se na praça Américo Poli Monjardim, local também conhecido como curva do Saldanha em Vitória. Esse local onde a estátua está localizada é simbólico, pois representa a proteção do índio à Baía de Vitória, fazendo menção à História por trás da imagem. Sua posição de guerra, com arco e flechas armados, demonstram a direção na qual a narrativa sobre o índio capixaba vai se desenhar ao longo de nossa História.

Como relatamos anteriormente, o índio geralmente é retratado de duas formas na historiografia capixaba. De um lado, temos o índio que dificultou a interiorização do estado e se tornou um dos fatores que ocasionou o atraso no desenvolvimento da região. Do outro, temos os que foram catequizados e contribuíram para a superação do atraso, ajudando os jesuítas na colonização do local e até mesmo protegendo as

terras contra outros invasores, que poderiam ser estrangeiros ou tribos indígenas rivais.

Araribóia representa o segundo grupo citado, ou seja, o índio que, ao lado dos colonizadores, protegeu a região. Essa narrativa serve de gatilho para trabalhar tanto a História por trás da imagem de Araribóia quanto para realizar uma abordagem crítica do papel do indígena na HES, além de discutir o modo como ele foi representado no passado e indagar para onde foram esses indígenas, em qual lugar eles ficaram marcados em nossa História, para onde foram os que restaram e onde sua cultura está preservada. Essas e outras questões o professor pode abordar em sala de aula.

Quadro 8 – Acervos de imagens para elaboração de aulas de ensino de História do Espírito Santo

LOCAL	POSSIBILIDADE
Arquivo Público Botocudos do Rio Doce. Local: Barra do rio Pancas, entre Colatina e Barbados, em 1909. Link: https://ape.es.gov.br/indios-botocudos-do-rio-doce-walter-garber#prettyPhoto[gallery2]/1/	História dos indígenas capixabas
Arquivo Público Fotos de Vitória com legenda e textos explicativos. Link: https://ape.es.gov.br/expo-vitoria-antiga#prettyPhoto	História de Vitória

Fonte: Elaboração do autor (2021).

Gostaríamos de deixar claro que o nosso intuito não foi esgotar as possibilidades de se trabalhar a HES na sala de aula, como já reiteramos diversas vezes. Nosso objetivo foi socializar saberes e articular metodologias com as experiências narradas pelos nossos entrevistados, entendendo que um saber desperta outro saber, multiplicando-se a cada vez que é acessado.

São muitos os desafios a serem trilhados no ensino de HES, mas nosso desejo é que este trabalho venha a contribuir para que tais saberes sejam potencializados e ressignificados por cada leitor deste trabalho. Como nos aponta Tardif (2010), um saber pode despertar e possibilitar a produção de outros saberes. É neste sentido que convidamos os leitores deste trabalho a caminhar conosco nessa jornada que está apenas no início.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

Nosso estudo buscou mapear as práticas docentes de professores de História atuantes no município de Vitória que de alguma forma trabalhassem a HES em suas aulas. Para nos situar no campo da pesquisa do ensino da História Regional e Local nos debruçarmos sobre o Espírito Santo, realizamos uma busca por trabalhos em bancos de dados e livros, para saber como a História Regional/Local estava sendo abordada por outros pesquisadores pelo país. Além disso fizemos uma breve análise na BNCC e no currículo do município onde lecionam os professores que entrevistamos. Estas buscas resultaram em nosso primeiro capítulo, que visou atender ao nosso primeiro objetivo específico que era desenvolver reflexões sobre a importância da História Regional e Local como potencialidades para a formação cidadã e cultural dos estudantes da educação básica. Estas reflexões nos serviram de base para as etapas seguintes do estudo.

Portanto, passamos a levantar questões sobre o ensino de HES, através das narrativas de nossos sujeitos, e nos amparando nos pressupostos metodológicos da História Oral, procuramos garimpar os saberes e fazeres dos professores e tentando responder a algumas questões que nortearam este trabalho, como, qual o lugar ou o não lugar da História do Espírito Santo na sala de aula? Seria a HES apêndice de outros conteúdos? Seria ela trabalhada, principalmente, em datas comemorativas ou quando da oportunidade de ir a um estudo de campo? sendo assim, encontramos algumas respostas, ou melhor, várias respostas para uma mesma pergunta. Sobre o lugar que a HES ocupa no currículo praticado pelos professores, identificamos que cada professor concentra o ensino de HES em momentos específicos, como datas comemorativas, oportunidades de visita a museus e a patrimônios culturais. Também quando estão trabalhando alguma temática que atravesse a HES, como a escravidão, a negritude, os povos indígenas ou questões relacionadas a gênero. Também destacaram que elaboram aulas para questionamentos que surgem dos próprios alunos, e assim foram construindo seus saberes e fazeres sobre o Espírito Santo na prática, para além do que adquiriram com suas formações. A maioria destacou que trabalha o conteúdo contextualizado com a História do Brasil, ou ainda com a História Global. A coleta e análise destes dados, foram apresentadas em nosso segundo capítulo, que consideramos a espinha dorsal de nosso estudo.

Baseando-se nas narrativas dos nossos entrevistados, elencamos uma série de palavras-chaves, que mais apareceram nos relatos e foram tidas como relevantes pelo potencial de colaborar com a nossa proposta de ensino que se materializou no terceiro capítulo que teve como objetivo estimular e potencializar as práticas de ensino de HES e subsidiar o trabalho de professores de História das séries finais do ensino fundamental.

As narrativas dos professores evidenciaram a importância do ensino de HES, no sentido de contribuir para formação cidadã do aluno, formando sujeitos históricos, conhecedores de sua história com um olhar mais crítico sobre sua realidade e capaz de ressignificar sua identidade a partir de um sentimento de pertença que não apenas absorva as narrativas históricas postas diante dele, mas que consiga realizar uma leitura crítica, capaz de interpretar e fazer sua própria leitura da história.

Sendo assim, criamos uma nuvem de palavras com tempestade de ideias para elaboração de nossa proposta, o que deu origem ao nosso terceiro capítulo, apresentando metodologias alternativas, baseadas em três formas de se trabalhar a História do Espírito Santo: o uso de aulas de campo em museu, centro histórico e patrimônios culturais capixabas, o uso de vídeos e documentários e o uso de imagens e fotografias.

O nosso estudo não foi e nem pretendeu ser um modelo fechado para o desenvolvimento das práticas de ensino de HES, pois consideramos que as possibilidades são ilimitadas e dependem da criatividade, dos conhecimentos, da experiência e do protagonismo de cada professor para desenvolvê-las. Portanto, este trabalho é um convite aos interessados em efetivar e melhorar as práticas de ensino de HES, inclusive explorando regiões não contempladas neste trabalho, pois o campo é vasto e as possibilidades são múltiplas. Existem muitas histórias invisibilizadas no vasto território do Espírito Santo, muitos saberes regionais e locais a serem mapeados e transmitidos para nossa sociedade, o que poderá enriquecer ainda mais a nossa cultura multifacetada. Também é um convite para os pesquisadores na fronteira da educação, do ensino de História e, mais especificamente, do ensino de História do Espírito Santo. Estamos no início da caminhada em um campo profícuo, muito ainda há de se fazer.

Chego ao final desta jornada com algumas impressões sobre o que tivemos a oportunidade de desvelar, conhecer e aprender com este trabalho: a impressão de que não tocamos nem na ponta do *iceberg*, metáfora para a riqueza que está armazenada na memória dos docentes confinados nas salas de aula; a impressão de que o saber escolar com sua vitalidade, seu dinamismo e sua criatividade tem um enorme potencial de contribuir para uma educação de qualidade; a impressão de que atingimos nossos objetivos, mas podemos e precisamos fazer mais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus? *In*: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 104-116.
- ARROYO, Miguel G. Disputas pela autoria e criatividade docente. *In*: ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 34-52.
- ATALLAH, Claudia C. Domingos. Ensino de História, memória e regionalismo: uma análise do currículo de Campos dos Goytacazes. **MÉTIS: história e cultura**, v. 18, n. 35, p. 245-265, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/7861>. Acesso em: 16 jan. 2020.
- AUGUSTO, Verônica dos Santos Santiago. **Memórias de Sooretama**: história, ensino e escola. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2017. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_11074_Disserta%E7%E3o%20revisada-%20Ver%F4nica.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.
- AZEVEDO, Joanir Gomes. De “abobrinhas e “troca de figurinhas. *In*: AZEVEDO, Joanir Gomes; ALVES, Neila Guimarães (Org.). **Formação de professores: possibilidades do impossível**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. [Obras Escolhidas].
- BITTE, Regina Celi Frechiani. **Políticas da memória e os usos públicos da história**: o lugar da educação museal na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental. 2014. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- BITTE, Regina Celi Frechiani. **Políticas da memória e os usos públicos da história**: O lugar da educação museal na formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental. Curitiba: Ed. CRV, 2016.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. *In*: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.
- BOM MEIHY, José Carlos S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

BOM MEIHY, José Carlos S. HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & fotografia**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORGES, Vilmar José; BITTE, Regina Celi Frechiani. Estágio Curricular Supervisionado: identidade e saberes docentes. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 9, n. 1, p. 30-47, jan./abr. 2017.

BORGES, Vilmar José; BORGES, Jullizze Maia. Potencialidades da História Oral na pesquisa e na form(ação) docente: percursos metodológicos. **Teias**, Rio de Janeiro, v 22, n. 64, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/50659>. Acesso em: 7 mar. 2021.

BURKE, Peter. A nova história, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP. 1992.

CAIMI, Flávia Eloísa. Os paradigmas da História. *In*: CAIMI, Flávia Eloísa; MACHADO, Ironita A. P.; DIEHL, Astor Antônio (Org.). **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p. 49-74.

CARVALHO, Carlos Henrique. A História Local e Regional: dimensões possíveis para os estudos histórico-educacionais. **Cadernos de História e Educação**, Uberlândia, n. 6, p. 51-69, jan./dez. 2007. Disponível em: http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/a_historia_local_e_regional-dimensoes_possiveis_para_os_estudos_historicos-educacionais.pdf. Acesso em: 16. jan. 2020.

CASTRO, Hileia Araujo de. A História do Espírito Santo nas séries iniciais do ensino fundamental. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Anpuh, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.1268.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

CERRI, Luis Fernando. Regionalismo e ensino de História. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, p. 135-143, 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26608503_REGIONALISMO_E_ENSINO_DE_HISTORIA. Acesso em: 10 jan. 2020.

CRESTANI, Leandro de Araújo. **Fronteiras do Ensino da História Regional e Local**: a desconstrução da memória oficial ensinada em sala de aula. Toledo: Fasul, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304783439_FRONTIERS_DO_ENSINO_DA_HISTORIA_REGIONAL_E_LOCAL. Acesso em: 16. jan. 2020.

CRESTANI, Leandro de Araújo. O ensino de história regional e local nos anos iniciais do ensino fundamental do município de Toledo. **R. Eletr. Cient. Inov. Tecnol**, Medianeira, v. 8, n. 17. E – 4961, 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/e-4961/pdf>. Acesso em: 16. Jan. 2020.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-31.

ÍNDIO Arariboia volta à avenida Beira-Mar neste domingo; inauguração será às 11h. Texto disponibilizado em 12 dez. 2012. *In*: PREFEITURA DE VITÓRIA. Disponível em: <https://m.vitoria.es.gov.br/noticias/noticia-10193>. Acesso em: 10 jan. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museu Solar Monjardim. Disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6114/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. Fotografia. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120717_FOTO_FDIG_01872.jpg. Acesso em: 10 jan. 2020.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Cultura. *In*: **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 185-215.

MACHADO, Ironita Policarpo. **História Regional em sala de aula**. Passo Fundo: Ed. da Universidade Federal de Passo Fundo, 2014. Disponível em: http://editora.upf.br/images/ebook/didatico_historia_ironita.pdf. Acesso em: 5 jan. 2020.

MELO, Fabíola Guimarães. **Folia do Divino Espírito Santo – uma viagem pela história do município de Campo Alegre/GO**: proposta para o ensino de História Local. 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8149>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (Brasil). **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2018. Secretaria da Educação Básica. p. 416-433. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 11 jun. 2019.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino de História**, Londrina, v. 9, p. 9-35, out. 2003.

NASCIMENTO, Rafael Cerqueira. **A narrativa histórica da superação do atraso**: um desafio historiográfico do Espírito Santo. Serra. Ed. Milfontes, 2018.

NEVES, Erivaldo Fagundes. História e região: tópicos de história regional e local. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v. 1, n. 2, p. 25-36, abr./out. 2008. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/407075805/NEVES-Erivaldo-Fagundes-Historia-e-Regiao-Topicos-de-Historia-Regional-e-Local>. Acesso em: 16 jan. 2020.

PAIM, Elison Antônio; PICOLLI, Vanessa. Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios. **História e Ensino**, Londrina, v. 13, p. 107-126, 2007.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PALÁCIO Anchieta: 466 anos de história em Vitória. Texto disponibilizado em 25 jul. 2017. *In*: GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/palacio-anchieta-466-anos-de-historia-em-vitoria>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação: **Projetos em disputa? Retratos da Escola**. Brasília, v. 9, n. 17, p. 337-352, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/584/658>. Acesso em: 1º out. 2018.

PIROLA, André Luiz Bis. **O livro didático no Espírito Santo e o Espírito Santo no livro didático**: história e representações. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/nometese_114_ANDR%C9%20LUIZ%20BIS%20PIROLA.pdf Acesso em: 6 out. 2018.

RAÍZES [S.l.: s.n.], 2014. 12 episódios. Disponível em: <https://youtu.be/2U6boXUxOIA>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RODRIGUES, Sandra Maria Papin. Contribuições da Memória na formação da Identidade Docente. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais** [...]. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4959_2471.pdf. Acesso em: 9 jun. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A construção intercultural da igualdade e da diferença. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. p. 279-316.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a Teoria Crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque. Narrativas de visitas a museus: práticas de memória e formação histórica. *In*: VALÉRIO, Mairon Escorsi; RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos (Org.). **Ensino de História**: memória e identidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo de história regional e local na educação básica. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais** [...]. Natal: Anpuh, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372277415_ARQUIVO_Artigo-HistoriaRegional_NATAL_.pdf. Acesso em: 02 out. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias de currículo. 3.ed e. reimp.-Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Stuart Hall, Kathryn Woodward**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Práticas escolares: aproximações e especificidades no ensino de História. **História & Ensino**, Londrina, v. 9, p. 185-204, out. 2003.

SIMÕES, Regina Helena Silva. Sobre o ofício de professores e professoras de História: introduzindo o tema. *In*: SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcantara (Org.). **Ensino de História, seus sujeitos e suas práticas**. Vitória: GM Gráfica; Editora/PPGE-UFES, 2006, p. 11-27. v. 1.

SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel; SALIM, Maria Alayde Alcantara (Org.). **Ensino de História, seus sujeitos e suas práticas**. Vitória: GM Gráfica; Editora/PPGE-UFES, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (Espírito Santo). **Resolução nº 13, de 27 de abril de 2016**. Autoriza a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) a aderir ao Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação (SISU/MEC) como forma de ingresso nos Cursos de Graduação desta Universidade. Conselho de Pesquisa, Ensino e Extensão, Vitória, 27 abr. 2019. Disponível em: <http://www.sisu.ufes.br/legislacao>. Acesso em: 4 dez. 2019.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 127-162.

VALÉRIO, Mairon Escorsi; RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos. Ensino de História: memória e identidade. *In*: VALÉRIO, Mairon Escorsi; RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos (Org.). **Ensino de História**: memória e identidade. Jundiaí. Ed. Paco Editorial, 2016.

VISITAR CENTRO HISTÓRICO. Disponível em: <https://www.vitoria.es.gov.br/cidade/visitar-vitoria>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VITÓRIA (Município). Secretária Municipal de Ensino de Vitória. **Diretrizes Curriculares para o ensino fundamental: História**. Vitória, 2004. Disponível em: https://m.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100218_ens_fund_dir_historia.pdf. Acesso em: 5 out. 2019.

ZANOTTO, Gizele. Aprender com o cinema, aprender sobre o cinema: a sétima arte no ensino de História. *In*: VALÉRIO, Mairon Escorsi; RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos (Org.). **Ensino de História**: memória e identidade. Jundiaí. Ed. Paco Editorial, 2016.

FONTES ORAIS

CARVALHO, Carlos Fabian. Experiências de ensino em História do Espírito Santo [Entrevista cedida a] Angelo da Conceição Demuner. Vitória, 13 ago. 2020.

COUTINHO, Priscilla Lauret. Experiências de ensino em História do Espírito Santo. [Entrevista cedida a] Angelo da Conceição Demuner. Vitória, 13 ago. 2020.

OLIVEIRA, Thais Dantas Domingos Campos. Experiências de ensino em História do Espírito Santo. [Entrevista cedida a] Angelo da Conceição Demuner. Vitória, 13 ago. 2019.

SANTOS, José Elias Rosa. Experiências de ensino em História do Espírito Santo. [Entrevista cedida a] Angelo da Conceição Demuner. Vitória, 13 ago. 2020.

SANTOS, Wagner Meira. Experiências de ensino em História do Espírito Santo. [Entrevista cedida a] Angelo da Conceição Demuner. Vitória, 13 ago. 2019.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Qual o seu nome, formação, instituição em que trabalho e tempo de atuação na docência?
2. Na graduação em História, havia alguma disciplina voltada para a História do Espírito Santo?
3. Após a graduação, você fez alguma formação continuada em História do Espírito Santo por conta própria ou oferecida pelas escolas e redes onde você atua ou atuou?
4. Qual ou quais conteúdos você trabalha de História do Espírito Santo na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental?
5. O conteúdo é contextualizado com a História do Brasil? Se sim, você parte da História Nacional para História Regional/Local ou da História Regional/local para Nacional?
6. Qual material didático você utiliza? Faz alguma atividade em campo?
7. Qual a importância da História do Espírito Santo ser ensinada para esses alunos?
8. Quais as dificuldades e/ou os desafios que você encontrou para ensinar a História do Espírito Santo?
9. Você poderia detalhar um pouco mais sobre suas atividades em sala de aula?
10. Como você gostaria de ter um material didático da História do Espírito Santo? Tem alguma sugestão de organização e disponibilização que atenderia os professores auxiliando-os nas aulas?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA THAÍS DANTAS DOMINGOS CAMPOS DE OLIVEIRA

1. Qual o seu nome, formação, instituição em que trabalha e tempo de atuação na docência?

Meu nome é Thaís Dantas Domingos Campos de Oliveira. Sou professora há 22 anos, minha formação acadêmica se deu na Universidade Federal do Espírito Santo e a minha especialização também, foi em Ciências História das Relações Políticas e Sociais do Brasil e Espírito Santo sempre foi minha matéria preferida, porque eu era professora de pré-vestibular, de 2000 a 2012, em várias instituições de ensino da Grande Vitória, e o Espírito Santo e Brasil eram as minhas duas cátedras, minhas duas cadeiras, e eu flertava com o Espírito Santo desde a época da minha formação, eu fui aluna, não sei se você conheceu a Leonor Araújo, a Negra Léo, que depois foi para a Casa do Cidadão do Estado. Então, Negra Léo entorpeceu a galera de 97/1. Espírito Santo foi a matéria que a gente saía, que a gente ia fazer “in loco”, patrimônio histórico, educação patrimonial, história oral, então Espírito Santo sempre foi muito fascinante para mim. Quando eu cheguei na escola fundamental em 2010, quando eu passei em concurso público, eu falei: “eu tenho que dar um jeito de introduzir isso nas minhas aulas”, mesmo não sendo uma prática da Prefeitura de Vitória, História do Espírito Santo tem que acontecer.

E foi por meio de projetos, no início foram só projetos, a História do Espírito Santo, um recorte “Negro do Espírito Santo”, que era uma obra até da Negra Léo, que era a professora Leonor Araújo, ela trabalhava com aquele livro e falava um pouco de Queimados, da Revolta de Chico Prego, Elisiário e o João da Viúva, e aquilo foi ganhando mais dimensão, e percebi que projetos pontuais na escola não eram interessantes, então eu comecei a fazer isso de fevereiro até dezembro. Então o Espírito Santo é uma disciplina muito isolada dentro da escola. A História do Espírito Santo é trabalhado por história, dificilmente você encontra algum outro par dentro da escola que queira dialogar sobre a cultura capixaba, sobre a Geografia do Espírito Santo, é ainda uma disciplina de preocupação do professor de história, de forma muito isolada.

2. Na graduação em História, havia alguma disciplina voltada para a História do Espírito Santo?

Sim. Ministrada pela professora Leonor Araújo. História de Espírito Santo, acho que fiz 1 e 2, na época tinha na grade, tinham duas disciplinas, mas você imagina que num conjunto de oito períodos na Universidade, que eu peguei três greves, eu sai de lá em dois mil e... entrei 97 e saí em 2001/2, foram duas disciplinas só, eu acho pouco, apesar de fazer cultura popular brasileira que foi uma outra disciplina oferecida por Estilaque Ferreira e que em alguns momentos a gente falava do Espírito Santo, ainda é pouco, para dentro de uma Universidade Federal do Espírito Santo, contemplar apenas duas disciplinas o Espírito Santo não é o suficiente.

3. Após a graduação, você fez alguma formação continuada em História do Espírito Santo por conta própria ou oferecida pelas escolas e redes onde você atua ou atuou?

Fiz pela Univix. A Univix ofereceu “A Arquitetura e a História do Espírito Santo” e dividiu em eixos temáticos, aí eu fiz, comecei com a população indígena e aí fui conhecer os aldeamentos indígenas e as construções jesuíticas, tinha aula teórica e aula de campo, e isso em 2001/2002, imediatamente, quando eu sai da Universidade. Continuei estudando e pesquisando o Espírito Santo, e lá você tinha o curso de Arquitetura da Univix, era o primeiro ano do curso de Arquitetura e eles ofertaram.

Fui professora de escola de Turismo, Ética, e aí fui trabalhar com a História do Espírito Santo também, então Espírito Santo sempre foi a minha praia, mas volta a dizer, de forma isolada.

4. Qual ou quais conteúdos você trabalha de História do Espírito Santo na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental?

Eu começo do 6º ano e vou até o 9º ano, preferencialmente eu gosto muito de falar sobre a cultura capixaba, acho muito relevante, e eu começo falando da chegada de Vasco Fernandes Coutinho ao Espírito Santo e vou até o último Governo do Espírito Santo. Eu consigo fazer alguns quadros esquemáticos, que a gente vai contemplando na linha do tempo esses períodos, pontuando... vamos lá! aqui (a professora gesticula com as mãos para explicar) a cultura indígena trabalhou dessa e dessa forma em

contato com a cultura colonial portuguesa, e aí a gente vai criando desdobramento, normalmente eu consigo fazer parcerias e trazer gente especializada para vir falar nas escolas. É um trabalho muito de formiguinha sabe? por que é solitário, falar da História de Espírito Santo, falar de Espírito Santo é solitário. Você tocou em formação, não tem essa formação. Os professores na verdade, eles não fazem porque não querem, eles não fazem porque não sabem, se estuda muito pouco de Espírito Santo na Universidade para quem fez História, imagine para quem é licenciado em outras áreas, eles não conhecem mesmo a História do Espírito Santo, então é uma história de resgate, e eu começo pela cultura e em diálogo sempre com a história e com a geografia, que eu não consigo separar uma coisa da outra, e desde 2010 eu venho fazendo um trabalho que é política para iniciante, que é aonde eu falo da política capixaba também, de forma isolada e solitária.

5. O conteúdo é contextualizado com a História do Brasil? Se sim, você parte da História Nacional para História Regional/Local ou da História Regional/local para Nacional?

Sim. Sempre do Macro para o micro, sempre História Mundial, História do Brasil e História do Espírito Santo.

6. Qual material didático você utiliza? Faz alguma atividade em campo?

Eu tenho assim... perto do que eu vejo as pessoas falando que não conhecem a bibliografia capixaba, eu me sinto uma privilegiada porque eu tenho muita coisa do Espírito Santo. Por causa dessa minha formação inicial e professora de pré-vestibular, eu precisava ter um arcabouço muito grande, porque eles são curiosos, e eu tenho as bibliografias fundamentais da História do Espírito Santo. Atualmente eu tenho visitado, na verdade não é um site, vários professores de história postam material e a gente vai pescando ali, pescando cá e vai fazendo o material didático, e muita coisa eu tenho feito também, eu tenho construído. Na época que eu fui professora da Contec, eu fiz o material de História do Espírito Santo, Cultura e História do Espírito Santo, então eu também tenho material.

Eu também estou flertando com a educação patrimonial, e a gente vai “in loco”, Angelo é interessantíssimo, o campo é rico, esse ano a gente está fazendo um projeto que é “ O Espírito Santo, sua terra, sua gente, suas cores, seus sabores e seus amores”, e eu consegui implementar juntamente com meus pares, eu falo que é muito isolado, muito sozinho, mas assim... as pessoas estão muito abertas, apesar das escolas serem lugares muito orgânicos e terem pessoas fazendo muitas coisas ao mesmo tempo eu ainda consigo encontrar pares. Então quando a gente vem com a ideia e as pessoas são contaminadas por ela, e a gente conseguiu criar um projeto interdisciplinar que transita entre ciências, história, geografia, artes, inglês, português e matemática, então a gente consegue. A educação física ficou um pouco distante porque a professora não quer dançar (risos), não é preconceito, mas quando se fala em dança a gente joga para educação física, mas ela não quer dançar (risos), mas a gente está fazendo a coisa da teoria na sala, a gente usa auditório no Prezideu Amorim (escola), no Álvaro de Castro Mattos (escola) que eu trabalho a noite com a EJA, e a gente faz no auditório, faz no laboratório de informática, faz na sala de aula a parte teórica e depois vamos para o campo. No Álvaro à noite nós já saímos para as três santas, fizemos Santa Maria, Santa Leopoldina e Santa Teresa, e com diário de bordo, com registro da viagem, que depois tem uma culminância que é uma grande festa cultural na escola, aqui (escola Prezideu Amorim) já fizemos o centro histórico de Vitória, fizemos uma visita ao Palácio Anchieta entramos com monitoramento, fizemos também uma visita à escola da ciência, da biologia e da história, lá no Sambão do Povo, achei interessantíssimo escola, que trabalha com arqueologia capixaba com os povos “Sambaquis”, então se a gente procurar a gente acha e tem muita gente disposta a fazer parceria, basta a gente se abrir e não fechar nos muros da escola, ver a escola como apenas mais um pilar da formação dos nossos alunos, e que a formação se dá para além dos muros da escola.

7. Qual a importância da História do Espírito Santos ser ensinada para esses alunos?

Ora construir, ora resgatar uma identidade capixaba que é tão híbrida e que a gente conhece tão pouco da gente, então a ideia é a gente trabalhar com a história do Espírito tão híbrido e tão rico ao mesmo tempo, e que o capixaba não conhece, então a minha preocupação é dar, trocar, compartilhar a história do Espírito Santo com a pretensão, humilde pretensão, de contribuir para a construção da identidade capixaba,

a gente tem que ter uma, a gente tem que se achar como indivíduo e o melhor ponto de partida é a identidade.

8. Quais as dificuldades e/ou os desafios que você encontrou para ensinar a História do Espírito Santo?

É solitário porque é um tema que as vezes só interessa a história e a geografia, e aí você tem que fazer todo um convencimento para as pessoas, e falar poxa vida, olha só o capixaba tem uma cultura própria, apesar de ter sido forjado aí no caldeirão desde a sua formação na ocupação indígena, você tem um capixaba que não se conhece, então é um discurso contínuo de convencimento o tempo todo e as pessoas têm muita dificuldade de ler sobre o Espírito Santo. Eles falam “a não tem”, eu falo “não tem ou você não sabe o que tem”, “tem!” você frequenta a editora da UFES, por exemplo? a todo momento eles produzem material, é muita coisa, se você pegar Gabriel Bittencourt, se você pegar na literatura o saudoso Renato Pacheco escreveu, se você pegar a Zorzal, você tem coisa para ler, na literatura ultimamente o Luiz Guilherme Santos Neves escreve sobre Espírito Santo, “A invenção do Coronel” também, Hélio Gualberto, as pessoas não leem o capixaba, se você pegar o Rubens Braga, esse ano nós já levamos os alunos no aniversário de 78 anos da Biblioteca Municipal, lá no Centro de Vitória, nós fizemos a noite com a EJA, levamos os meninos da EJA, para esse aniversário, para essa festividade em que a celebração contava com um sarau poético e musicado do Rubem Braga, foi uma delícia e os meninos adoraram. As pessoas estavam sabendo que a Biblioteca Municipal estava fazendo 78 anos? E as pessoas que ficam sabendo vão? Levam seus alunos? Escrevem projetos? Então há uma má vontade também, há uma certa preguiça, eu penso assim tá, pode ser que, eu trabalho três horários e consigo encontrar tempo, então o tempo quem faz é a gente, a gente dá prioridade para o nosso tempo e eu priorizo a História do Espírito Santo, então eu sempre acho tempo para levar os meninos para ocuparem esses espaços, entendi?, mas os desafios são esses, certa preguiça, certo desconhecimento das pessoas, desinteresse e as vezes você não encontra pessoas para dialogar, porque nas escolas tudo é muito urgente, premente e professor pesquisador é solitário, e é isso.

Se você pegar a literatura do Rubem Braga esse ano nós levamos o que no aniversário de 78 anos na biblioteca municipal no centro de Vitória e fizemos a noite

com a EJA com os meninos da EJA para esse aniversário essa festividade onde a celebração contava com um sarau poético e musical do Rubem Braga foi uma delícia os meninos adoraram as pessoas não estavam sabendo e as pessoas que ficam sabendo vão levar seus alunos fazem projetos então a uma má vontade uma certa preguiça eu trabalho três horários e consigo encontrar tempo é questão de prioridade e eu priorizo a história do espírito santo então eu sempre acho tempo para levar os meus meninos e ocuparem esses espaços mas os desafios são esses uma certa preguiça desconhecimento das pessoas desinteresse e às vezes você não encontra pessoas para dialogar porque na escola tudo é muito urgente e professor pesquisador é solitário e é isso.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR WAGNER MEIRA DOS SANTOS

1. Qual o seu nome, formação, instituição em que trabalho e tempo de atuação na docência?

Meu nome é Wagner Meira dos Santos, formado em história, licenciatura e Bacharel, tenho três pós-graduações, Educação étnico-racial, Pedagogia de projetos e EJA. Trabalho atualmente em duas redes, no Estado no Instituto Socioeducativo com menores infratores, que é uma maravilha, para mim no caso, e trabalho no fundamental 2 (séries finais do Ensino Fundamental) aqui na rede de Vitória, onde eu moro com turmas do sexto ao oitavo ano.

2. Na graduação em História, havia alguma disciplina voltada para a História do Espírito Santo?

Na pós não ocorreu. Na graduação eu não tenho certeza, mas eu acredito que bem superficial. Tem tempo que eu me formei, formei em 2005, mas só fui atuar a partir de 2010, eu era de uma outra área, eu não me lembro se tivemos na grade uma disciplina de História do Espírito Santo na graduação. Eu lembro que fui apresentado ao tema em 1999 em um (curso) preparatório de pré-vestibular tivemos um aulão que foi fantástico, não lembro o nome da professora agora, ela era especialista em História do Espírito Santo, ela era da UFES, tinha até um livro. Durante o preparatório que a gente descobriu um pouco sobre o Espírito Santo, até mesmo porque era cobrado no vestibular na época. Então foi ali que eu conheci meu estado, a partir de um aulão.

3. Após a graduação, você fez alguma formação continuada em História do Espírito Santo por conta própria ou oferecida pelas escolas e redes onde você atua ou atuou?

Não. De História do Espírito Santo não, nesse tempo todo não. Então assim, eu sempre gostei de trabalhar aula expositiva, buscando mais e mais, até pelo fato de ser morador aqui de Vitória e a colonização do Espírito Santo ter se iniciado aqui em terras vizinhas, em Vila Velha, então por curiosidade, até para trazer uma aula melhor,

mais expositiva, já que o aluno, ele está vivendo este contexto do início da colonização. E foi tudo realmente buscando, nada oferecido por instituição nenhuma.

4. Qual ou quais conteúdos você trabalha de História do Espírito Santo na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental?

O processo de colonização... então vamos lá para o sexto ano, lá para a origem, antes da colonização, no 6º ano o que eu consegui abordar foram povos americanos, onde eu abordo dentro da estrutura dos Sambaquis, os povos indígenas aqui do litoral, coletores, em tão eu trago para a realidade do Espírito Santo, hoje eu estou em uma comunidade que também vive da coleta, então o aluno consegue se enxergar dentro deste contexto lá do paleolítico, isso no 6º ano. Depois daí, quando eu vou trazer a rota da imigração da Ásia para a América e as etnias se formando aqui na América e a ocupação do solo americano a gente trabalha também um pouco, não da questão da História do espírito Santo, mas da América de uma forma geral, e eu tento trazer para o Brasil quais foram as etnias para o menino entendo como era essa diversidade toda, até porque no próximo ano ele vai ter o choque com o europeu e com as grandes navegações para ele entender que já existiam pessoas aqui e esse descobrimento já não vai mais se perpetuar. Então no 6º ano eu trabalho desta forma. No sétimo, nós entramos no contexto... deixa eu me recordar aqui... das grandes navegações, e nessa busca por novas rotas, nesse discurso, trago o contato do europeu com a América e quando eu trabalho com as capitânicas hereditárias eu aprofundo novamente a questão do Espírito Santo, eu dou essa aprofundada. No 8º ano, eu não me recordo agora, mas acho que não tem nada específico sobre o Espírito Santo, então eu trabalho no dia do feriado mesmo, para o menino entender o que é a colonização do solo Espírito-Santense. No 9º, quando a gente entra no período do processo de abolição da escravidão e a chegada dos imigrantes, então eu abordo e até apresento para eles o site do arquivo público para eles entenderem esse fluxo de imigração das pessoas chegando no Brasil, muitos vão descobrir que os seus ancestrais são italianos, vão ver esse registro, a gente usa o telefone da escola neste momento, eu converso com a pedagoga, eu falo por qual motivo, a gente faz essa pesquisa, a gente pesquisa na escola nomes diferentes, que a agente entenda que sejam alemães, italianos, então a gente faz essa busca para o menino ver este processo. Mas geralmente eu apresento o 7º, o 8º e o 9º isso em um aulão expositivo,

porque eu trabalho muito a questão da colonização do solo Espírito-Santense, mas eu fico mais restrito a região da Grande Vitória, falando porque que é “canela verde”, porque que é “bosta seca”, o conceito de capixaba, é mais um pouco do que eu aprendi e que eu procuro transmitir cada vez melhor.

5. O conteúdo é contextualizado com a História do Brasil? Se sim, você parte da História Nacional para História Regional/Local ou da História Regional/local para Nacional?

Eu vou estar optando por uma consequência, o nosso contato com o europeu pelo processo de colonização e exploração, eu trabalho do macro, vindo lá do processo de formação dos Estados Modernos, Mercantilismo, então é tudo um processo, mesmo quando eu vou trabalhar em um contexto de palestra, por exemplo, no oitavo ano eu já vou estar lá na frente, buscando essa necessidade de caminho sempre do macro para o micro, porque se não fica solto, não faz muito sentido o índio parecer que aparece do nada, bom pelo menos é a minha ideia.

6. Qual material didático você utiliza? Faz alguma atividade em campo?

Bom, eu gosto muito do lúdico, então assim, o livro é pobre, extremamente pobre, eu não trabalho com apostila, eu seleciono o texto, inclusive eu fiz uma cruzadinha, eu peguei os textos que falam sobre a colonização do Espírito Santo e os povos que aqui existiam, fiz um caça palavras que tem 40 palavras para o aluno buscar neste texto, ele vai encaixando ali, então eu fiz esse material, inclusive quando eu vou em escola, eu sempre estou oferecendo isso, a gente pode trabalhar do 3º ao 9º, são coisas que eles não conhecem, a formação do solo Espírito-Santense e principalmente os povos indígenas, foi o máximo que eu consegui, no passado e no presente, é um documento de duas páginas, frente e verso, eu sempre venho oferecendo e tenho percebido que os professores não estão com resistência ao material, eles gostaram, gostaram da dinâmica, a forma em que é exposto, da linguagem, trabalhando com menino de 9 anos, o menino já lê, então ele já entende isso. Esse é um material que é extra, como se fosse um dever de casa. Mas a aula mesmo, é um “aulão”, com Power point, imagens e eu estou sempre recordando, pelo fato de o aluno ser da Grande Vitória, ele conhece a Curva do Saldanha, ele conhece os canhões posicionados ali, então eu

pego ali Piratas do Caribe, então no Power Point que traz todo esse processo, imagens lá da Índia das feiras dos condimentos na Índia, ai eu mostro aqui na Vila Rubim, então eu pego tudo isso, eu pego imagens de Vitória que tem um acervo de imagens antigas antes da Terceira Ponte, eu consigo imagens para o menino entender a entrada do canal, no caso, o Espírito Santo, as Caravelas chegando ali, falo da escola de Sagres, daquele processo lá em Portugal, então a minha aula é muito expositiva, e a grande crítica de alguns pedagogos é isso, o pedagogo quer texto, que o pai vai olhar o caderno e ainda tem que dar visto. Eu só dou visto quando a turma é indisciplinada, mas quando a turma quer aprender eu ensino, quando a turma é indisciplinada eu sou abrigado a amarrar determinado conteúdo, não conhecimento, a um visto, que vai levar uma assinatura no final. De forma geral, eu entendo que é interessante, eu não tenho dispersão, que é uma coisa que eles conhecem, enxergam isso, vivem isso, porém não entendem, então eu vejo que encanta. Até hoje em nenhuma dessas aulas eu tive que tirar menino para a coordenação, por um ou por outro motivo, nem por questões indisciplinadas e nem por questões pedagógicas. Então assim, é muita, muita curiosidade porque ele vive. “Ah professor, eu passava ali, mas não sabia disso”, então isso é interessante. Eu sou morador de Santo Antônio também, eu tenho a honra de morar, segundo algumas obras, de frente para ilha onde a esposa de Vasco Fernandes Coutinho ficou abrigada, eu não sei se você sabia disso, a ilha do Cal ali, há algumas histórias, que ela ficava ali da ponta da ilha enquanto eles estavam exterminando os índios, ele gritava, que é o ponto mais próximo para a ilha de Vitória, ele gritava para ela perguntando se estava tudo bem. Na entrada do “Tancredão”, ali tem uma ilha logo no final, e é próximo, dependendo da posição do vento se você gritar, você consegue ouvir do outro lado, eu descobri isso assim, por morador, ai depois eu pesquisei e vi que realmente isso teria acontecido, eu tenho alunos pescadores, então eles passam por ali, e eu mesmo quando pesco, eu consigo imaginar essa cena, isso que é história, é viver, isso é que é importante, é mais ou menos desta forma.

7. Qual a importância da História do Espírito Santo ser ensinada para esses alunos?

Bom, eu não sou professor de fundamental 1 (Séries Iniciais do Ensino Fundamental), mas professor de Fundamental 1 aborda esse regionalismo, eu acho que falta um

pouco de formação, eu acho muito místico, vendo os livros didáticos e minha esposa é professora de 1º ao 5º ano, muito misticismo, o indiozinho desenhado, o indiozinho amigo do português, então não se problematiza esses conflitos lá e entendendo que a criança de 10 anos já está vivendo o conflito, o conflito está na rua, e esse conflito é um conflito que sempre existiu, então não tem porque você enfeitar uma realidade, e que o aluno venha aqui, chegue no sexto ano entendendo que o português fez meio que um favor e que os jesuítas fizeram meio que um favor aos povos nativos aqui. Eu acho sim o Espírito Santo muito importante, assim como o caso da História Geral, Revolução Francesa, Era Napoleônica, Primeira e Segunda Guerra Mundial, para História tudo é importante, mas entender o seu estado para valorizar e buscar mudanças e extremamente importante. Entrevistador: E para você é importante o ensino de História do Espírito Santo? Professor Wagner: Bom, eu adoro a minha disciplina, então eu acho que qualquer história, uma Guerra dos cem Anos, a História do Espírito Santo, todas são importantes, eu não poderia colocar numa balança o que seria mais importante, mas assim, se eu não sei quem eu sou, fica meio complicado entender onde eu posso chegar, onde eu quero chegar, onde até mesmo eu tenho que chegar enquanto cidadão, então conhecer a nossa história, eu sempre trago informações de geografia que, eu gosto muito de trabalhar esse desenvolvimento da parte industrial, a região sudeste, por que tem fluxo de pessoas de outras regiões chegando aqui no Espírito Santo, tantos baianos, então o aluno não consegue entender, é como se fosse uma invasão, e os baianos estão aí como se fossem pessoas de outros países, aí você cria essa resistência, então é importante entender a importância do seu estado, na origem a importância do Brasil, a importância do seu estado na questão econômica e saber onde ele pode estar melhorando sobre isso. É importante, mas eu não daria peso a isso, mas sendo capixaba que sou eu acredito que é extremamente importante saber, “criar uma casca” não para defender o estado, por que a gente não precisa ser defendido, a gente precisa ser desenvolvido, mas quando te perguntarem sobre a história do espírito santo, eu acho interessante ter um pouco dela na ponta da língua.

8. Quais as dificuldades e/ou os desafios que você encontrou para ensinar a História do Espírito Santo?

Bom, hoje com a internet você tem muita coisa, então assim, eu não vou muito em livro, até mesmo porque para você trazer textos aqui formatados o aluno ele não vai entender, ele não vai ter curiosidade, então eu trabalho mais a questão visual, então assim, sendo um morador daqui é mais fácil, por exemplo se fosse da História de São Paulo, e os meninos não conhecem São Paulo, eles não iriam saber pontos turísticos, então, eu faço isso aqui, seria uma coisa mais distante. Aqui, não aqui eu falo de determinada região e a gente e a gente vai entender como é que isso aconteceu. Então assim, eu Wagner não tenho dificuldades para trabalhar o assunto, até então nos meus 10 para 11 anos aí eu não encontrei dificuldades, se bem que eu trabalho na questão da consciência mesmo, uma missão nos últimos 4 ou 5 anos, então eu tenho trabalhado de forma bem específica nos últimos quatro ou cinco anos eu trabalhei em Cariacica, então Cariacica pelo fato de não ter os contato a princípio com europeu, ficou meio estagnado, então em Cariacica a gente trabalha outros valores, então hoje trabalhando aqui eu tenho essa obrigação. No ano passado eu trabalhei em Viana, então Viana você tem um rio que é acesso então isso aumentou minha responsabilidade para os meninos entenderem a importância do município de Viana para o desenvolvimento do estado, do município de Vitória para o desenvolvimento do Estado, então a resistência, a dificuldade tem qualquer situação, mas eu não peço licença não, eu meto o pé na porta e até agora tem dado certo.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR CARLOS FABIAN DE CARVALHO

DATA: 13/06/2020

HORA: 16 HORAS

DURAÇÃO: 21 MINUTOS

LOCAL: PLATAFORMA DIGITAL (JITSI MEET)

1. Qual o seu nome, formação, instituição em que trabalho e tempo de atuação na docência?

Carlos Fabian de Carvalho. Eu me formei em 1998/2. Faço docência desde 1996 na Prefeitura Municipal de Vitória. Lá, eu entrei em 2002, onde eu estou até hoje. Passei pelo ensino superior e pela pós-graduação também (como docente), durante um período, mas hoje concentro minhas atividades no ensino fundamental na educação de jovens e adultos.

2. Na graduação em História, havia alguma disciplina voltada para a História do Espírito Santo?

Tinha uma, que era optativo. Na época, quem lecionava, era professora Leonor Araújo. Foi a única que eu entrei. Eu entrei no final e o professor Cleber Maciel tinha acabado de falecer, que era quem trabalhava com o Espírito Santo e o negro no Espírito Santo, e também, a história da África. E aí, logo depois, a Eleonor assumiu essa função e trabalhava com a História do Espírito Santo.

3. Após a graduação, você fez alguma formação continuada em História do Espírito Santo por conta própria ou oferecida pelas escolas e redes onde você atua ou atuou?

Fiz na Rede Municipal de Vitória. Existiam recortes como a educação patrimonial, que foi um debate sobre centro histórico. Nunca pegava exatamente, uma temática “História do Espírito Santo”, mas eram formações que a História do Espírito Santo era transversalizada e passava-se por ela.

4. Qual ou quais conteúdos você trabalha de História do Espírito Santo na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental?

A barreira verde aparece muito. Um outro conteúdo que aparece muito são os quilombolas. Por exemplo, os Zacimba Gaba. A questão da escravidão no Norte, onde trabalho com Constância da Angola e com os Zacimba Gaba, com a chegada em São Mateus. O Vale do Cricaré, também é um conteúdo muito presente nas minhas aulas. Trabalho com a história republicana e com a ocupação indígena no território capixaba. Com a imigração italiana e alemã, e trabalho bastante como período republicano. O século XX e o processo de urbanização da cidade. Esses são o que eu mais gosto de fazer.

5. O conteúdo é contextualizado com a História do Brasil? Se sim, você parte da História Nacional para História Regional/Local ou da História Regional/local para Nacional?

Varia. Porque, como eu não trabalho nessa perspectiva de história temática, eu não faço obrigatoriamente, a ligação entre o local e o Global. Não é isso que me orienta, mas sim, o tema.

Se eu estou discutindo, a questão da terra, eu vou discutir a terra no Espírito Santo. Se eu estou discutindo, a temática da escravidão, eu vou discutir a temática da escravidão e do negro no Espírito Santo. Se eu estou discutindo, a questão indígena, de maneira geral, eu vou discutir a questão indígena no Espírito Santo, as relações de gênero no Espírito Santo.

Então, eu vou fazer um debate a partir da história temática, fazendo sempre a conexão entre o global e o local, mas não é isso que é o meu ponto de partida, não é a minha preocupação primeira.

6. Qual material didático você utiliza? Faz alguma atividade em campo?

Muitos artigos e pouquíssimos livros, porque eu acho poucos. Eu pego alguns pedaços das dissertações e teses, que tem saído do Programa de Pós-graduação em História, ou então, outros estudos que aparecem. Por exemplo, de historiadores não

profissionais, ou pessoas da Cultura. Existem registros de Arlindo Vilask, Francisco Lacerda de Aguiar e Luís Guilherme dos Santos Neves que vão contar um pouco dessa história. E, muito mais registros jornalísticos, somado a alguns materiais de pesquisa, que surgiram no programa de pós-graduação.

A base, tem sido né Luiz Guilherme Santos Neves, mas muito tem saído do Programa de Pós-graduação em História, que pega mais questões da história recente e história do gênero. Tem também os antigos e clássicos, como Miguel Depes, ou seja, um conjunto de referências mais antigas que nos ajudam. A marca do jornalismo é muito maior, do que a própria ciência histórica pela ausência de fontes.

Sobre aula de campo, faço

bastante. No ano passado a gente foi para Aracruz. Fizemos uma discussão no quilombo de Aracruz, lá na aldeia temática. Uma aldeia Guarani que existe lá. No ano retrasado, levei todos os estudantes para comemoração dos 500 anos da reforma protestante, da fé reformada. Fomos com eles para Domingos Martins, fizemos o Centro Histórico, o Convento da Penha e Reis Magos. Isso é fundamental para discutir a História do Espírito Santo.

7. Qual a importância da história do Espírito Santo ser ensinada para esses alunos?

É uma outra questão, que para mim, também não tem menor relevância. Como eu não trabalho com história linear, e não classifico determinado conteúdo, em determinada série, ou ciclo, onde ela vai ser trabalhada, não tem muito sentido. Eu já conversei sobre História do Espírito Santo, com estudantes do segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental. Então, eu não vejo muito sentido, localizar determinados saberes históricos em determinadas séries, ou ciclos. Eu prefiro que ela seja, mesmo que talvez repetida, mas que ela passe e perpassa, o tempo todo, durante toda a formação do Ensino Fundamental.

8. Quais as dificuldades e/ou os desafios que você encontrou para ensinar a História do Espírito Santo?

A dificuldade é a ausência de material e de fonte. Recentemente, voltando até na pergunta das fontes, a rede gazeta lançou um programa, uma série de programas, se

eu não me engano “minha terra” (Raízes), não lembro como era o nome. Começava com os indígenas e os programas passavam no sábado, depois do “Em Movimento”, e agora estão no YouTube. Eu não lembro o nome exatamente, era um conjunto de programas. Isso facilita bastante a interatividade e a provocação dos estudantes com o conteúdo. Para minha, a maior dificuldade é a ausência de fontes. É o maior desafio que está colocado. Desejo tem, até mais do que a História Global, eu percebo os alunos mais afim, porque está mais pertinho deles, mas a dificuldade é a ausência de fontes.

9. Você poderia detalhar um pouco mais sobre suas atividades em sala de aula?

Eu gosto muito de fazer, o que eu chamo de uma “metodologia do diário de bordo de campo”. Existe uma atividade do ano passado, e eu tenho muitas fotos dela, porque a gente fez um estudo preliminar que chama de “pré-campo”, para compreender o modo vivente dos Guaranis. Essa relação da marca da cultura indígena nas periferias e também nos centros urbanos, principalmente de Vitória. Os estudantes foram no ônibus, daqui até Aldeia, com um conjunto de atividades. Eles tinham que observar no território a mudança de clima, temperatura, tipo de vegetação, plantações e ocupação urbana. Assim, aparecia as horas limites e divisas entre as cidades, a presença da serra, ou a presença do litoral e aspectos de relevo, até chegar exatamente na aldeia. Chegando na aldeia eles tem outro diário de campo, que identifica o comportamento, aquilo que foi falado, as observações e depois voltam socializando esse diário de campo. Isso é de uma riqueza muito grande, então essa última aula de campo em Aracruz, foi muito legal.

10. Como você gostaria de ter um material didático da História do Espírito Santo? Tem alguma sugestão de organização e disponibilização que atenderia os professores auxiliando-os nas aulas?

Então, eu gosto de história transversal e história temática. Penso, que tinha que ter um dossiê sobre a Terra no Espírito Santo, sobre a população indígena no Espírito Santo, sobre a questão africana no Espírito Santo, sobre a questão da imigração no Espírito Santo, sobre a questão do crime organizado no Espírito Santo, que é muito pesado e sobre as relações de gênero no Espírito Santo. E outro que podia ser de

questões atuais, da ordem da política, da propriedade privada e da concentração de renda, que é muito forte aqui. Então, são temáticas, que eu pudesse identificar ao longo da história, que não começassem da ocupação indígena até o período Republicano, de maneira linear, mas que eu pudesse, a partir de determinada questão, identificar e fazer a relação com aquilo que está sendo discutido. Seria o material ideal, estilo Canadá. Se tivesse aqui, seria fantástico. Entrevistador: E com relação à forma de disponibilização desse material? Professor Carlos Fabian:

Então, vídeos e textos via internet. Porque se for esperar imprimir, para que, através das redes cheguem até ele, não dá. Pequenos “curtas”, mas também com textos de apoio, textos complementares, blog e canal no YouTube de História do Espírito Santo. Tem que ser algo que você possa juntar textos. Que não sejam textos enormes, e sim, mais pontuais, de duas páginas, para a gente possa trabalhar no Ensino Fundamental. Somado a vídeos, ou bloco de imagens, deixando que os professores façam as atividades, que eles pensem sobre as atividades. Eu acho muito isso legal.

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PROFESSOR JOSÉ ELIAS ROSA DOS SANTOS

DATA: 15/06/2020

HORÁRIO: 15 HORAS

DURAÇÃO: 43 MINUTOS

LOCAL: CASA DO ENTREVISTADO

1. Qual o seu nome, formação, instituição em que trabalho e tempo de atuação na docência?

Meu nome é José Elias Rosa dos Santos, sou professor de história há 25 anos e trabalho desde 2005 na rede Municipal de Vitória. Sempre trabalhei na rede Municipal de Vitória, nunca tive outro vínculo.

2. Na graduação em História, havia alguma disciplina voltada para a História do Espírito Santo?

Uma disciplina de 60 horas. Quem ministrava a disciplina, era o professor Guilherme Santos Neves, e trabalhava a História do Espírito Santo em uma perspectiva, que na minha avaliação era bem factual. Como a chegada dos portugueses, a população indígena, as capitanias hereditárias, Vasco Fernandes Coutinho, ou seja, essa uma perspectiva bem tradicional da história. O professor Luiz Guilherme tinha essa visão bem tradicional, e eu posso garantir também, que ele fazia, na perspectiva dele, um ótimo trabalho diga-se de passagem.

9. 3. Após a graduação, você fez alguma formação continuada em História do Espírito Santo por conta própria ou oferecida pelas escolas e redes onde você atua ou atuou?

Não. Não teve nenhuma formação continuada oferecida pelas instituições em que eu trabalho. Nunca houve uma formação nessa área, mas quando eu fiz o mestrado na UFES, em Ciências Sociais, fiz pesquisa sobre o Congo no Espírito Santo. Então essa pesquisa demandou algumas leituras sistemáticas na História do Espírito Santo, onde

nós procuramos inserir os negros e os indígenas. Inserir a história política desses grupos e a relação deles com o estado, a partir das bandas de Congo. Mas não é uma perspectiva historicista, é uma perspectiva mais antropológica e sociológica.

4. Qual ou quais conteúdos você trabalha de História do Espírito Santo na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental?

Não é fácil trabalhar essa temática na sala de aula. A razão é bastante conhecida, que é a escassez de material didático. Não existe esse material com essa temática nas escolas, a gente tem que fazer adaptações com o material que existe. E sobretudo para os alunos que eu trabalho do sexto ao nono ano. O material que existe, é o material do primeiro ao quinto ano, mais quarto e quinto. Um material muito rasteiro, então você tem que pegar esse material e transformar numa linguagem para os alunos de 6º ao 9º ano. E lógico, você vai também recorrer a alguma literatura mais tradicional, mais clássica como José Teixeira, trazer esse material e produzir textos para trabalhar com as crianças. Nessa perspectiva, eu procuro trabalhar todas as fases da história do Brasil inserindo o Espírito Santo. Quando a gente trabalha, por exemplo, colonização, procuramos inserir também os primeiros anos e primeiros séculos no Espírito Santo. Quando se fala na instituição das capitânicas hereditárias, a gente traz também o caso do Espírito Santo. E quando se fala na questão do período da mineração e a assim por diante. Não existe uma fase específica, a gente procura, a cada fase da História do Brasil, inserir elementos vinculados à História do Espírito Santo.

5. O conteúdo é contextualizado com a História do Brasil? Se sim, você parte da História Nacional para História Regional/Local ou da História Regional/local para Nacional?

Na verdade, o Espírito Santo faz parte do Brasil. O local e o global tem uma relação dialética intensa. Não dá para você compreender a História do Espírito Santo, se você não tiver uma relação dessa história, com os fatos nacionais. O viés que nós trabalhamos, é o viés da História do Brasil. Nós procuramos mostrar para o aluno e a aluna, que a História do Brasil está inserida em um contexto muito maior, que é uma História Global, e essa História Global tem um impacto forte no Espírito Santo. O viés

que a gente procura ensinar, é o viés da História do Brasil, mostrando a relação dialética, que existe com o caso do Espírito Santo.

6. Qual material didático você utiliza? Faz alguma atividade em campo?

Não tem material didático. Essa é a realidade. Eu trabalho a temática do Espírito Santo, a partir de produção de texto. Eu produzo textos para as crianças, usando a bibliografia e material disponível na internet, no Arquivo Público Estadual, na SECULT (Secretária de Estado da Cultura), IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e agora me foge à memória, mas são vários órgãos, que disponibilizam informações e dados. E também, a partir da literatura que existe.

Deixa-me tentar lembrar... Luiz Guilherme, junto com a Sônia Brígida, Renato Pacheco, Thais Helena, que tem um livro sobre o Espírito Santo, tem um livro sobre a História da Educação no Espírito Santo do Sebastião Pimentel, que ele organizou, e nele tem análises do período republicano no Espírito Santo dialogando com o Brasil. Na verdade um recorte para educação, mas com muita informação sobre os governos republicanos do Espírito Santo. Quando você pega o material, que não foi feito para o aluno de 6º ao 9º ano, mas, são informações importantes para você situar o Espírito Santo em um contexto maior.

Eu também procuro observar em alguns momentos. Quando eu trabalho, Introdução aos Estudos Históricos, no 6º ano (mas a minha escola não é seriada, funciona por ciclo), então estou me referindo ao ciclo 3, que seria o 6º ano tradicional, onde você trabalha com a Introdução aos Estudos Históricos. Nos dois anos de cada ciclo, pois cada ciclo dura dois anos, eu trabalho no primeiro mês, a Introdução aos Estudos Históricos. Acho fundamental que a criança saiba lidar, com a História e seus conceitos. Então nesse momento, por exemplo, eu trabalho as fontes históricas, trago documentos do arquivo público, trago elementos do Patrimônio Histórico e Natural, por exemplo, o Morro da Fonte Grande, como Patrimônio Natural, mas que tem muita informação histórica da região de São Pedro e Santo Antônio. Também, o Museu do Negro, a Casa do Congo em Serra, a região de Roda D'água e o Congo da Barra do Jucu.

Esses elementos, eu trago como exemplo de fontes históricas, sempre situando dentro do Espírito Santo. É um momento fundamental para mostrar para a criança, que a pesquisa histórica se faz próxima dela também. Esses elementos contribuem,

para que ela conheça as imagens do Espírito Santo. Imagens antigas e atuais. Elas amam, quando a gente mostra as fotos antigas. Perguntamos a elas: que lugar é este? Quando mostro isso no 6º ano, eles dizem: _ Aaaaa... e eles vão situando, por isso acho importante, trazer o Espírito Santo. E isso acontece até mesmo, no 9º ano. Quando a gente chega no século 20 e 21, temos os conflitos raciais, onde o elemento cultural é muito importante. Eu trago as questões, relativas aos movimentos históricos de novo, mostrando essa relação conflituosa, que foi intensa no passado, e que ainda hoje é intensa.

Então, em todo momento, eu tento trazer a História do Espírito Santo. E essa bibliografia, é sempre baseada nessa busca. Por exemplo, sobre o congo e a presença negro no Espírito Santo, temos por exemplo, um livro do professor Cleber Maciel. Tem também, um livro do Mazoco, sobre o carnaval e o congo de roda d'água. São vários, os livros que usamos para produzir material, eu mesmo tenho que escrever, porque não existe material didático produzido.

E complementando, eu tenho um projeto que eu estou fazendo na escola. Quer dizer, estava, até pandemia nos interromper. Este projeto é baseado em cima de monumentos históricos. As crianças estão estudando os monumentos históricos, e a nossa ideia é que elas produzam vídeos, de cinco minutos cada, por grupo. Cada grupo, fará sobre um monumento histórico capixaba. Eu acho, que não vai ser possível acabar esse ano (2020), então em 2021, a gente retoma este projeto. Será a “produção de vídeos sobre os patrimônios históricos”, nos concentraremos em Vitória, porque é onde fica a escola em que trabalho.

Também faço aulas de campo constantemente. Museu do Negro e Casa do Congo em Serra. Em outros momentos na Cidade Alta, em Vitória, e muitos outros lugares. Teve uma ocasião, em que fomos para São Mateus, ficamos três dias em um posto. Teve outra ocasião, em que fomos para Domingos Martins na região de Campinho. Local, onde tem a colonização alemã. Já fomos em Queimado também. Na verdade, eu já fiz muito trabalho de campo. Uma vez, ficamos uma semana em Porto Seguro, fomos a Coroa Vermelha e em vários lugares.

Esse contato do aluno, e da aluna, com o espaço, com o território, onde essas relações aconteceram, é fundamental para que elas compreendam como se constrói a história, e como a história é escrita. Ou seja, a partir de que olhar, essa história está sendo escrita, e depois reescrita no futuro, a partir das pesquisas. Não é tão fácil, sair a campo, porque as condições materiais, são muito complicadas, de se conseguir. Por

exemplo, atualmente, quando vai-se fazer algumas, pesquisas em grupos pequenos, temos que ir no meu carro. Isso é muito complicado. A pouco tempo, em uma pesquisa que a gente fez, com uma professora do IFES, que também faz mestrado, cada um foi no seu carro para levar as crianças. As condições não são muito fáceis, mas a ida ao espaço, ao território, é muito enriquecedora.

7. Qual a importância da história do Espírito Santo ser ensinada para esses alunos?

A História Local ela é muito importante para a formação da criança. Não é somente, porque ela tem que conhecer o local onde mora. É porque, quanto mais próxima, essa história é da criança, mais ela percebe o impacto e a importância, que essa história tem na sua vida pessoal.

A relação é proporcional. Então, se eu estudo, por exemplo, o Egito Antigo, é maravilhoso estudar as pirâmides. A criança vai gostar, vai se interessar, mas não é tão próximo a ela. Mas quando, ela estuda a ocupação, do Morro de Jesus de Nazaré, na década de 60, onde as primeiras moradoras em conflito com o poder público, em um momento em que queriam tirar esse pessoal de lá, organizaram-se com a comunidade para manter-se ali. Quando ela (a criança) percebe isso, quando consegue visualizar as pessoas, e dizer, “poxa essa fulana de tal, era avó de ciclano que eu conheço”, “eu já fui na casa dela”. Quando percebe essa relação íntima com a história, e como a história interfere na vida dela atual, ela compreende melhor, a importância de se pesquisar e se escrever a história.

Isso é fundamental em todos os anos, quando você chega nas séries finais do Ensino Fundamental, 6º ao 9º ano. Digamos que seja, o primeiro contato que a criança tem com a história, enquanto conhecimento científico. Porque, até então, a professora era é uma generalista. A parte do 6º ano, o professor é um especialista. Então, ele (o professor) vai começar a dar atenção a história, enquanto conhecimento produzido, construído. E, é daí, que eu falo sobre a importância desses primeiros meses. De estudar os Conceitos de História e a Introdução aos Estudos Históricos. Se a criança naquele momento, em que ela está percebendo a importância da história, enquanto campo científico, e ela não estuda nada da sua região. Que mostre, que as pessoas ali fazem história, guardam e escrevem sua memória, que depois é transformada em história. E, se você não faz isso, perde-se uma grande chance, de tornar aquele espaço, um espaço historicizado. Um espaço de construção das relações, a partir dos

conflitos e das negociações. A criança ela, não vai ter a chance de perceber, como aquela comunidade, onde ela está inserida, é construída, a partir das relações históricas.

Isso é fundamental. Sem contar que, como falei anteriormente, a relação entre o local e o global é muito intensa. Não dá, para você entender a história do Brasil, sem entender a História do Espírito Santo, e vice-versa. A História do Espírito Santo é parte constituinte da história brasileira, e tem um papel fundamental, em um assunto bem discutido, que é a barreira verde com Minas Gerais. A História do Espírito Santo é grandemente impactada pela História Nacional e Mundial. Não dá para separar o local do global, sem que os dois percam.

8. Quais as dificuldades e/ou os desafios que você encontrou para ensinar a História do Espírito Santo?

A primeira dificuldade, é evidentemente, a falta de formação. A formação foi muito carente. Eu não sei como é que está hoje, lá na UFES ou em outras instituições de ensino superior, mas quando eu estudei na UFES, só havia uma disciplina, de 60 horas. Essa é a primeira grande dificuldade.

E a segunda grande dificuldade, é a falta desse conteúdo estar inserido dentro dos currículos escolares. Deixe-me explicar. É muito comum você ver nos currículos praticados nas escolas. As vezes no oficial, tem o elemento, mas o praticado nas escolas, não tem o ensino da História do Espírito Santo. Se você entra numa instituição, onde não se discute isso, você vai no mesmo barco.

A terceira dificuldade, é você não ter material didático voltado para aquela série. Então, todo o material que você vai utilizar em sala de aula, é fruto de um esforço pessoal. Um esforço pessoal, que demanda tempo, demanda leitura, demanda condições de produção e reprodução. Nem toda escola oferece as condições de produção e reprodução. Demanda você encontrar os livros. E eu, fui atrás desses livros e comprei do meu próprio bolso. O livro do Guilherme Santos Neves, e dá professora Léa Brígida, eu tenho só em xerox, não tenho o original. O que para mim, não é muito correto.

A ausência de material didático, te demanda muito tempo para produzir esse material. E existe também, um sentimento de complexo de inferioridade, do Espírito Santo. O Espírito Santo, não se vê, enquanto espaço de produção histórica e de produção de

cultura. Assim como não é um espaço de produção cinematográfica, musical, teatral e de futebol. Nós não temos nada. Aquilo que nós temos, e que é muito rico, não é conhecido.

Na música, eu toquei numa banda capixaba, durante muito tempo, e posso testemunhar a dificuldade das pessoas em reconhecer o Espírito Santo, enquanto espaço de produção musical. No futebol, também.

E a história, sofre desse problema, as pessoas não entendem que aqui, é feito história. Seria um problema psicológico, vamos colocar assim. Dessa série de fatores que eu citei, quatro eu entendo que são, dificultadores para trabalhar História do Espírito Santo. Na verdade, se você começar a resolver esse problema na escola, nesse primeiro espaço de formação, que é a escola, na minha avaliação, isso vai acabar ajudando nos outros quatro empecilhos. E até mesmo, na universidade. Pois a universidade, tem que responder às demandas que escola coloca.

9. Você poderia detalhar um pouco mais sobre suas atividades em sala de aula?

Foram algumas. Eu vou dizer uma do passado e outra atualmente. Eu trabalhei numa escola, em que a gente fez um projeto chamado “Redescobrimo o Espírito Santo”. Nesse projeto, eu busquei construir, junto com os alunos. A gente se reunia no horário contrário a aula deles. A escola não cria espaços para que esses trabalhos sejam construídos. Então, eu tinha que voltar a escola no outro horário, e os alunos e as alunas, voltavam também nestes horários para a gente discutir a construção desse projeto. Fizemos isso de uma forma bastante participativa. Nós juntamos com as crianças e estabelecemos as prioridades, os objetivos e as atividades que seriam desenvolvidas, e os locais que a gente visitaria. Nós criamos uma comissão, para que cada grupo dissesse “nós vamos estar naquele local”. Tinha um grupo preparado estudando aquele local, para apresentar para os outros colegas. Eu não realizava essa função. E nós, planejamos também uma atividade de encerramento, que foi uma visita a São Mateus. Nós saímos na sexta e voltamos domingo. Todo esse projeto, foi feito junto com os alunos. Juntamos os alunos interessados, e fizemos esse planejamento.

O primeiro lugar que nós visitamos, foi a cidade alta de Vitória. Fomos na Capela de Santa Luzia, no Teatro Carlos Gomes, no Palácio Anchieta e na Escola Maria Ortiz.

Não existe, ainda nessa ocasião, o Museu do Negro como é hoje, ainda era um espaço bem precário.

Visitamos a Igreja de Queimado e Anchieta, que é o Município ao Sul do Espírito Santo, na região praiana/litoral. Por último, visitamos Campinho, de Domingo Martins. Fizemos essas quatro atividades, e cada grupo foi responsável de monitorar uma atividade. E no fim do ano, nós fomos para São Mateus. Ficamos hospedados numa escola que visitamos na época, o CEUNIS. Passamos um dia no posto São Mateus. Sendo que, nessa ocasião, nós fizemos um sarau com música e poesia capixaba. As crianças ensaiavam músicas para cantar, de compositores nascidos ou radicados no Espírito Santo, ou declamavam poesias de poetas e poetisas. E tivemos a sorte de estar acontecendo um festival de vídeos.

Foi uma atividade bem interessante, nós buscamos aprofundar questões éticas, políticas, culturais e artísticas do estado Espírito Santo. Essas atividades, nós fizemos no passado.

Atualmente, existem várias atividades que a gente faz na escola onde eu trabalho, e que visam a história Espírito Santo. A que eu mais estou investindo, é nesse projeto sobre patrimônio histórico e natural, junto com a professora de ciências.

A gente começou a fazer, mas fomos interrompidos. O projeto visa dar protagonismo as crianças, no estudo de determinados pontos turísticos e históricos. O primeiro, vai ser a antiga escola, pois a nossa escola atual foi inaugurada em 2012, se eu me engano. Existe a escola antiga, que vai ser o primeiro ponto a ser estudado. Depois cada grupo vai escolher um ponto histórico e/ou turístico para estudar. Irão elaborar um roteiro, fazer “takes de imagens”, e depois, editar um vídeo com esse Patrimônio Histórico.

Na verdade, eu não tenho tanto o que relatar sobre esse projeto, porque ele está em andamento. Quando a gente discute com as crianças, as coisas vão se construindo e reconstruindo e planejando... planejando... Eu gosto muito de ouvir as ideias que eles têm para oferecer. Eles são muito... muito... muito... motivados. Eu já comecei inclusive, na oficina de expressão corporal, e eles próprios que irão apresentar o vídeo. O professor de português, ficou de dar oficinas de produção de texto, para que eles produzam o texto a ser falado. Estou muito... muito... motivado com este projeto, mas é um projeto que visa mais dar protagonismo aos alunos. Nós estamos fazendo este projeto com alunos do 3º ciclo, que pega do 6º ao 7º ano.

10. Como você gostaria de ter um material didático da História do Espírito Santo? Tem alguma sugestão de organização e disponibilização que atenderia os professores auxiliando-os nas aulas?

Essa pergunta é muito complexa, porque todo material de Espírito Santo que eu vi até hoje, é mais voltado para alunos do 1º ao 5º ano, que são os anos iniciais do fundamental. mais no 4º e 5º ano inclusive. E no ensino médio, voltado para o vestibular.

Existem basicamente somente esses dois tipos de materiais, e lógico, os livros importantes feitos para o ensino superior. Tem vários que eu gosto. Como, a Nara Saletto. Um outro que fala sobre os negros do Espírito Santo, muito importante, mas me fugiu a memória o nome da autora.

O material dos 6º ao 9º ano não existe, nem no ensino médio (1º, 2º e 3º ano). Para mim, primeiramente tem que se discutir, o centro de formação do material didático, feito para Espírito Santo. O nosso material é feito sempre no Rio, São Paulo e Curitiba. Porque que o material não pode ser produzido por professores e professoras do Espírito Santo? O primeiro ponto é esse.

E quando você discutir isso, está dizendo que, na verdade, ao escrever esses livros oferecidos como material didático, tem que inserir o Espírito Santo. Não só em livros, mas também em atlas históricos, softwares e o que tiver de ser produzido para o Espírito Santo, esse material tem que ser produzido com informações sobre o Espírito Santo, e não criar algo específico. Pois, isso fortalece a ideia, de que existe a História do Brasil e a História do Espírito Santo. E, não existe, tudo é uma história só. Então por é isso, que eu faço questão de trabalhar com o Espírito Santo, a partir do momento que vou discutir a História do Brasil.

Quando eu vou discutir as rebeliões antiescravistas, eu incluo “Queimados”, junto com as rebeliões pelo Brasil a fora. Como por exemplo, Palmares e Revolta dos Malês. Então na minha avaliação, é isso que falta muitas vezes. Nós fomos colonizados, pela produção de livros didáticos de outros estados. E aí, eles vão sempre abordar, questões relativas aos seus estados.

Para mim, o material didático feito para Espírito Santo, tem que ser feito pelo Espírito Santo, no âmbito de colocá-lo numa inserção nacional. Se não tem como, então, você tem que partir para essa alternativa, de construir o material didático específico para o Espírito Santo. Mas isso, é uma perda porque a criança vai separar a História do

Espírito Santo da História do Brasil. O ensino, já é todo setorizado. Existe Matemática, português, ciências, biologia..., existe uma divisão na cabeça da criança, a partir das disciplinas. O que na minha opinião, foge da realidade da construção do conhecimento. Então, temos a História do Brasil, a História Universal, a História do Espírito Santo, a História de Vitória... Na Matemática temos aritmética, trigonometria... para mim, essa intensa fragmentação, prejudica a compreensão da criança, de que a história é global. Tem especificidade no Espírito Santo? É lógico que tem, mas muitas coisas, que ocorrem aqui, estão linkadas (ligadas), com o contexto nacional. Quando se estuda este conteúdo nacional, é que tem que entrar essa questão do Espírito Santo ou vice-versa. E quando você estuda, questões relativas ao Espírito Santo, você ver como isso acontece, a nível nacional. Tem que ter perspectiva. Entrevistador: Sobre a questão da disponibilização. Como você acha que ficaria mais acessível ao professor esse material? Em qual formato? Professor José Elias: A forma hoje, mais acessível que se tem, é a partir de aplicativo, porém, levando em consideração, que muitos não têm acesso à internet.

Um aplicativo é uma forma bastante viável de chegar todos os cantos do Espírito Santo. E seria muito interessante, se nesse aplicativo, na forma com forem construir, que pudesse ter a possibilidade de interagir com as pessoas. Por exemplo, a escola onde trabalho como professor de história, fica no bairro Jesus de Nazaré. Ali, tem uma história riquíssima, e na verdade, você não vai ter condições de oferecer a essa escola, o conhecimento da história local, mas pode abrir nesse aplicativo, ou plataforma, ou rede social, suponhamos, um espaço onde, pudessem ser inseridas informações e fotografias daquela localidade.

Eu acredito muito nesses instrumentos, onde as pessoas se alimentam, por isso que nas minhas práticas escolares, eu gosto de ouvir os alunos. Eu ouço os alunos, até para fazer o meu programa de ensino.

Por exemplo, no meu programa de ensino do primeiro trimestre, eu faço sozinho, no sentido de não recorrer a ninguém no momento. Busco informações do ano interior nas avaliações que os alunos fizeram, mas eu escrevo sozinho. Mas no segundo semestre, por exemplo, eu escrevo o programa ouvindo os alunos. Pergunto: “o que vocês acham, que a gente pode estudar nesse segundo semestre?” Ai eles dizem: “vamos estudar sobre novela!”. Beleza, posso falar sobre novela. Uma vez um aluno fez essa provocação comigo. Eu falo que foi uma provocação, porque eu conheço o menino, e sabia que ele gostava de provocar (risos). Eu falei, “ótima ideia! Vamos falar

sobre novela!”. Fizemos duas aulas sobre novelas, foi muito interessante. Essa retroalimentação que se tem, é fundamental. Então acho que você, com um aplicativo, ou uma plataforma, ou uma rede social, pode tentar abrir esse espaço.

Por exemplo, para que as pessoas alimentem, a partir das histórias locais. Porque o Espírito Santo também é muito diverso. Você não vai ter condições de fazer, por exemplo, uma atividade para contemplar alguém lá de Brejetuba, mas um professor de Brejetuba, pode a partir dessa abertura, ou seja, uma plataforma retro alimentável, oferecer a você, elementos desta história local, de monumentos históricos e naturais locais. Mais do que, o tipo de instrumento, eu defendo que se tenha, essa natureza de retroalimentação. Independente, do que seja feito.

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA PRISCILLA LAURET COUTINHO

DATA: 14/06/2020

HORÁRIO: 15 HORAS

DURAÇÃO: 1 HORA E 10 MINUTOS

LOCAL: PLATAFORMA DIGITAL (JITSI MEET)

1. Qual o seu nome, formação, instituição em que trabalha e tempo de atuação na docência?

Me nome é Priscilla Lauret Coutinho. Eu fiz História na UFES e me formei em 2003. Antes mesmo da colação de grau eu já lecionava em escolas públicas Estadual e Municipal. Esse ano faz tenho 19 anos de trabalho na área de educação como professora de História. Quando a gente trabalha em designação temporária, acabamos também lecionando outros conteúdos, outras disciplinas e outros componentes curriculares. Portanto, além de História, eu também já lecionei Artes e Geografia. Passar por esses outros percursos, me deram um pouco de bagagem. Geralmente os meus trabalhos acabam envolvendo algum conteúdo artístico, quando eu trabalho um pouco de História do Espírito Santo. Eu parto, ou da história do município em que estou trabalhando, ou vou trabalhar alguma data comemorativa dentro da trajetória do estado. A gente acaba produzindo algo material para ficar na escola em exposição, porque eu reparei que tem um efeito na comunidade escolar. O efeito é bem maior quando você expõe alguma coisa, quando você materializa a sua pesquisa, e não somente através de textos.

Eu me mudei para Serra esse ano e comecei a trabalhar aqui, mas veio a pandemia. Eu nunca tinha trabalhado aqui na serra, sempre em Vitória e Cariacica. E minha experiência é mais com a história desses dois municípios.

2. Na graduação em História, havia alguma disciplina voltada para a História do Espírito Santo?

Sim, existia. A gente tinha um semestre. Eu fiz com a professora Leonor a disciplina “História do Espírito Santo” e era obrigatória.

3. Após a graduação, você fez alguma formação continuada em História do Espírito Santo por conta própria ou oferecida pelas escolas e redes onde você atua ou atuou?

Eu trabalho muito com pesquisas envolvendo os próprios conceitos de transversalidade. Os seminários e congressos que eu participei, sobre negros no Espírito Santo por exemplo, africanidades, que também é minha área de pesquisa. Eu sempre tentei buscar me encaixar em minicursos que tivessem a ver com a História do Espírito Santo. Eu já fiz um curso no IFES em 2018, e acho que era o primeiro grupo de trabalho da professora Priscila Chisté. O título era “A Educação na Cidade e o Processo de Modernização”. Teve uma das atividades do curso que a gente fez, que era dedicado a formação de professores. Os mestrandos da professora Priscila e da professora Dilza, produziram esses materiais, e eu até usei depois para sala de aula, focando nos pontos de encontro, nos pontos turísticos, nos centros de poder, relacionados a História do Espírito Santo. Depois que eu fiz este curso, eu mudei um pouco o foco de uma das visitas que eu faço. Eu gosto muito de trabalhar com aula de campo, então uma das visitas que eu faço ao centro histórico, é a partir desse curso. A educação na cidade e com um outro olhar, um olhar contra hegemônico. Fora do discurso padrão, que o Palácio Anchieta nos apresenta, que os pontos turísticos nos apresentam, a gente trabalha um outro olhar com aluno. E me abriu muito a mente, além, da discussão artística, das mudanças arquitetônicas na cidade, que já nos dão também, uma outra visão, e fazem com que o aluno se interesse. De alguma forma, se ele não quer saber da história, mas ele quer saber, por que tem aquela mulherzinha? Porque que o nome dela é Dona Domingas? O que ela está levando as costas? Porque que ele tem aquela imagem ali? Então vai dando uma certa curiosidade, e querendo ou não, faz com que eles te ouçam, faz com que eles queiram prestar atenção naquilo que vem em seguida.

Eu acho que é bem bacana. E assim, sempre que a gente trabalha, a gente fala que uma coisa vai puxando a outra. É a velha história integrada, sempre que a gente trabalha um assunto, que tem como encaixar uma visita, seja falando de pré-história no sexto ano, ou no primeiro ano, e trazendo o menino para pré-história capixaba, fazendo circuito ali, da casa abandonada Escola Ciências, Geografia e História do Sabão, ou falando sobre Brasil colônia e levando o menino lá no solar Monjardim, ou falando do início da utilização da pesca e como fonte de renda do estado, e falando

sobre formação de vilas, levando os meninos lá em Regência. Acho que tem que sempre como a gente usar os recursos, que muitas vezes são escassos, mas que a gente tenta pedir aqui, pedir ali. Eu acho que tem muita coisa rica no estado, que dá para trabalhar com aula de campo. Entrevistador: Sobre a formação, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Professora Priscilla: Eu sinto uma falta sim, do conteúdo de História do Espírito Santo na graduação. Tem o Instituto Goya lá no centro de Vitória, numa das ruazinhas próximas a Catedral fiz um curso lá no ano passado. Eles também estão fazendo um trabalho de restauro. Eles ajudaram fizeram toda uma pesquisa para o restauro de várias estátuas no Centro, e deram esse fim de semana, um curso para gente da Prefeitura de Vitória. Para quem quisesse se inscrever, era um curso livre no workshop, para apresentar como é que foi o processo de restauro, e também, para falar um pouco sobre a história dessas estátuas, fazer alguns questionamentos, levantar algumas hipóteses a respeito do pôr que esses estados estão ali, o que que elas representam, porque a cruz do Papa foi chamada Cruz do Papa, e ela foi restaurada pouco tempo.

E eles acabaram produzindo um material bem bacana para distribuir, como folhetos e mini folders. Toda oportunidade que a gente tem, enquanto educador, para buscar de alguma maneira a pesquisa, de manter esta chama viva dentro da gente, deveria ser intrínseco. Nessa época da pandemia, apesar da gente ter uma demanda muito grande, de preparação de atividades de contato virtual com alunos, com reuniões, mas é primeira vez na vida que a gente tem oportunidade de aprender metodologias e de buscar pesquisas, sendo de alguma forma ressarcido, sendo pago para fazer isso. Porque na verdade, a gente faz, a gente tenta fazer um esforço, mas o tempo que a gente tem de planejamento, não dá conta para a gente, realmente de fato ser pesquisador constantemente, e estar em formação continuada. É difícil mesmo.

4. Qual ou quais conteúdos você trabalha de História do Espírito Santo na sala de aula e em quais anos do ensino fundamental?

Quando eu trabalhava em Cariacica, eu sempre pegava a época do aniversário da cidade. Trabalhava o início da colonização do solo espírito-santense e a formação do município, dentro da história de Cariacica. Outro eixo interessante também, é trabalhar, por exemplo, com o sétimo ano, a Mata Atlântica. Como que essa formação dos povoados e a estruturação da cidade, acabou desmantelando, destruindo e

apagando a memória desse patrimônio natural e como a gente pode trabalhar com esse problema. Como a gente pode fazer com que o aluno, se sinta (e ele tem que se sentir) de alguma forma pertencente e responsável por isso. Então a gente faz um gancho, por exemplo, fazendo uma aula de campo lá na Fonte Grande. Levar os alunos na Fonte Grande e trabalhar com a parte geográfica, com a localização, pois aqueles mirantes deles são lindos. Trabalhar um pouco desse entorno. Sobre o que é a grande vitória do ponto de vista geográfico, a importância dos rios, a própria existência de recursos naturais, que acabou levando a uma diferenciação na forma de povoar. “Porque quem em torno do Rio Marinho, se formou uma aglomeração muito grande de pessoas? a necessidade do Rio”. “Porque os manguezais de Vitória tiveram uma concentração de população Ribeirinha?” “Por quê que houve isso?” “Qual foi a utilização dada para esses sambaquis por exemplo?” Então você já volta lá na pré-história, para falar um pouquinho da importância desse sítio arqueológico. “O que é um sítio arqueológico?”. Numa visita que você foi para falar de mata atlântica, para olhar o visual da cidade, você fala de ocupação, de recursos naturais, de pré-história, sobre a necessidade desse ecossistema. continuar existindo e de como a degradação pode ser trágica para o ser humano e até para própria economia.

Uma vez eu fiz umas sacolinhas reutilizáveis de TNT, e em uma trilha, eles tinham que recolher alguns vegetais mortos. Eles foram encontrando e colecionando e foi muito bacana experiência, porque depois a gente montou um painel. Eles ajudaram a colocar esses galinhos, folhas e frutos secos no mapa, onde eu coloquei a linha do Tratado de Tordesilhas. Essa vegetação seca ficou justamente na área em que existia né a Mata Atlântica. Deu para eles receberem, que realmente, muito se perdeu. Eles amaram. Viram as fotos. Fizeram perguntas. Fizeram questão de ajudar na confecção do painel.

São coisas que a gente vai fazendo, e que mistura um pouco de Artes, História e Geografia.

Quando você faz letras e coloca o nome da cidade, fazendo um acróstico de Cariacica por exemplo, Você tem um problema de tá nem mexi Vou tentar aumentar mais você não tá me ouvindo Letra Só você dividir a sala em grupos E aí cara grupo vai ficar com uma letra e vai ter que pesquisar né os livros os materiais que você disponibilizar ou mesmo se tiver não é uma sala de informática ele vai ter que pesquisar características da formação histórica geográfica da cidade que lembram aquela letra que começam com aquela letra né que eles vão ter que dar a partir daí

produzir frases produzir imagens e depois é a pesquisa também feita com as caixas de memória geralmente à disposição legal e tá junto sim no cartão de memória que que eu já fiz também deu uma exposição bem legal é você produzir Eles produzem escolhe uma foto né que eles podem se puder ir ao local ótimo eu faço uma distribuição do lugares históricos da características geográficas de uma de um determinado ponto da cidade o ponto da cidade ou do estado e aí ele eles precisam escolher uma foto aí o local de preferência tirar uma foto eles mesmos revelar essa foto e colar na caixa tampa da caixa e dentro da caixa eles precisam colocar a pesquisa que que eles descobriram sobre aquele lugar então quem visita posição ver a caixa decorada porque eles querem pintar caixa né e depois eu envernize tá E aí também abre a caixa e vai ver alguma coisa ali que eles acharam ou algum resquício de repente Algum objeto que lembre exemplo pedras Conchas daquele lugar que eles foram e alguma coisa da história daquele lugar daqueles daquele ícone da cidade daquele monumento né daqueles passo ali que eles visitaram uma coisa uma coisa bacana também mas que próximo pergunta se

5. O conteúdo é contextualizado com a História do Brasil? Se sim, você parte da História Nacional para História Regional/Local ou da História Regional/local para Nacional?

Já trabalhei das duas formas, geralmente saindo de um contexto histórico nacional para falar do Espírito Santo enquanto isso. Mas também já aconteceu de partir de uma dúvida, de um questionamento em uma aula. Eu senti necessidade, de na aula seguinte, trazer um PowerPoint falando a partir daquela pergunta. Trazer uma discussão um pouco maior e específica sobre a cidade. Por exemplo, me perguntaram, porque que Vitória tinha porto, porque Vila Velha tinha porquê e Cariacica, sendo tão próxima não tinha. Não tinha uma área portuária eficiente. Tive que explicar voltando lá na colonização, falar como que Cariacica foi utilizada como cidade-dormitório, lixão e depósito. Como fazenda de mandioca. E depois com Jeronimo Monteiro e Florentino Ávidos, no início do século XX, que construíram as Cinco Pontes e acabaram inviabilizando a área portuária e o potencial portuário de Cariacica, pois navios de grande porte, não passariam debaixo da ponte.

Então um erro estrutural e de planejamento, coibiu o potencial que Cariacica teria hoje, como uma área portuária, uma arrecadação e ICMS (imposto sobre circulação de

mercadorias e prestação de serviços de transporte interestadual e intermunicipal e comunicação) muito maior. Então a cidade ficou com menos indústria, investimentos e retorno financeiro para a sociedade.

Geralmente o que acontece, é partir de um conteúdo de História do Brasil para trabalhar História Espírito Santo dentro daquele contexto. Por exemplo, ao trabalhar o início da República, eu preciso virar para História do Espírito Santo e falar, “e no Espírito Santo como é que foi o início da República?”, “aqui no Espírito Santo quem foram os governadores?”, “o que fizeram nesse período”, “como é que foi a construção do porto?”. Eu faço uma aula de campo pelo Centro de Vitória a pé com eles (posso até te mandar depois um roteiro que eu faço). Começo ali no Palácio Anchieta, onde eu falo da formação do porto de Vitória, falo da escadaria Bárbara Lindemberg, eu explico as curiosidades das estatuas das “Estações do Ano” e da “Dona Domingas”, depois a gente desce para o Museu do Negro, a gente visita rapidinho a infraestrutura e o que que eles têm a oferecer. Explicamos porque este museu está ali e qual o significado. A gente passa pelo Parque Moscoso, fala um pouco sobre a especulação imobiliária e porque isso tem a ver com a construção da cidade. Depois a gente sobe para o convento São Francisco e volta ao Palácio Anchieta e fazemos a visita monitorada, também com algumas interferências que eu faço na monitoria, dependendo do monitor nem precisa tanto.

Depois saímos dali e vamos para Catedral Metropolitana, e eles (os alunos) amam a história dos Vitrais, a ideia das cátedras e a gente termina no Teatro Carlos Gomes e na Costa Pereira. Falamos um pouquinho sobre porque a Rua Sete, e porque se chama Sete de Setembro.

É uma visita aqui que daria para esticar um dia inteiro, até porque eles gostam tanto de ficar no Parque Moscoso, e se você deixasse, até os adolescentes grandes, querem ficar brincando. Então, a partir desse roteiro, eles geralmente costumam produzir um jornal, uma caixa de memória, um mini cartaz ou então “scrapbook”, que ele tem que colocar geralmente fotografias do antes e do depois. Como é que era esse lugar quando ele foi fundado, e como ele está agora. Eles colocam a foto deles no lugar que a gente visitou, e isso dividido em grupos que ficaram com cada local. Por exemplo, os do Parque Moscoso que vão tirar foto do Parque Moscoso, os o Convento de São Francisco vão tirar do Convento de São Francisco e assim por diante. E utilizando um microfone portátil vou explicando sobre esses lugares.

É uma doideira, porque você tem que sair da escola no máximo 7 horas e 30 minutos, para estar ali, fazemos isso de preferência com escolas mais próximas. Temos que sair correndo da escola, no máximo 7 horas e 30 minutos, para às 8 horas começar. São aproximadamente 15 minutos em cada lugar, tendo que falar muito rápido e nisso a gente vai aprendendo, sem contar que adolescente não gosta de andar, então precisamos sair puxando um, empurrando outro para poder sair do lugar, subir morro, descer morro e ainda estar na escola ao meio-dia de novo, com o ônibus esperando às 11 horas e 30 minutos para este retorno, mas vale super a pena. Todas as vezes que eu fiz, achei que foi muito legal, você passa para o menino uma outra ideia da cidade, é um vislumbre que ele diz: “oh, aí que começou o IFES. Nossa, nunca reparei isso” em frente ao Parque Moscoso tem dois edifícios de dois andares gêmeos, porém, hoje em dia estão pintadas de cores diferentes, mas aí os ferros retorcidos contêm a data de fundação e era antiga escola de artífices do Espírito Santo no qual dará origem ao Instituto Federal. Então você só percebe que são prédios gêmeos quando vê de longe ou quando alguém chama sua atenção para eles, porque devido a descaracterização, a mudança das fachadas, a colocação de placas com nomes de estabelecimentos de comércio, de marcas, acaba desconfigurando a cidade, o ideal de uma cidade histórica, de um centro histórico e a gente acaba, por conta de não ter olhar educado para admirar isso, para admirar o antigo, acaba não dando o significado. Então aquilo que tem significado, tem algum significado pelo que eu consigo enxergar e pelo significado que eu atribuo a ele. Só consigo atribuir algo, se eu tiver algo também, não tem como dar algo que eu não recebi. Tem muitas coisas, como a última casa com o nome que é uma tradição inglesa, que é uma tradição francesa que é a Vila Oscarina. É uma casa que ainda carrega o nome, é a única casa em volta do Parque Moscoso que ainda tem o nome, fruto dessa tradição inglesa e francesa, uma mistura. É um pouco eclético, mas também um pouco neoclássica e representa esse gosto rebuscado da elite capixaba e do que representou o Parque Moscoso nos anos 50 e 60 para especulação imobiliária, porque se no entorno do parque era um depósito de lixo, de mau cheiro, de um resto de várzea pestilenta, então, o que fez essas casas, como a Vila Oscarina, riquíssimas, trabalhadíssimas, caríssimas, virem ser construídas ali. Então, é lógico que houve nenhum processo de rejeição das comunidades pobres que moravam ali e tiveram que buscar outro lugar para morar, como São Pedro, que estava começando o processo de invasão nessa época, ou tiveram que subir outros morros. Quando se fala sobre um parque, no centro

de uma cidade, é lógico que vai envolver uma série de histórias, e ao me ver, o que faz essa história ser mais interessante para o aluno, é ele perceber que existem essas características, essas histórias por trás da história social, esse outro olhar. Tanto o falar da construção, essa parte oficial de quando foi construído, por que foi construído, mas você também falar de detalhes que talvez mude o olhar e faça com que ele perceba que tudo isso tem uma importância na vida dele, que é algo que pode fazer diferença numa conversa, que pode fazer diferença quando ele for falar daquele lugar para alguém, é uma sensação de pertencer, a gente se sente um pouco mais pertencente ao lugar, ao estado, quando a gente mergulha nos detalhes da construção desse lugar.

6. Qual material didático você utiliza? Faz alguma atividade em campo?

Tem as pesquisas do grupo de pesquisas da professora Priscila Chisté e da professora Dilza do IFES, os grupos de pesquisa delas geralmente falam de História do Espírito Santo e fazem uma releitura daquilo que já foi produzido. Sobre a História do Espírito Santo também tem o Miguel Kill “A História e Geografia do Espírito Santo”, tem o livro “Negros do Espírito Santo” que é um livro produzido também, com a professora Leonor, e um pouco daquilo que os livros de Ensino Fundamental trazem para a gente com os anuários, e ainda, o que tem disponível nos sites oficiais das prefeituras, mas sempre trazendo essa interrogação contra hegemônica. Sempre tentando mostrar para o aluno, por exemplo, que a construção do Palácio Anchieta, oficialmente era um colégio, mas que não foi colocado aqui por acaso. Está aqui, não apenas porque está no centro da cidade, pois é também um lugar de poder, um lugar de representação masculina, de patriarcado.

E assim a gente faz o menino entrar em das salas do Palácio, onde a monitoria mostra os quadros de todos os governadores, e às vezes algum deles percebe que o único negro ali é o ex-governador Albuíno, mas ninguém percebe por exemplo, a ausência da mulher, então você tem que chamar atenção para isso, “gente vocês estão percebendo, que além de serem majoritariamente brancos, tem outra coisa que nos chama atenção”. E, é, essa história do patriarcado, essa ausência da mulher oficialmente na história do Palácio do Governo, tudo isso é uma construção, que precisa também ser questionada, que precisa ser polemizada, sobre o pôr que, de uma ausência feminina pelo entorno da cidade, porque que a gente ver a dona

Domingas, uma mulher negra, curvada, carregando nela no saco de alguma coisa nas costas, e a escadaria Bárbara Lindemberg, que por sua vez era a mulher de um político, do Florentino Ávidos.

O que tem de feminino ali, são as estátuas que representam as estações do ano, então mulher é só alegoria ou um indivíduo inferior. Quem são os donos do Poder? Então tudo isso eu acho que o material didático nos ajuda a ter uma questão de datação. Como eu falei com você, do Miguel kill, do “Negro no Espírito Santo”, livros que foram produzidos, por exemplo, pelas prefeituras, nos sites oficiais da prefeitura de Serra, Cariacica, Vila Velha e Vitória.

Acho que é importante para gente como pesquisador e professor, sempre mostrar para o aluno que olha os anuários, os livros oficiais e a monitoria que é dada nesses locais de visitação que esses trazem um discurso pronto. Assim como lendo uma notícia, ou entendendo uma reportagem escrita ou dita, isso preciso ser de alguma forma trabalhado, a gente precisa lançar perguntas sobre esses materiais.

A gente trabalha muito com a oralidade, porque senão se torna muito enfadonho e extenso. É legal trabalhar com as dúvidas dos próprios alunos, com perguntas que eles têm, e a partir daí você tem uma discussão. Os lugares nos ajudam, quando eu vou Museu Solar Monjardim, é sempre muito bacana olhar para o menino tentando perceber aquele lugar. Um lugar que parece mesmo exalar uma fineza, que exala o poder econômico, social e representatividade elitista, mas ao mesmo tempo, traz uma certa curiosidade, isso porque aqueles artefatos que não existem mais, como aquela mesa de jantar, aquele quadro, aquele acendedor de vela, aquela calçadeira, aquela escarradeira, que não faz parte do cotidiano dele. Isso vai trazer um questionamento, e em cima desses questionamentos, que a gente pode trabalhar também a História Espírito Santo.

7. Qual a importância da história do Espírito Santo ser ensinada para esses alunos?

No oitavo e no nono ano, os meninos já tem um pouco mais de criticidade. Eu creio que seja fundamental, trazer para a discussão, essa relação de pertencimento, porque no oitavo e nono ano, eles têm essa condição de problematizar, de tentar questionar as relações de poder e trabalhar o lugar de fala. Não é porque que o menino mora em Santo Antônio, São Pedro, Ianhanguetá... porque para aquele menino é mais difícil entender a realidade da qual se fala sobre o centro de Vitória? Porque o lugar de fala

dele, o lugar de pertencimento é outro. Talvez quando ele estava no sexto e no sétimo ano, não tinha ainda essa condição, esse preparo. A gente vai tentando formar esse cidadão um pouco mais crítico, para que ele consiga ter condições de fazer esses questionamentos, de trazer esse lugar de fala, experimentar o envolvimento com a comunidade, que é o tão importante. Enfim, não sei se conseguir responder a sua pergunta, mas eu acho que é isso, no oitavo e nono ano, a gente tem essa possibilidade de diálogo um pouco mais amplo com os meninos. E por que no oitavo e nono ano, é quando você trabalha a História Moderna e a História Contemporânea, então é mais fácil inserir a História do Espírito Santo. É quando as coisas de fato, começam a acontecer no estado, e a gente tem o Brasil Império e Brasil república. A partir daí, o Espírito Santo começa a ter alguma importância política e uma representatividade na história do país.

8. Quais as dificuldades e/ou os desafios que você encontrou para ensinar a História do Espírito Santo?

Acho que uma das dificuldades eu já relatei, que é a dificuldade da gente de ter esses conteúdos já inseridos nos livros didáticos. Os livros didáticos citam Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, muitas curiosidades e conflitos no sul do país, mas não existe ainda, pelo menos eu não encontrei, um livro didático que de fato traga a História do Espírito Santo já inserida. E faz falta isso o menino olhar e dizer, “Óh, o Espírito Santo aqui”. É lógico, que eles também, tem essa capacidade crítica de falar, “E o Espírito Santo professora? Ninguém fala do Espírito Santo?”. No jornal a previsão do tempo é Sul da Bahia e Norte do Rio de Janeiro, então o Espírito Santo dificilmente é citado, e isso até hoje.

Se por um lado, talvez a gente tenha um pouco menos de violência, um pouco menos de representatividade negativa no país, menos poluição, menos tráfico de drogas, por outro lado, a gente ainda tem uma baixa representatividade no quesito história, e na representação dessa história nos livros.

Acho que se tivesse um feedback (informação), essa interação com a história do Estado, ela seria talvez um pouco mais fácil e tranquila. Porque as vezes, a gente tem que partir de um problema, de uma pergunta, de uma data comemorativa, de uma evidência, de uma questão que tenha a ver com a interdisciplinaridade com o projeto político pedagógico da escola. Não é que dependemos de um livro didático, mas sim,

como é a representatividade da população afrodescendente nos livros. Quando você só tinha a atividade do castigo, da opressão, da violência cometida, e o menino não se sente à vontade para se identificar com aquela história. Ele só vê o lado ruim. Só a partir de 2003 que a gente tem um desses livros didáticos no quesito de representação negra. E falta isso com a História do Espírito Santo.

Uma outra questão, que eu acho que torna bem difícil nosso trabalho com a História do Espírito Santo, é a falta de recursos para fazer essas visitas. Muitas dessas visitas nos são negadas. Muitas vezes a gente tem um recurso, que é direcionado para escola toda, mas a gente sabe que nem todo professor está afim de fazer visita de campo, embora eu sempre tenha feito, desde que eu me entendo por gente, em 2001 quando eu entrei na sala de aula. Até hoje, eu sempre tento fazer, mas eu percebo que é dar murros em ponta de faca.

Existe muita resistência, primeiro porque, muitas vezes a gestão não entende que isso seja de fato aula, parece que você está apenas deixando de estar na escola para fazer um passeio. Tenho altas críticas em relação a esse tipo de postura.

E dá muito mais trabalho na verdade, planejar algo, que vai além da sala de aula. Eu pelo menos, não consigo sair da escola sem ter, um roteiro já definido, sem saber, como que eu vou avaliar essa aula, sem saber, o que eu vou ter que fazer com aluno que não puder ir. É uma série de trabalhos. Muito mais, do que estar simplesmente na sala de aula, o que não é tão simples também, mas dá muito mais trabalho, estar fora.

Também existe, a ausência da História do Espírito Santo, na maioria dos livros didáticos, vezes por falta de recurso, e vezes por falta de vontade política. Por exemplo, minha vida inteira dando aula na periferia, mas conhecendo e trazendo um pouco da vivência de outros colegas, comparando por exemplo, bairros nobres de Vitória, que tem muito menos dificuldade para conseguir ônibus e realizar as visitas, do que para as regiões de periferia (a professora se refere a diferença de acesso entre as escolas públicas localizadas em regiões nobres e as de regiões periféricas).

Há uma falta de interesse em articular com as escolas, entre o que de fato vai ser feito, e aquilo que o professor quer que seja feito. Muitas vezes, o professor tem vários projetos, mas a metade deles é negado, porque você não pode monopolizar os recursos. Só que os recursos vão sobrar, entendeu. Isso porque não tem outras pessoas interessadas em fazer. Sendo assim, sobra recurso, e esse recurso não vai

ser usado. E por que você iria usar tudo. E tem o fato de não poder cobrar das famílias e alunos pelo transporte. E muitas vezes os alunos querem pagar fazer alguma coisa. Já cansei de pagar coisas, com meus próprios recursos para alunos que não tinha condições, alunos carentes. A gente quer fazer alguma coisa, quer criar uma estratégia para conseguir o recurso, para poder fazer a visita, porém somos embargados. Você nem pode usar a verba que existe para isso, por estar monopolizando, mas você também não tem condição, já que é proibido, de pedir para as famílias, um recurso para ajudar nesse custeio do ônibus. Senão, você vai responder alguma denúncia e incorrer em erro. Enfim, você fica engessado.

Eu percebo que os meus colegas acabam desistindo, porque a gente tem muita burocracia. Além de não ter os recursos suficientes. Você tem o ônibus, mas tem que fazer passar, por toda uma burocracia, para justificar a sua ausência da sala de aula e estar com os alunos fora da escola. Os colegas desistem de fazer, porque além de você pensar, planejar, ligar para o lugar para agendar, pensar o que que você vai fazer com menino que não conseguir ir por algum motivo, você ainda precisa justificar para escola porque que esse trabalho está sendo feito.

Não basta o projeto, você tem que ir oralmente, entrar, fazer uma requisição, e é, esse excesso de burocracia, que realmente acaba nos podendo. Tem que ser muito persistente, gostar muito da coisa, para você poder de fato, conseguir realizar algo diferente hoje em dia.

9. Você poderia detalhar um pouco mais sobre suas atividades em sala de aula?

Eu acho, que eu já falei de todas as visitas que eu geralmente faço. Nos falamos do Museu Solar Monjardim, da Escola de Ciência Biologia e História e do Centro Histórico. Tem uma visita também, só dos teatros. Essa última, é bem bacana, quando você pode ver o ensaio do Teatro Carlos Gomes. E ao atravessar, fala do Teatro Glória também. Regência, é uma visita muito bacana também, mas a gente tem pouco recurso, então dificilmente trabalha-se Regência hoje em dia. E depois da tragédia de Mariana, a Vila dos Pescadores, se tornou mais triste.

É muito bacana, fazer a visita as três santas (Santa Maria de Jetibá, Santa Tereza e Santa Leopoldina), onde você trabalha o processo de migração e encaixa no conteúdo. Tanto no oitavo, quanto no nono ano, você pode fazer um trajeto de um dia, e geralmente começa em Fundão e vai para Santa Teresa. Temos o Museu Mello

Leitão, a produção de Roberto Kautsky, e podemos falar sobre as nossas espécies de orquídeas e sobre o potencial do estado. A gente também visita, a Fábrica de Biscoitos Claid's que eles amam. É legal trabalhar um pouquinho do agroturismo da região. Depois a gente vai para Santa Maria de Jetibá, lá em a gente visita o Museu do Colono, e também fazemos a visita guiada no Centro da Cidade. Visitamos lojas de artesanato e terminamos a visita em Santa Leopoldina, onde a gente também visita casa do Colono, e termina o dia na pracinha, atravessando aquelas pontes.

Geralmente eu trabalho, ou fazendo entrevistas, com eles entrevistando, gravando vídeos com pessoas do local. Ou, trabalhando com fotos para saber, qual é o olhar que o menino tem daquele lugar, que momento que ele registraria, que partes da visita ele gostaria de destacar. Ele tira várias fotos, e vai escolher uma só, produzir um título para aquela fotografia, e falar da experiência dele. Por exemplo, dizendo porque três santas e a opinião dele sobre a visita, e também fazendo uma autoavaliação.

A visita em Afonso Cláudio, ao Museu das Grandes Guerras. O dono, um alemão, já está em um processo de alcoolismo bem avançado, mas a mulher dele que toma conta do lugar, sem verbas governamentais. O lugar, infelizmente está caindo em desuso, mas acho que ainda vale a pena visitar.

Visitar também, o centro da cidade e as fazendas locais, onde a gente tem, uma produção muito bacana de café, pois o agroturismo é forte na região. Acho que precisa ser valorizado. Essa é uma visita, que eu geralmente faço com professor de geografia, para falar um pouquinho de deserto verde, a respeito da substituição das madeiras nativas, a questão da agricultura familiar, da substituição das matas virgens, por floresta de eucalipto, e porque os incentivos governamentais não passam por essa por essa ideia de fazer direito, de fazer uma economia aliada a uma sustentabilidade real. Tanto para o agricultor de família mediana, quanto para o grande produtor.

Também falar como, que essa História do Espírito Santo foi construída pela mão de obra do imigrante, que por um lado veio para começar do zero, mas por outro, vieram também com interesse em grandes investimentos. A famílias tem portes diferentes e fazendas diferentes. É legal fazer esse tipo de recorte.

Quando a gente fala de café, uma visita legal também de fazer no Espírito Santo, são as fazendas de Venda Nova do Imigrante. O Café Carnielli, por exemplo, recebe muito bem a gente. É sempre bom deixar claro para os meninos, que essa construção da vida do Imigrante, também só foi possível, porque houve um tratamento diferenciado para o Imigrante, diferente daquele tratamento que foi dado ao escravo africano.

Essa ideia de prosperidade, porque é europeu, e que europeu trabalha, que não tem preguiça, e são superiores, e essa falácia da eugenia, precisa ser desconstruída. Essa, é uma boa oportunidade de abrir esse debate, mesmo lá, em loco na fazenda. Quando famílias fazem questão de exaltar a ideia do trabalho. E dizer, tudo isso aqui é fruto do trabalho conjunto da família. Questionamos (com os alunos), mas que bom que o governo brasileiro deu isenção de imposto, que bom que houve uma hospedaria para o Imigrante, que bom que não houve castigos corporais e que houve o ganho de algumas ferramentas, animais e sementes. Esse começo foi difícil? foi, mas com certeza, há uma grande diferença do processo de imigração do europeu para cá, com relação aquilo que a gente teve, em mais de 300 anos de opressão (escravidão). São várias coisas que a gente vai lembrando, mas é mais ou menos isso. Falar da história do café é muito bacana ao visitar Afonso Cláudio. Falar de agro turismo. Visitar o Museu das Grandes Guerras ou subir para o lado de Domingos Martins. Venda Nova do Imigrante e visitar as fazendas de café. O café arábica, que é o café mais caro do Espírito Santo.

10. Como você gostaria de ter um material didático da História do Espírito Santo? Tem alguma sugestão de organização e disponibilização que atenderia os professores auxiliando-os nas aulas?

Se tivesse um blog. E eu pensei nisso, quando estava fazendo uma entrevista para o mestrado do IFES. Pensei justamente nisso, na ideia de produzir um website, que fosse direcionado para o ensino de história, aliado a esse passo a passo do que fazer, e em qual conteúdo.

O website da Joelza Ester Domingues, eu acho muito legal. Ela é professora e produtora de livros didáticos. Ela trabalha com a temporalidade, História do Brasil Império, Colônia e República, e dentro de cada subtema ela vai indicar filmes, bibliografia, e ela trabalha com textos e artigos dela, e de outros professores.

Está faltando isso. Se a gente tivesse um website, que pudesse nos fornecer essas experiências, de repente seria muito bacana.

Se você, se disponibiliza-se a fazer um website, que juntasse essas experiências e divide-se em blocos, “como trabalhar com a pré-história do Espírito Santo”, “como trabalhar com colonização”, “como trabalhar no período imperial e na república” e como a gente pode inserir e usar a História do Espírito Santo e os questionamentos.

Trabalhar também com ideias para projetos. É uma metodologia ativa que está muito na moda é a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Quando você traz uma pergunta, tipo essa, “como trabalhar melhor a História do Espírito Santo?”, primeiro você precisa de uma tempestade de ideias, que é isso que você está tentando montar com os professores e profissionais, e a partir daí você começa a dividir e subdividir problemas em outros, e talvez a partir daí, sistematizar respostas. Acho que uma solução, seria de repente um site ou um blog, algo que tivesse mais acessível, que tivesse uma abrangência maior para o estado inteiro e para a comunidade pedagógica do Estado do Espírito Santo.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA NOVA ENTREVISTA COM A PROFESSORA THAÍS DANTAS DOMINGOS CAMPOS DE OLIVEIRA

DATA: 04/11/2020

HORÁRIO: 13:30 HORAS

DURAÇÃO: 8 MINUTOS

LOCAL: APP WHASAPP

1. Você poderia detalhar um pouco mais sobre suas atividades em sala de aula?

Existe um projeto que eu trabalhei em 2019 nas escolas que eu estava no momento. Na EMEF Prezideu Amorim pela manhã e na EMEF Álvaro de Castro Mattos à noite. Trabalhei concomitantemente nessas duas escolas.

Esse ano eu trouxe uma nova roupagem para trabalhar com ele de forma remota na EMEF Padre Anchieta, da Ilha de Santa Maria. Antes, eu trabalhava com os meninos da EJA e agora com os meninos do das séries finais do ensino fundamental, a experiência que eu tenho vivido com esse projeto, é que este dialoga com educação patrimonial, a ideia é a gente transcender os muros da escola. O aluno tem que entrar em contato com o que ele vivência no seu cotidiano, com a história do seu bairro, a história da sua cidade, com as edificações públicas, com as edificações privadas, e todas elas contam uma história, e, é esse diálogo permanente da educação formal com outros espaços e outros saberes da educação que eu tenho trabalhado nesse projeto. Esse projeto tem como objetivo, ampliar os muros da escola na tentativa de aproximar a ideia de pertencimento, seja da pequena comunidade do Bairro, da cidade ou do Brasil e até mesmo de uma consciência planetária. O menino precisa ter o conhecimento da sua história primeiro. Então a gente tenta identificar na sala de aula quantos são capixabas, e se são filhos de mineiros... ou seja, a gente quer saber a origem desse aluno. Por que a gente sabe que, por muito tempo, essas gerações que a gente tem em sala de aula, não são filhos de capixabas. Eu por exemplo, sou filha de mineiro, meu pai é mineiro de Juiz de Fora e minha mãe é capixaba de Vila Velha. A maior parte de nós, somos oriundos desses outros vizinhos. Filhos de baianos, mineiros, cariocas e outros. Essa é um pouco da origem com relação a nossa naturalidade. Além dessa origem territorial, a gente também tem a origem étnica, que é um outro resgate, que a gente faz com a História do Espírito Santo, fazendo este menino se reconhecer pertencente a um grupo étnico, não somente pela cor de sua

pele, mas também pelo seu linguajar, pelos hábitos culinários que a sua família tem, hábitos musicais. Todos esses referenciais familiares, são constituintes deste pertencimento do aluno, que começa a partir de si, e depois com a história local, a história da cidade, a História do Brasil e a História Geral.

É um projeto Institucional, que toda escola tem que participar. Essa experiência não pode ser somente da disciplina de história, tem que se trabalhar de forma transdisciplinar, tem que atravessar todo o conteúdo da escola. Eu sempre apresento esse projeto, logo no início do ano para escola toda, e procuro logo alguns parceiros. Normalmente, quando eu estou na escola a mais tempo, eu sempre tenho um time de professores que gostam de projeto. A gente se amarra no final do ano, para pensar o ano vindouro. Quando é uma escola nova, na primeira semana eu já apresento o projeto e as ideias, e compartilho com o grupo, e aqueles que são mais afeitos a trabalhar com projeto logo o abraço. E esses projetos são coletivos, eles surgem de uma ideia, que normalmente é estudar o Espírito Santo, porque todo mundo quer saber um pouco da sua origem, e a gente começa a sentar e fazer aquele “toró” de palpites. Todo mundo pensa, todo mundo define o que é essencial, como dança, culinária, a língua, o território, as suas riquezas naturais e o que mais a gente precisa conhecer desse lugar que a gente vive. Eu sempre parto do princípio, de que a história é o Norte, pois a nossa história é o nosso Norte. Eu compartilho com os colegas e eles abraço, e depois a gente senta para pensar melhor e esquematizar o projeto. Ressalto que é sempre um projeto coletivo. Um projeto nosso, e não só um projeto da disciplina de História ou da professora Thaís.

2. Como você gostaria de ter um material didático da História do Espírito Santo? Tem alguma sugestão de organização e disponibilização que atenderia os professores auxiliando-os nas aulas?

Da mesma forma que eu encontro pares dentro da escola, eu acho que uma estratégia bem interessante é fazer na rede. Na rede em que você está inserido. Eu, por exemplo, estou na rede de Vitória, e por que não apresentar este projeto, nesses encontros de formação da área de humanas. Com História e Geografia primeiramente, e depois com interesse das demais áreas, a gente ampliar isso para rede. Eu acho que é um projeto auspicioso, ele realmente é ousado, e acho que ele ficar retido em uma escola é pouco. Quando a gente pensa um projeto, a gente pensa grande. Eu

pelo menos gosto de tudo faraônico, seria interessante a gente pensar em um projeto desse, para toda rede de Vitória, e todas as escolas fariam o seu projeto institucional pensando na História do Espírito Santo. Nós teríamos várias etapas do projeto no decorrer do ano várias, e no final do ano a gente poderia fazer um encontro dessa rede de Vitória. Como tinha antigamente com a rede de esportes que celebrava o JEMVI (Jogos Escolares Municipais de Vitória) e o encontro de todas as escolas do Município de Vitória. Poderíamos ter uma grande feira, ou um seminário, não sei o nome que a gente daria, mas seria com base nessas etapas vivenciadas nas escolas, e escolheríamos um momento vivido de cada unidade ensino, para depois compartilhar em um grande evento. Sendo o projeto História do Espírito Santo Sua Terra, Sua Gente, Suas Cores, Seus Sabores e Seus Amores (projeto que a prof.^a Thaís desenvolve). Teríamos uma grande feira dos municípios do Estado do Espírito Santo, onde a gente teria música, poesia, culinária, dança, publicação de livro e apresentação dos trabalhos desenvolvidos nas unidades de ensino. Não sei se você era dessa época, mas antigamente existia a feira dos municípios, mas com outra pegada, era mais uma feira de negócios. Essa seria uma feira histórica e cultural, bastante criativa. É a ideia que eu tenho para a expansão desse projeto.

APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA NOVA ENTREVISTA COM O PROFESSOR WAGNER MEIRA DOS SANTOS

DATA: 06/11/2020

HORÁRIO: 18:30 horas

DURAÇÃO: 17 min

LOCAL: APP GOOGLE MEET

1. Você poderia detalhar um pouco mais sobre suas atividades em sala de aula? Tem especificamente dois anos que eu comecei a trabalhar com “Espírito Santo”. Já dou aula há onze anos, mas em Vitória que recebi essa pressão para trabalhar a questão da identidade, comecei a dois anos, e foi o primeiro lugar que me cobrou, pois antes só trabalhava havia trabalho pela Rede Estadual e Municipal em Cariacica. E me senti na obrigação de estar buscando este conteúdo. Eu me formei na CESAT (Centro de Ensino Superior Anísio Teixeira) e lá nós não tivemos na grade a discussão sobre essa temática, nem mesmo sobre a História da África.

Eu me lembro que no meu preparatório para o vestibular em 1998-1999 havia uma professora que vendia um livro sobre o Espírito Santo, mas eu não me recordo o nome dela, era uma professora da Ufes. Esta professora deu uma palestra sobre a História do Espírito Santo no Vestibular. Aquele momento mexeu muito comigo, nunca havia ouvido falar na História do Espírito Santo, mesmo sendo capixaba, nunca tive essa identidade. E isso acabou passando batido quando me constituí professor de História, pois parti para outros temas. Eu sempre gostei muito de Idade Média, pois sou apaixonado pelo tema, me especializei mais em Idade Média, pois inclusive foi a temática que desenvolvi no meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Eu tenho muitos elementos sobre isso, mas Vitória me cobrou, tive uma pedagoga que me cobrou e isso faz a gente crescer. Comecei a buscar informações, associando a História do Espírito Santo as “Grandes Navegações”. Historicamente falando, eu acho que, depois que a gente vem trabalhando a História da Mesopotâmia até chegar as Grandes Navegações, e seguimos para a colonização, pego o Espírito Santo como modelo. Eu trabalho a questão das especiarias, sobre o clima do Brasil, aprofundo um pouco na questão do patrimônio histórico do Espírito Santo, trabalhando em Vitória, pois Vitória é o berço dessa construção. Então eu comecei a abordar desta forma,

trabalhando as Grandes Navegações e para poder pontuar, materializar o conhecimento eu procurei trabalhar mais em Vitória, e também obviamente Vila Velha. O material que eu tenho, peguei todo na internet, procurei por vídeos, mas não encontrei nada com um visual legal e bacana. Então trabalhei mais com imagens e eu gosto muito de trabalhar com Power Point. Eu já tive acesso a livros sobre a História do Espírito Santo, mas eu acho muito frio, prefiro que o aluno esteja visualizando algo que ele já conhece e ver que ele já passou por ali. Eu acho muito mais lúdico quando o aluno consegue realizar associações. Busco material na internet, pois acho os livros muito técnicos e para o fundamental 2 (Anos Finais do Ensino Fundamental) o aluno não terá a facilidade de compreender. Esse conteúdo eu geralmente trabalho no sétimo ano, especificamente nesta série.

2. Como você gostaria de ter um material didático da História do Espírito Santo? Tem alguma sugestão de organização e disponibilização que atenderia os professores auxiliando-os nas aulas?

Eu também trabalho na Rede de Cariacica e existe um vídeo que fala de forma bem breve sobre a História do Espírito Santo. Se eu não me engano o nome deste vídeo é “Valores de Cariacica” e ele traz o Espírito Santo, fala das Capitânicas Hereditárias e da influência indígena em Cariacica, se eu não me engano é um vídeo de aproximadamente seis minutos e traz muita informação de Cariacica. É um vídeo muito rico com imagens, traz pouco do Espírito Santo, mas foca bem em Cariacica. Então, eu acho que deveria haver alguma coisa nessa condição visual. Esse é o primeiro ponto, um vídeo. Que alguém preparasse um vídeo com uma linguagem bem simples, onde pessoas da EJA, pois trabalho também na EJA, conseguisse entender e se apropriar da informação. Onde a pessoa pudesse passar por um lugar e reconhecer a história, um vídeo que tivesse esse cuidado na construção, curto e objetivo.

O segundo ponto é que eu acredito que livro no caso do fundamental 2 (Séries Finais do Ensino Fundamental) o aluno já está muito virtual, então o vídeo teria um alcance maior e uma absorção maior do que pedir ao aluno para ler. Hoje temos que dar ponto para o menino ler, infelizmente está assim, e isso é geral.

Vitória é uma ilha e a colonização começou aqui, então eu sugeri a escola que aderisse a um projeto de uma empresa marítima que fica em Camburi, porém antes

mesmo de entrar em contato com a empresa a escola se posicionou contrária, pois devido a um acidente que ocorreu na escola a uns anos atrás. Portanto a escola informou que havia uma proibição em qualquer tipo de atividade que envolvesse risco com água. Eu não queria levar os meninos para praia, eu queria levar os meninos para uma escuna, pois eu tenho experiência com pesca e embarcação. A prefeitura conseguiria fazer um agendamento do ano todo para esse turismo pedagógico. Em Cariacica já houve este projeto em uma outra gestão e eu tive a felicidade de poder participar. Neste turismo pedagógico, entrariam o professor de história, ciências, geografia... com uma dinâmica interdisciplinar e seria fantástico. E iríamos iniciar essa jornada na Terceira Ponte para ele visualizar a baía, conduzindo o passeio para o lado da prainha onde iniciou-se a colonização e fazer ele entender esse processo, depois a gente viria para Vitória e os professores de história, geografia e ciências interagindo com eles e pontuando toda essa construção. A ideia seria esta, um passeio de uma ou uma hora e meia e durante um dia daria para levar até duas turmas, dependendo do tamanho da embarcação. E isso é claro, com toda segurança e cuidados e envolvendo outras secretarias. Não sei se chamaria de jornada ou projeto, mas seria extremamente rico e tocante e para o aluno em si, seria uma oportunidade. Deveria haver isso a nível de Espírito Santo e seria interessante até para os professores que como eu não tiveram essa experiência enquanto estudantes. Falar de uma coisa que você viveu é muito mais fácil porque você irá recorrer sua memória. Nós enquanto professores vamos recorrer aos livros, mas a vivência da nossa infância, aquele prego no pé do passado é vivo na gente. Esse projeto deveria ser inserido na grade curricular.

No lúdico, estou construindo um projeto. Imagine um Zigurate com gavetas e nessas gavetas eu estou colocando fichas com informações, com cartas e nelas existem perguntas, como por exemplo, “Qual a cidade, onde começou o Espírito Santo?”. Sendo assim, teríamos um aluno de destaque, e faríamos de duas a quatro equipes na sala de aula, com essa dinâmica de perguntas e respostas numa aula de revisão. Esse projeto em não pensei somente para o Espírito Santo, mas para outras temáticas também. As perguntas seriam retiradas de uma aula expositiva, com textos. Nas aulas eu também costumo usar uma espécie de cruzadinha, onde eu coloco no meio da folha “Espírito Santo” e o aluno tem que trazer do texto uma pergunta e a resposta tem que encaixar, pois é o aluno que forma a cruzadinha. Eu só dou a coluna, que é o assunto e o aluno cria uma pergunta com resposta e as perguntas mais bem

formuladas vão ser utilizadas na minha prova sobre o Espírito Santo. As perguntas da minha prova, vem deles, e o aluno consegue identificar as que são dele. E assim ele estará conseguindo fazer uma análise do texto. Então eu não me preocupo em construir as perguntas para este jogo, pois os alunos durante o próprio processo vão construir. Eu tenho muitas perguntas, cada aluno fica responsável por elaborar umas dezesseis perguntas, pois são alunos do sétimo ano. Eu falo do Zigurate porque é o que eu achei mais prático, mas não precisa ser este modelo. Eu posso colocar vários andares, um para cada turma/série ou tema. Seria um jogo informativo construído pelo próprio aluno.

ANEXO A – MODELO DE CARTA DE CESSÃO



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente termo eu, _____, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de Vitória/ES, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada na cidade de _____/ES, no dia __ de ____ de _____, para o mestrando em educação.

Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo.

Pela presente cessão, autorizo o uso integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisador/mestrando **Angelo da Conceição Demuner**, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Vitória, ____ de _____ de _____.

Assinatura e CPF

ANEXO B – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELA PROFESSORA THAÍS DANTAS DOMINGOS CAMPOS DE OLIVEIRA



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente termo eu, **Thaís Dantas Domingos Campos de Oliveira**, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de Vitória/ES, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada na cidade de Vitória/ES, no dia 13 de Agosto de 2019, para o mestrando em educação.

Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo.

Pela presente cessão, autorizo o uso integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisador/mestrando **Angelo da Conceição Demuner**, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Vitória, 02 de fevereiro de 2021.



Assinatura e CPF

045.983.527.01

ANEXO C – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELO PROFESSOR WAGNER MEIRA DOS SANTOS



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente termo eu, **Wagner Meira dos Santos**, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de Vitória/ES, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada na cidade de Vitória/ES, no dia 13 de agosto de 2019, para o mestrando em educação.

Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo.

Pela presente cessão, autorizo o uso integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisador/mestrando **Angelo da Conceição Demuner**, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Vitória, 02 de dezembro de 2020

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha tracejada horizontal.

Assinatura e CPF

045.684.317-51

ANEXO D – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELO PROFESSOR CARLOS FABIAN DE CARVALHO



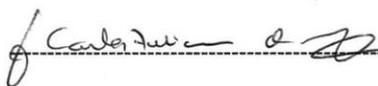
CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente termo eu, **Carlos Fabian de Carvalho**, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de Vitória/ES, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada na cidade de Vitória/ES, no dia 13 de junho de 2020, para o mestrando em educação.

Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo.

Pela presente cessão, autorizo o uso integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisador/mestrando **Angelo da Conceição Demuner**, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Vitória, 03 de fevereiro de 2021.



Assinatura e CPF

082339247-65

ANEXO E – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELO PROFESSOR JOSÉ ELIAS ROSA DOS SANTOS



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente termo eu, **José Elias Rosa dos Santos**, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de Vitória/ES, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada na cidade de Vitória/ES, no dia 15 de junho de 2020, para o mestrando em educação.

Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo.

Pela presente cessão, autorizo o uso integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisador/mestrando **Angelo da Conceição Demuner**, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Vitória, 02 de fevereiro de 2021.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'José Elias', is written over a horizontal dashed line.

Assinatura e CPF

997.627.577-34

ANEXO F – CARTA DE CESSÃO ASSINADA PELA PROFESSORA PRISCILLA LAURET COUTINHO



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente termo eu, Priscilla Laurete Coutinho, brasileiro, residente e domiciliado na cidade de Vitória/ES, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, realizada na cidade de Vitória/ES, no dia 14 de junho de 2020, para o mestrando em educação.

Essa autorização **inclui** a revelação da identidade do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo.

Pela presente cessão, autorizo o uso integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data, para fins de subsidiar atividades acadêmicas do pesquisador/mestrando **Angelo da Conceição Demuner**, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, no intuito de contribuir com informações para a confecção do seu trabalho de pesquisa.

Vitória, 03 de fevereiro de 2021.

/ 077748317-38

Assinatura e CPF